

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

ÁREA, CARCAÇA DO TEMPO DO CAPITAL:  
Richard Hartshorne e a Geografia para o capital e para o império.

São Paulo,  
Abril de 2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

ÁREA, CARCAÇA DO TEMPO DO CAPITAL:  
Richard Hartshorne e a Geografia para o capital e para o império.

Relatório de Exame de Qualificação  
(Mestrado) apresentado ao Programa de Pós-  
Graduação em Geografia Humana da  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas da Universidade de São Paulo.

Mestrando: Marcel Di Angelis (Nº USP: 8191882)  
Orientador: Manoel Fernandes de Sousa Neto  
Co-orientadora: Alexandrina Luz Conceição

São Paulo,  
Abril de 2014

## Relatório de Qualificação

### Sumário

|   |              |
|---|--------------|
| <b>1. Programas e atividades desenvolvidas .....</b>  | <b>p. 4</b>  |
| 1.1. Disciplinas cursadas .....   | p. 4         |
| 1.2. Participação em eventos .....  | p. 6         |
| <b>2. Projeto de pesquisa .....</b>   | <b>p. 7</b>  |
| 2.1. Resumo .....   | p. 7         |
| 2.2. Problema de Pesquisa e Objetivos do Estudo.....  | p. 8         |
| 2.3. Quadro Teórico-Conceitual .....  | p. 11        |
| 2.4. Metodologia da Pesquisa .....  | p. 23        |
| 2.4.1. Eixos de Investigação.....   | p. 24        |
| 2.4.2. Fontes de Informação .....   | p. 25        |
| 2.4.2.1. Fontes Primárias .....   | p. 25        |
| 2.4.2.2. Fontes Secundárias .....   | p. 27        |
| 2.4.3. Trabalho de Campo .....  | p. 28        |
| 2.4.4. Cronograma .....   | p. 28        |
| 2.5. Referências Bibliográficas .....   | p. 29        |
| <b>3. Resultados preliminares/parciais da pesquisa .....</b>  | <b>p. 32</b> |
| 3.1. <b>Capítulo 1.</b> Um debate sobre Método .....  | p. 33        |
| 3.1.1 Roteiros para a reabertura do passado.....  | p. 34        |
| 3.1.2 A superação da “amolação da faca metodológica” .....  | p. 45        |
| 3.2. <b>Capítulo 2.</b> Dos pés à cabeça ou os Deuses descem ao centro da Terra: o chão da filosofia e da ciência na passagem do século XIX para o século XX nos EUA..... | p. 47        |
| 3.3. <b>Capítulo 3.</b> A Geografia: sua natureza, seu método e seus propósitos, ditos e não ditos .....  | p. 74        |
| 3.4. Referências Bibliográficas .....   | p. 104       |

## 1. Programas e atividades desenvolvidos

### 1.1. Disciplinas cursadas

#### FLS5118-1/2 – **Aspectos da Dialética do Esclarecimento**

Departamento de Sociologia

Prof. Dr. Ricardo Musse

1º Semestre de 2013

A disciplina examinou as contradições da racionalidade, desde a sua gênese no mito até suas manifestações atuais. Em *Dialética do Esclarecimento* (1947), cuja redação se iniciou na década de 1930, Theodor Adorno e Max Horkheimer examinam a tese de que “o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia”, sob o mote “no sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal”.

Optei por esta disciplina porque ela contempla uma abordagem diferenciada sobre a racionalidade, e porque nos serve como crítica filosófica do contexto histórico em que a obra foi produzida, contemporaneamente à concepção de geografia que estamos analisando.

#### EAE5991-2/1 – **História das Idéias Econômicas**

Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade

Prof. Dr. José Soromenho e Prof. Dr. Pedro Garcia Duarte

2º Semestre de 2013

Disciplina obrigatória do Doutorado em economia na área de Economia do Desenvolvimento e é importante por dar uma dimensão histórica de desdobramentos fundamentais da ciência econômica que se tornou, no século XX, uma ciência de modelos e com um uso particular de matemática.

O objetivo da disciplina Foi fazer um panorama dos principais desdobramentos teóricos da ciência econômica. A disciplina se iniciou com uma discussão de quatro etapas fundamentais do “pensamento econômico”: (1) a teoria clássica; (2) as teorias dos ciclos das três décadas do começo do século XX; (3) a Teoria Geral de Keynes; e

(4) a gênese da estrutura IS-LM e as interpretações da obra de Keynes. No período clássico, destacaram-se as ideias de **ordem espontânea** e de **reprodução** e suas relações com o pensamento atual. Na literatura pré-keynesiana, foram estudadas as teorias monetária, do capital e dos ciclos que estão na origem da macroeconomia. A disciplina prosseguiu com uma perspectiva histórica dos desenvolvimentos recentes em economia, usando a teoria macroeconômica como guia.

Optei por esta disciplina porque além de permitir entender o desenvolvimento histórico do “ponto de vista da economia política” e possíveis relações com outras ciências sociais, permitiu também entender profundamente qual a lógica do planejamento face ao processo de acumulação do capital no contexto do século XX e a “intervenção” estatal que a ele está profundamente associada.

**DFD5910-1/1 – Direito, Moeda e Sociedade**

Departamento de Filosofia do Direito

Prof. Dr. Jean-Paul Veiga Rocha

2º Semestre de 2013

A disciplina discutiu a relação entre o direito e a moeda enquanto instituição social, bem como as teorias, políticas e instituições relativas à autoridade monetária e à gestão macroeconômica da vida social, com enfoque interdisciplinar. Abordou a moeda e o sistema financeiro, nas suas dimensões política, econômica e social, no contexto da agenda mais ampla de preocupações comuns da Sociologia Jurídica e da Sociologia Econômica.

Escolhi a disciplina porque a dimensão internacional dos problemas tratados esteve presente ao longo de todo o curso, tratando de períodos históricos importantes na vida dos Estados Unidos, especialmente aquele no qual se formou a geografia amerciana, entre o final do século XIX e início do século XX, marcado pela quebra do padrão-ouro e pela crise de 1929, revelando uma espécie de padrão de comportamento dos estados em tempos de crise capitalista.

**FLG5118-2/1 – Abordagens Teóricas e Metodológicas em História da Geografia**

Departamento de Geografia

Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto

2º Semestre de 2013

A história do pensamento geográfico pode ser apreendida a partir de muitas possibilidades historiográficas e acorde com temporalidades e espacialidades muito amplas, anteriores e contemporâneas à história da disciplina científica e universitária em que se constituiu a Geografia a partir do século XIX. Ao investigar o contexto e institucionalização das diversas formas de pensar e fazer Geografia, indagando fontes documentais diversas e descontinuidades próprias das matrizes do pensamento, podemos entender: as estratégias institucionais, o papel da formação geográfica do mundo no âmbito da formulação de ideias e ideologias, a relação da disciplina com as demais ciências e aspectos relacionados à elaboração, recepção e circulação de teorias e práticas geográficas dentro e fora da Geografia.

Escolhi a disciplina porque ela é fundamental para compreender as diversas abordagens para a escrita da história da geografia, já que a nossa pesquisa parte de uma abordagem crítica aos métodos comumente utilizados para relatar essa história. O objetivo maior com a escolha dessa disciplina foi encontrar elementos que auxiliassem na elaboração de um deslocamento teórico naquilo que até então compreendemos como sendo história da geografia.

## **1.2. Participação em Eventos**

Participação na Mesa Redonda 3, com o tema “Teorias Imperialistas ou sobre o Imperialismo”. **Uma Geografia para o Capital e para o Império: Richard Hartshorne.** *In: Geografia e Imperialismo: De Rosa a Harvey.* Seminário, 2012, São Paulo – SP/FFLCH-USP. 09 a 11 de dezembro de 2013.

**Conferência do Prof. István Mészáros: A montanha que devemos escalar – reflexões sobre o Estado.** Teatro TUCA, PUC SP. São Paulo-SP, 18/11/2013.

**Conferência do Prof. David Harvey: Os limites do capital.** Centro Cultural São Paulo: São Paulo-SP, 26/11/2013.

## **2. Projeto de Pesquisa**

### **2.1. RESUMO**

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo investigar a produção intelectual do geógrafo Richard Hartshorne e a sua vinculação com contexto histórico e com o Estado norte-americano entre as décadas de 1920 e 1950. Neste período de quatro décadas o autor formulou suas principais ideias e ocupou cargos importantes no Estado norte-americano, ao mesmo tempo em que os EUA se consolidavam como potência imperialista. Nesse contexto, marcado pela grande crise capitalista de 1929, pelo surgimento da doutrina de planejamento regional nos EUA e pela Segunda Guerra Mundial, buscaremos responder em que medida a obra de Hartshorne foi influenciada e influenciou as controvérsias políticas, econômicas e intelectuais da época a ponto de contribuir para a consolidação do imperialismo norte-americano. Recusando-nos a explicar a sua obra exclusivamente a partir de uma leitura internalista de filosofia da ciência, partiremos do pressuposto de que há uma tendência geral da geografia hartshorniana a vincular-se com a temática do planejamento estatal capitalista, talvez residindo aí a sua proeminência frente a outras propostas que lhe foram contemporâneas. A pesquisa será de caráter bibliográfico e se debruçará sobre três categorias analíticas presentes em seus escritos: Área, Estado e Fronteira. Os documentos serão levantados no Portal de Busca Integrada da Universidade de São Paulo, na sede da Associação dos Geógrafos Americanos e na Biblioteca do Congresso Americano em Washington, DC. A pesquisa contribuirá para o preenchimento de uma lacuna existente nos escritos sobre Geografia no Brasil, que é o envolvimento da “geografia hartshorniana” na política de Estado norte-americana.

**Palavras-chave:** Richard Hartshorne, História da Geografia, Estados Unidos da América, Planejamento, Imperialismo.

## 2.2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS DO ESTUDO

A abordagem da produção de Richard Hartshorne que é feita pela Geografia escrita no Brasil comumente lhe dá um caráter epistemológico, colocando em segundo plano a perspectiva histórica do contexto político e econômico no qual o matemático e pós-graduado em Geografia produziu seus textos. Normalmente são indicadas duas obras: *A Natureza da Geografia: uma pesquisa crítica do pensamento atual à luz do passado* (1939)<sup>1</sup> e *Questões sobre a Natureza da Geografia* (1959)<sup>2</sup>. Da primeira, não se encontra tradução para a língua portuguesa. Já a segunda, possui duas edições nesse idioma; uma delas com esse mesmo nome, datada de 1969, e a outra sob o nome de *Propósitos e Natureza da Geografia* (1978).

Supomos que na base dessa forma de abordagem feita no Brasil estejam, em proporção variada, os seguintes aspectos:

- a) o caráter fortemente epistemológico dos textos sobre Geografia no Brasil;
- b) o fato de que clássicos de grande circulação no Brasil apresentam quase que exclusivamente esse aspecto da produção hartshorniana, a exemplo de: *Geografia: Conceitos e Temas* (CASTRO, 2008)<sup>3</sup>, *Geografia Política e Geopolítica* (COSTA, 2008), e *Geografia: Pequena História Crítica*<sup>4</sup> (MORAES, 2007); e
- c) o fato dos principais textos do autor que abrem caminho para outras abordagens ainda não terem sido traduzidos para o português e serem de circulação restrita a um reduzido número de centros de pesquisa, incluindo nesse grupo o conjunto de “*Notas Rumo a uma Biobibliografia da Natureza da Geografia*”, publicado pelo autor em 1979, ano em que boa parte dos clássicos já havia sido traduzida no Brasil.

Entre os escritos mais recentes no Brasil, podemos apontar dois que dão continuidade a essa forma de abordagem: a dissertação de Mestrado de Everaldo Macena de Lima Neto datada de 2012 e intitulada “*Sobre a Natureza da Geografia*

---

<sup>1</sup> No original: *The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past*. Annals of the Association of American Geographers, Vol. 29, No. 3 (Sep., 1939), pp.173-412

<sup>2</sup> No original: *Perspectives on the Nature of Geography*. Chicago: Rand McNally, 1959.

<sup>3</sup> Referimo-nos, especificamente, aos artigos de Paulo César da Costa Gomes e Roberto Lobato Corrêa que fazem parte desse livro. Outros trabalhos de menor circulação, mas que tratam o pensamento de Hartshorne de forma semelhante são: Lencioni (1999) e Sposito (2003).

<sup>4</sup> A relativa exceção fica por conta do *Geografia: Pequena História Crítica*, que, após apresentar a proposta de Hartshorne, faz uma breve contextualização do movimento de renovação da geografia, talvez em função das limitações de extensão dessa publicação.



entre Richard Hartshorne e Fred K. Schaefer: um fragmento inacabado”; e a tese de Doutorado de Antonio Marcos Roseira, datada de 2011, e intitulada “*Nova Ordem Sul Americana: Reorganização Geopolítica do Espaço Mundial e Projeção Internacional do Brasil*”.

Na produção realizada em outros países o problema parece permanecer. Nela, Hartshorne também aparece pelo prisma do debate epistemológico. Uma incursão por alguns dos principais periódicos internacionais revela-nos essa questão. São os casos de: Ausdal (2006), Barnes e Sheppard (2010), Brunn e Entrikin (1989)<sup>5</sup>, Could (1991), Ford (1995), Harvey e Wardenga (1998), Lewis (2000), Kenzer (1989), Livingstone (1991), Mathewson (2006), McCormack (2012), Muir (1998), Stoddart (1989; 2000), West (1990).

Outra leitura que também é passível de ser feita a partir do conjunto desses textos, é que, além da forte abordagem epistemológica, eles parecem sugerir haver três momentos na produção de Hartshorne: uma “geografia da localização das atividades econômicas” no início da sua carreira, um esforço filosófico centrado em “*A Natureza da Geografia*” e um trabalho especializado de Geografia Política. Embora isso não seja dito de maneira explícita em alguns casos, é uma interpretação que se põe à primeira vista e que ainda é reforçada em veículos de informações que possuem grande audiência internacional, como no caso do *The New York Times*, maior jornal norte-americano e um dos maiores do mundo, que afirmou, por ocasião da morte de Hartshorne, ser o professor “especializado em geografia econômica e política bem como em filosofia da geografia”<sup>6</sup>.

Nesta pesquisa não se propõe, contudo, nem uma abordagem estritamente epistemológica, nem a separação da produção do autor em três especialidades. Isso nos parece ser um equívoco. Postas essas questões, impõe-se, ao contrário, a necessidade de realizar uma análise histórica do contexto econômico e político dos seus escritos, segundo três eixos (biográfico, contextual e interpretativo), que dê conta de explicar os aspectos da sua obra que não são respondidos exclusivamente a partir do debate filosófico dos pressupostos da geografia. Buscar-se-á responder às seguintes perguntas:

---

<sup>5</sup> Publicação ocasional da Associação dos Geógrafos Americanos que reúne 9 textos de geógrafos sobre o pensamento de Richard Hartshorne. Depois das duas principais obras do autor (HARTSHORNE, 1939; 1959) é, junto com *Notes toward a bibliobiography of The Nature of Geography* (HARTSHORNE, 1979), uma das publicações mais citadas quando o assunto é o pensamento do geógrafo.

<sup>6</sup> No original: “Professor Hartshorne specialized in economic and political geography as well as the philosophy of geography”. *The New York Times. Obituaries*. 10 de novembro de 1992. Tradução nossa.

- a) Qual o envolvimento de Richard Hartshorne com o Estado norte-americano ao longo do período que se estende de 1920, década em que inicia a sua formação acadêmica em Geografia, a 1950<sup>7</sup>, década em que escreve os seus últimos textos de grande impacto, ocupa os últimos cargos de destaque no Estado norte-americano e na qual a hegemonia imperialista norte-americana está consolidada?
- b) Em que medida o contexto histórico desse período, marcado por disputas políticas e ideológicas, por uma forte crise econômica, e pela Segunda Guerra Mundial, suscitou uma geografia voltada para o planejamento estatal capitalista, a ponto de possivelmente influenciar temas de pesquisa, categorias de análise e métodos de abordagem na geografia feita em território norte-americano, especialmente as categorias Área, Estado e Fronteira<sup>8</sup>?
- c) Por que, em um momento de afirmação da geografia nos Estados Unidos, a proposta de Hartshorne alcançou maior proeminência frente a outras abordagens contemporâneas a ela e porque essa mesma proposta sempre foi apresentada desconexa do contexto histórico em que apareceu e tomou forma?
- d) Em que sentido a geografia elaborada por Hartshorne serviu à consolidação da hegemonia imperialista norte-americana?

Frente a essas questões, a nossa proposta de investigação tem como objetivos os seguintes:

- a) Identificar e analisar os vínculos formais e informais de Richard Hartshorne com o Estado norte-americano entre as décadas de 1920 e 1950.
- b) Compreender em que medida esses vínculos e o contexto histórico do período, para além das marcas filosóficas dos geógrafos europeus existentes no seu pensamento, influenciaram temas de pesquisa, categorias de análise e métodos de abordagem na geografia Hartshorniana, especialmente as categorias Área, Estado e Fronteira, permitindo identificarmos na sua proposta uma tendência geral a vincular-se com a temática do planejamento estatal capitalista.

---

<sup>7</sup> Embora o período da nossa proposta de investigação se estenda de 1920 a 1950, no item 3 do projeto, que define a Metodologia da Pesquisa, estão indicados três textos do autor que são posteriores à década de 1950, pois esclarecem questões tratadas pelo autor em décadas anteriores.

<sup>8</sup> Utilizaremos essas três categorias analíticas como recorte orientador da pesquisa, embora estejamos abertos à inclusão de outras que se mostrem relevantes ao longo da investigação.

- c) Buscar respostas para a proeminência da geografia proposta por Hartshorne tanto nos meios acadêmicos quanto na rotina do Estado norte-americano e para o seu frequente deslocamento, face ao momento histórico em que se constituiu, quando apresentada em textos da Geografia.
- d) Elencar as possíveis contribuições da geografia elaborada por Hartshorne à consolidação da hegemonia imperialista norte-americana.

### 2.3. QUADRO TEÓRICO CONCEITUAL

A primeira questão que se coloca para nós (referente aos vínculos formais e informais entre Hartshorne e o Estado norte-americano), ao que nos parece, já começa a suscitar pesquisas recentes em outros países, embora não estejam direcionadas exclusivamente à obra de Richard Hartshorne. Em paper relativamente recente<sup>9</sup>, Trevor J. Barnes, da Universidade da Colúmbia Britânica, afirma:

“Em termos gerais, o OSS<sup>10</sup> foi a única instituição governamental com maior importância empregando geógrafos americanos durante a guerra, 129 no auge. Mas, apesar dessa concentração disciplinar, bem como da maior importância do OSS, **pouco tem sido escrito sobre o papel desempenhado pelos geógrafos**<sup>11</sup>. O objetivo deste trabalho é começar a corrigir esse lapso.

<sup>9</sup> BARNES, Trevor J. *Geographical intelligence: American geographers and research and analysis in the Office of Strategic Services 1941 to 1945*. Journal of Historical Geography 32, 2006, pp 149–168.

<sup>10</sup> Segundo o autor, em 11 de julho de 1941 uma ordem presidencial criou o Escritório Coordenador de Informações (OCI) dos EUA, posteriormente reorganizado com Escritório de Serviços Estratégicos (OSS), em 13 de junho de 1942. Seu “contrato” era “coletar e analisar todas as informações e dados que se pudesse reunir sobre a segurança nacional”, reportando-se diretamente ao Presidente e ao Gabinete do Joint Chiefs of Staff. A tarefa era, fundamentalmente, acadêmica e sua equipe composta dos melhores e mais brilhantes cientistas sociais norte-americanos e europeus mais tarde exilados. Sua finalidade não era, como os seus homólogos das ciências físicas, inventar algo novo, mas trabalhar as fontes já existentes e, através da investigação e interpretação, mostrar sua relevância no cumprimento de objetivos táticos militares específicas (BARNES, 2006, p. 2, tradução nossa). No original: “On July 11, 1941 a Presidential Order created the US Office of the Co-ordinator of Information (OCI), and later reorganized as the Office of Strategic Services (OSS) on June 13 1942.8 Its charter was ‘to collect and analyze all information and data which may bear upon national security,’ reporting directly to the President and the Office of the Joint Chiefs of Staff.9 The task was fundamentally an academic one, and its staff consisted of the best and the brightest of American and later expatriate European social scientists. Their purpose was not like their physical science counterparts to invent something new, but to take sources already existing and through investigation and interpretation to show their relevance in fulfilling specific military tactical purposes” (idem).

<sup>11</sup> A queixa de Barnes já havia sido feita por Martin (1994, p. 488), em um texto de 15 páginas que pode ser considerada a única biografia de Hartshorne: “é interessante notar que muito pouco tem sido escrito sobre as atividades dos geógrafos Americanos durante e depois ambas as Guerras Mundiais”. No Original: “It is interesting to note that very little has been written about the activities of American geographers during and after both Worlds Wars”. Sobre essas questões, gostaríamos de acrescentar que nem a Bloomsbury, uma das principais editoras independentes anglo-saxãs, e que publica anualmente o *Geographers Biobibliographical Studies*, principal publicação internacional dedicada à avaliação

Em particular, o meu foco é o ramo do OSS chamado Pesquisa e Análises (R & A), onde foi realizada a maior parte da investigação em ciências sociais, e onde a maioria dos geógrafos trabalhou” (BARNES, 2006, p. 2, tradução e grifo nossos)<sup>12</sup>.

Após essa “queixa”, o autor aponta algumas exceções, que tentam preencher essas lacunas. Podemos indicar outras exceções que Barnes não cita, mas que para nós merecem destaque por buscarem traçar ligações entre geografia e imperialismo, como Bell, Morag, Butlin e Heffernan (1995), Godlewska e Smith (1994), Harvey (2004; 2006) e Smith (2004). Embora nem todos esses trabalhos tratem de trajetórias individuais de geógrafos, como no caso de Harvey (2004; 2006), eles têm importância fundamental na investigação que propomos.

De todos esses trabalhos, um nos chama atenção em particular, o de Smith (2004). Nesse texto, ele investiga a trajetória do geógrafo canadense Isaiah Bowman e o seu envolvimento com o Estado norte-americano, ao qual serviu como diplomata. Embora Bowman fosse defensor de uma geografia política científica, Smith o mostra intimamente ligado aos interesses geopolíticos do império americano e aos fatos da globalização, embora o diplomata tenha falecido em 1950. Outro geógrafo norte-americano comumente apresentado nesses termos é Nicholas Spykman, em função das suas posições políticas explícitas em prol de uma geopolítica americana.

Apesar desses caminhos traçados por alguns autores na tentativa de ligação direta entre Geografia e imperialismo, o talvez mais proeminente geógrafo nascido em território americano, Hartshorne, fica de fora da lista. Três passagens relevantes do texto de Costa (2008) coadunam com os nossos interesses e podem iniciar o nosso debate sobre esse americano e sua geografia.

Na primeira delas, já na introdução, o autor dedica um parágrafo para falar do engajamento de Hartshorne junto às Forças Armadas norte-americanas e, assim, relativizar a separação entre Geopolítica e Geografia Política pelo “critério do nível de

---

biobibliográfica crítica das contribuições de geógrafos, e estudiosos em geral, à geografia, dedicou um dos seus volumes ao pensamento de Richard Hrtshorne, geógrafo anglo-saxão de grande destaque. Desde 1977 a editora já dedicou volumes a mais de 400 estudiosos. Para nós, esse dado só reforça a necessidade de escrevermos, numa abordagem crítica, para corrigir esse lapso sobre o pensamento de Hartshorne.

<sup>12</sup> No original: “More generally, OSS was the single most important government institution employing American geographers during the war, 129 at its height. But despite this disciplinary concentration, as well as the larger importance of OSS, little has been written about the role geographers played.<sup>12</sup> The aim of the paper is to begin to redress this lapse. In particular, my focus is the Research & Analysis (R&A) Branch of OSS where the bulk of social science inquiry was undertaken, and the majority of geographers worked” (idem).

engajamento do estudo aos objetivos estratégicos nacionais-estatais” (COSTA, 2008, p. 18).

“Como se verá neste trabalho, são típicos os exemplos sob esse ponto de vista, representados pela atividade pesquisadora-militante de K. Haushofer com sua revista *Geopolitik* no Instituto de Geografia de Munique, e por R. Hartshorne, com seus estudos fundamentais e tipicamente acadêmicos sobre temas gerais da geografia política. Mesmo aí, em que as evidências permitiriam uma distinção nítida, uma análise mais acurada poderia gerar dúvidas, pois o próprio Hartshorne, durante a Segunda Guerra Mundial, também engajou-se nos esforços de seu país para fazer frente à ameaça nazista, por meio de artigos em coletâneas estimuladas pelas Forças Armadas norte-americanas” (idem, 2008, pp 18-19).

Na segunda passagem, Costa (2008, p. 164)<sup>13</sup> afirma que de todos os estudiosos que examinaram a nova posição geopolítica e as projeções de poder dos Estados Unidos no contexto da Segunda Guerra Mundial, o geógrafo N. Spykman teve especial destaque. Tendo publicado em 1942 seu principal estudo<sup>14</sup>, ele apresentou um estudo exaustivo sobre os principais aspectos envolvidos com a posição estratégica mundial dos EUA. Diferenciou-se ao explicitar a todo momento suas posições teóricas e políticas sobre uma questão tão controvertida como a política externa de uma grande potência. Foi inevitável, portanto, que seus escritos suscitassem grande polêmica nos meios acadêmicos, já que a ameaça de reprodução no país de uma geopolítica de tipo imperialista, como a alemã, era rejeitada pela maioria de seus pares, chegando a ser apontado como filiado das ideias da *geopolitik* e do maquiavelismo de *Mein Kampf*.

Na terceira e última passagem, Costa (2008, p. 224) mostra que, banida a geopolítica instrumental de inspiração alemã (Haushofer) ou mesmo norte-americana (Spykman), os norte-americanos recuperaram e deram *status* acadêmico e científico à geografia política, na melhor tradição de Bowman, Whittlesey e Hartshorne, na verdade os autênticos *founding fathers* dessa ciência no país. A influência de Hartshorne, principalmente, desde seu artigo de 1936, mas principalmente com o que publicou em 1952, é notória em praticamente todos os autores desse período, como se estivessem respondendo aos apelos do mais prestigiado dos geógrafos do país, para que se firmasse ali uma geografia política verdadeiramente científica e independente da política dos Estados.

---

<sup>13</sup> COSTA, W. M. da. Geografia Política e Geopolítica. São Paulo: Edusp, 2008.

<sup>14</sup> SPYKMAN, Nicholas. *Americans Strategy in World Politics*. New Brunswick: Transaction Publishers, 2008.

Parece que as preocupações de Hartshorne, além de interessarem aos círculos acadêmicos, também iam ao encontro da tradição popular americana. Segundo Harvey:

“... a tradição popular dentro dos EUA é anticolonial e antiimperialista e durante as últimas décadas foram necessários muitos ardis, quando não o engano declarado, para dissimular o papel imperial da América do Norte no mundo, ou, ao menos, para revesti-lo de intenções humanitárias grandiloquentes” (HARVEY, 2006, p. 119).

Hartshorne, além de tentar dar um caráter científico à Geografia Política, buscava elaborar princípios universalmente válidos e aceitos para a Geografia Política, ou seja: buscava, além de purificá-la da barbárie representada pela *geopolitik*, transforma-lá numa “caixa preta”<sup>15</sup>. Para nós, as três passagens de Costa (2008) constituem um lampejo que pode iluminar a orientação teórica desta pesquisa. Elas corroboram com uma das “regras metodológicas”<sup>16</sup> de Bruno Latour ao nos mostrar a *ciência em ação* e não a ciência pronta.

Na Geografia em *ação* está claro o movimento de afastamento das ideias de N. Spykman dos círculos “científicos” e a entronização das ideias de Hartshorne, com recurso especial ao seu círculo de influências na “comunidade científica”. Também estão claros o contexto de guerra, a necessidade de responder à crise capitalista e a constituição de uma hegemonia imperial norte-americana, um imperialismo cuja consolidação teria como ponta de lança os “ajustes espaço-temporais”<sup>17</sup>, com duas vias: uma tentativa de expansão interna da acumulação ampliada, cujo maior símbolo foi o *New Deal* de Franklin Delano Roosevelt, com base em uma política de mobilização de recursos naturais, capitais e força-de-trabalho; e a expansão externa da acumulação, por meio da maciça exportação de capitais, especialmente no período pós Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>15</sup> Expressão tomada de empréstimo a Bruno Latour, que, por sua vez, toma-a de empréstimo da cibernética. Segundo o autor, a expressão é usada “... sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar é desenhada uma caixa preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, a não ser o que nela entra e o que dela sai”. LATOUR, Bruno. *Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp, 2011, p. 4.

<sup>16</sup> Segundo Latour (2011, p. 405) devemos estudar “a ciência em *ação* e não a ciência ou a tecnologia pronta; para isso, ou chegamos antes que fatos e máquinas se tenham transformado em caixas-pretas, ou acompanhamos as controvérsias que as reabrem”.

<sup>17</sup> Harvey, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

No primeiro caso, a tentativa de expansão interna da acumulação ampliada, Friedmann & Weaver nos dão um exemplo ao analisarem o estudo para uma proposta de desenvolvimento da bacia do rio Colúmbia, financiado pelo NRC<sup>18</sup>:

“As intenções de Washington haviam sido empregar os reservatórios para proporcionar trabalho aos desempregados, água para irrigação e 2,5 milhões de kilowatts de energia elétrica para a eletrificação rural e para a indústria... O planejamento regional patrocinado em escala nacional reproduzia o sistema funcional de qual fazia parte. O desenvolvimento da bacia do rio não estava transformando a América metropolitana, estava-a aumentando” (1981, p. 113, tradução nossa)<sup>19</sup>.

Sobre a segunda via de “ajustes espaço-temporais” para a consolidação da posição imperial americana, representada pela da maciça exportação de capitais no pós Segunda Guerra Mundial, quem nos dá o exemplo é Harvey:

“Se existem excedentes de capital e de força de trabalho dentro de um território determinado (como, por exemplo, um estado-nação) que não podem ser absorvidos internamente (seja mediante ajustes geográficos ou gastos sociais), devem ser enviados a outro lugar a fim de encontrar um novo terreno para a sua realização rentável para não serem desvalorizados... Os EUA, através do Plano Marshall para a Europa (na Alemanha em particular) e Japão viram claramente que sua própria segurança econômica (deixando de lado o aspecto militar associado à Guerra Fria) residia na revitalização da atividade capitalista nestes lugares” (HARVEY, 2006, pp. 99-100).

Nesse contexto, parece delinear-se um caminho importante para encontrarmos respostas à nossa segunda pergunta de pesquisa que coloca: em que medida o contexto histórico desse período suscitou uma geografia voltada para o planejamento estatal capitalista, a ponto de possivelmente influenciar temas de pesquisa, conceitos e métodos de abordagem na geografia feita em território norte-americano?

Se é certo que “contexto e conteúdo se confundem” (LATOURET, 2011, p. 8), parece-nos que, em uma via de mão dupla, a recém surgida<sup>20</sup> “geografia norte

---

<sup>18</sup> Comitê Nacional de Recursos dos Estados Unidos da América que existiu entre os anos de 1935 e 1939 e foi uma das instituições criadas no contexto do *New Deal* por Roosevelt.

<sup>19</sup> No original: “Las intenciones de Washington habían sido emplear los embalses para proporcionar trabajo a los parados, agua para riego y 2,5 millones de kilowatts de energía eléctrica para la electrificación rural y para la industria... La planificación regional patrocinada a escala nacional reproducía El sistema funcional del cual formaba parte. El desarrollo de La cuenca del río no estaba transformando la América metropolitana, la estaba aumentando” (idem).

<sup>20</sup> Segundo Buttner (1983, p. 262), em 1903 é fundado o primeiro programa de pós-graduação em geografia dos EUA, em Chicago e, no ano seguinte, 1904, é fundada a Associação dos Geógrafos Americanos.

Ressaltamos que, embora a perspectiva adotada por nós para “demarcar” o início de uma “geografia norte-americana” possa passar a ideia de um modelo difusionista de história da ciência, conforme apresentado por Bassala (1967), não partilhamos dessa concepção.

americana” tinha uma grande oportunidade para mostrar serviço, tornar-se reconhecida e independente, assim como as instituições de Roosevelt necessitavam dela para o seu projeto de recuperação pós crise do capital de 1929.

Friedmann e Weaver (1981) mostram como o aparelho burocrático dos EUA (no qual Hartshorne estava profundamente envolvido) e como os debates intelectuais dos planejadores foram sendo redirecionados sob os auspícios do capital. Estes dois autores, ao introduzirem seu trabalho que resume a doutrina e a prática em Planejamento Regional nos EUA<sup>21</sup>, afirmam que:

**“A doutrina americana** tem se enriquecido por sua ampla aplicação além das suas fronteiras e pelo seu contato com outras tradições nacionais, particularmente a francesa. **Exportada sobre os ombros do imperialismo americano, ressaltando seu encanto por uma elegante pretensão de ser “científica”**, tem se convertido em uma tradição internacional que se tem estendido aqui e acolá para refletir condições específicas nacionais (Boisier, 1976; Lo Yu Salih, 1976). **Para poder basear a história das doutrinas da planificação regional na experiência americana, precisamos retroceder mais de cinquenta anos, até a metade dos anos vinte, quando se articulou pela primeira vez formalmente a doutrina de planificação territorial** (Survey Graphic, 1925; Susman, ed., 1976)... Igualmente, não só representa um capítulo importante da história intelectual americana, mas também inspirou os esforços recentes na remodelação dos fundamentos conceituais da disciplina” (FRIEDMANN & WEAVER, 1981, p. 18, tradução e grifos nossos)<sup>22</sup>.

A questão do planejamento nos chama especial atenção. Ela surge institucionalmente nos EUA na década de 1920, como evidenciado no trecho destacado acima de Friedmann e Weaver (1981, p.18), com a criação da Associação Americana de Planejamento Regional, em 1923, e com a criação do Comitê Presidencial de Investigação em Tendências Sociais, em 1929, momento em que a urbanização desse país estava em franco crescimento e suscitava alguns problemas, a exemplo da descaracterização dos espaços rurais e da metropolização das cidades. Nesse contexto,

---

<sup>21</sup> *Territorio y Funcion: la evolucion de la planificacion regional*. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1981. Tradução do original: *Territory and Function: The evolution os Regional Planning*. London: Edward Arnold, 1979.

<sup>22</sup> No original: “La doctrina americana se há enriquecido por su amplia aplicacón Allende SUS fronteras y por su contacto com otras tradiciones nacionales, particularmente la francesa. Exportada sobre lós hombros del imperialismo americano, ressaltado su encanto por uma elegante pretensión de ser “científica”, se há convertido en una tradición *internacional* que se ha extendido aqui y acullá para reflejar condiciones específicas nacionales” (Boisier, 1976; Lo Yu Salih, 1976). Para poder basar La historia de lãs doutrinas de La planificación regional em la experiéncia amerciana, necesitamos retroceder más de cincuenta años, hacia La mitad de los años veinte, cuando se articuló por primera vez formalmente la doctrina de la planificación territorial (Survey Graphic, 1925; Susman, ed., 1976)... Igualmente, no sólo representa um capítulo importante de la historia intelectual americana, sino que además há inspirado los recientes esfuerzos em la remodelacón de los fundamentos conceptuales de la disciplina” (idem).



alguns grupos de intelectuais se reuniram para compartilhar e elaborar ideias de como reverter ou pelo menos conter esse processo.

Porém, foram as instituições criadas por Roosevelt como experimentos do New Deal que foram capazes de reunir os intelectuais e dar um direcionamento comum aos trabalhos, sob o constrangimento imposto pelas necessidades de recuperação da economia capitalista. Aqui é onde as ciências sociais e humanas adotam o planejamento na lógica do capital, e em particular a Geografia.

Nesse contexto foram criados: o Escritório de Recuperação Nacional (NRA); o Escritório de Racionalização Agrícola (AAA); a Autoridade do Vale do Tennessee (TVA); o Comitê Nacional de Planejamento (NPB), que funcionaria ao longo dos anos sob outras três denominações; e o Escritório de Reassentamento (RA).

Preocupava-se bastante com a **distribuição da população no espaço em relação: à disponibilidade de recursos naturais, ao nível da atividade econômica e à disponibilidade de habitação**. Supostamente, a preocupação era a garantia de condições de vida dignas à população (bem-estar social).

Um relatório do NPB datado de 1934-35, intitulado *A plan for Planning*, e que tinha foco na temática de desenvolvimento de recursos para o alcance de tal bem-estar, segundo Friedmann & Weaver,

“... revelou a atitude ideológica das teorias econômicas do comitê... foi um documento eclético... investigou um vasto conjunto de atividades locais, estatais e regionais em planejamento que se estavam levando a cabo nos EUA, pretendendo, sem dúvida, legitimar o planejamento no contexto americano. Como parte da tarefa, compilaram-se mapas e listas cuja intenção era causar uma forte impressão no leitor... Sua recomendação foi que o governo federal “criasse um *National Planning Board* diretamente subordinado ao Chefe do Executivo da Nação” (1981, pp.103-107, tradução e grifo nossos)<sup>23</sup>.

O novo NPB,

“Afastando-se do poder político e administrativo, mas com estreito contato com o executivo-chefe, e sob o controle das forças políticas que tem, um grupo assim de homens teria grandes oportunidades para a meditação e reflexão sobre as tendências nacionais, os novos

---

<sup>23</sup> No original: “... reveló la actitud ideológica de las teorias económicas del comité... fue un documento eclético... investigó El vasto conjunto de actividades locales, estatales e regionales en planificación que se estaban llevando a cabo em lós USA, intentando, sem dúvida, legitimar la planificación em el contexto americano. Como parte de esta tarea, se compilaron mapas y listados cuya intención era causar una fuerte impresión em el lector... Su recomendación fue que el gobierno federal “creara um *National Planning Board* permanente directamente responsable del Jefe del Ejecutivo de La nación” (idem).

problemas e possibilidades, podendo, portanto, ajudar atos, interpretações e sugestões de significado a longo prazo” (UNITED STATES NATIONAL PLANNING BOARD, 1934, pág. 38, apud FRIEDMANN & WEAVER, 1981, p. 107, tradução nossa)<sup>24</sup>.

Ainda segundo Friedmann & Weaver (1981, pp. 107-108), o informe explica como **as ciências sociais contribuiriam ao êxito dessa agência de planejamento nacional**, sendo essa uma das primeiras chamadas oficiais para que **o planejamento seja considerado como uma ciência social aplicada**. Como filosofia orientadora dessa proposta e do *modus operandi* no novo NPB, estaria a filosofia econômica predominante no NPB, baseada, entre outras, na ideia de **planejamento “conjuntural” científico** de Tugwell que se adotaria como planejamento indicativo duas décadas mais tarde na França. A teoria de Tugwell do planejamento conjuntural, como um quarto braço direcional do governo, desde a metade dos anos trinta até o princípio dos cinquenta do século XX, formou o núcleo do que se tornou conhecido como teoria do planejamento.

Já ao tratar da temática do regionalismo, o NPB, no seu documento intitulado *The Regional Factors in National Planning* e editado em dezembro de 1935, incluiu contribuições de muitos dos “cientistas regionais” do período. Além disso, afirmou ser patente que o significado total do planejamento regional fosse desenhar um modelo cultural que se ajustasse a uma grande zona unitária, e que as **qualidades inerentes na área** não só ditariam em grande parte as características do plano, como também sua extensão territorial.

Se somarmos a esse debate intelectual um acontecimento que lhe foi simultâneo e que afetou fortemente os EUA, a grande seca de 1932 a 1936, veremos como as preocupações de Hartshorne tiveram forte motivação nesse *mainstream*. Segundo Friedmann & Weaver (1981, p. 39), essa seca converteu extensas zonas das Grandes Planícies, desde o Texas até Dakota, em uma autêntica “tigela de pó”. Os ventos arrastaram a capa superior do solo empobrecido ao leste, quase até Washington DC, e durante o inverno de 1935 uma “neve roxa” caiu sobre a Nova Inglaterra. Esse marcante acontecimento da vida norte-americana está magistralmente registrado no romance de John Steinbeck, intitulado *“As Vinhas da Ira”* (1939).

---

<sup>24</sup> No original: “Manteniéndose aparte del poder político y administrativo, pero em estrecho contacto com El jefe de ejecutivo, y bajo El control de las fuerzas políticas que hubiera, um grupo así de hombre tendría grandes oportunidades para La meditación y La reflexión sobre las tendencias nacionales, los nuevos problemas y posibilidades, pudiendo de esa forma ayudar com hechos, interpretaciones y sugerencias de significación a largo plazo”. (idem).

É exatamente em meio a esse período que, coincidentemente, Hartshorne começou a publicar uma série de trabalhos voltados para a agropecuária americana. Foram eles: *Uma Classificação de Regiões Agrícolas da Europa e da América do Norte em uma Base Estatística Uniforme* (1935), *Um novo Mapa das áreas de Laticínios dos Estados Unidos* (1935) e *Terras Agrícolas em Proporção à População Agrícola nos Estados Unidos* (1939)<sup>25</sup>. Neste último<sup>26</sup>, o autor afirma:

“Na geografia agrícola de qualquer área dois conjuntos de fatores são de importância básica: por um lado, a extensão e a produtividade das terras cultiváveis e, por outro, a população agrícola. Estes fatores têm sido medidos e mapeados em detalhe para os Estados Unidos de muitas maneiras diferentes, nomeadamente nos mapas de pontos publicados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Tais mapas, no entanto, dizem-nos pouco sobre a relação entre os dois conjuntos de fatores, e é precisamente esta relação que é da maior importância. Se a densidade da população rural variou diretamente com a produtividade da terra, isto é, se as fazendas eram geralmente pequenas em áreas férteis e grandes nas áreas mais pobres, poderíamos reconhecer um princípio de compensação, como resultado dessa base fundamental da economia rural, que fosse mais ou menos equivalente ao longo de qualquer país. Atualmente, a realidade em muitos casos é justamente o contrário” (HARTSHORNE, 1939a, p. 488, tradução e grifo nossos)<sup>27</sup>.

Das técnicas utilizadas para levantamento da questão (o cruzamento ou as relações entre variáveis produzidas por outras ciências e o quadro conjuntural resultante), até as preocupações centrais (a existência de um princípio de compensação entre distribuição da população e a capacidade econômica dos recursos de determinada área, o que por sua vez tem impacto sobre o bem estar dessa população), a geografia de Hartshorne parece impregnada do contexto em que foi escrita, uma espécie de “Geografia do New Deal”.

Esse é apenas um dos exemplos que podem ser elencados para análise e debate das relações existentes entre o pensamento de Hartshorne e o *mainstream* norte-

---

<sup>25</sup> No original e respectivamente: *A Classification of the Agricultural Regions of Europe and North America on a Uniform Statistical Basis* (1935), *A New Map of the Dairy Areas of the United States* (1935) e *Agricultural Land in Proportion to Agricultural Population in the United States* (1939).

<sup>26</sup> HARTSHORNE, Richard. *Agricultural Land in Proportion to Agricultural Population in the United States*. Geographical Review, Vol. 29, No. 3 (Jul., 1939), pp. 488-492.

<sup>27</sup> No original: “In the agricultural geography of any area two sets of factors are of basic importance: on the one hand, the extent and productivity of the cultivable land; on the other, the agricultural population. These factors have been measured and mapped in detail for the United States in many different ways, notably on the dot maps published by the United States Department of Agriculture. Such maps, how-ever, tell us little of the relation between the two sets of factors, and it is precisely this relation that is of greatest importance. If the density of farm population varied directly with the productivity of the land, that is, if farms were commonly small in fertile areas and large in poorer areas, we could recognize a principle of compensation as a result of which the fundamental basis of rural economy was more or less equivalent throughout any country. Actually the facts in many cases are just the reverse” (idem).

americano das décadas de 1920 a 1950. Ao que nos parece, após revisão bibliográfica, essa pergunta ainda não foi respondida. Ou, se foi, a resposta não nos é satisfatória. A resposta a essa questão que estamos propondo buscar certamente irá elucidar as interrogações postas na nossa terceira pergunta de pesquisa: por que a proposta de Hartshorne alcançou maior proeminência frente a outras abordagens contemporâneas a ela e porque essa mesma proposta sempre foi apresentada desconexa do contexto histórico em que apareceu e tomou forma?

O direcionamento que as pesquisas têm tomado em outros países é, sem dúvidas, fundamental para o desenvolvimento da investigação que propomos, já que lhe é complementar. Barnes tem se ocupado do período da Segunda Guerra Mundial e, especialmente, com a ação dos geógrafos empregados no Escritório de Serviços Estratégicos (OSS), entre 1941 e 1945.

Contudo, nosso objeto será diferente, já que, para responder às nossas perguntas de pesquisa, não trataremos das atividades dos geógrafos em geral. Focaremos apenas em Richard Hartshorne e ampliaremos o período de análise o período de 1920 a 1950, já que o autor, além da sua passagem pelo OSS, também esteve em outros momentos envolvido com as ações do Estado norte-americano, como na sua participação em trabalhos no Comitê Nacional de Recursos (NRC), em 1935, no auge do *New Deal*, ou ainda como Presidente do Comitê de Geografia Política, unidade do Conselho Nacional de Pesquisa vinculado à Academia Nacional de Ciências, em 1953.

Mas as diferenças da nossa proposta de investigação não se resumem ao período coberto pela análise. O próprio Barnes, em cuja direção nós caminhamos em parte, afirma que:

A segunda forma de pesquisa e análise [do OSS], e o foco deste trabalho, foi o uso organizado das ciências sociais para a compreensão do conhecimento da guerra, isto é, a implantação sistemática das ciências sociais para coletar e analisar as informações necessárias para fins militares estratégicos... **Talvez surpreendente, dada a sua relação até então ambígua para integrar ciências sociais, geógrafos americanos estavam no meio da ação dentro do OSS. Richard Hartshorne, autor do definitivo A Natureza da Geografia publicado em 1939, que afastou expressamente a disciplina da ciência social contemporânea americana, ironicamente ocupava um cargo administrativo chave, presidente do Comitê de Projetos** (BARNES, 2006, p. 2, tradução nossa)<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> No original: "The second form of research and analysis, and the focus of this paper, was the organized use of social science for understanding the knowledge of war; that is, the systematic deployment of social sciences to collect and analyse information necessary for strategic military ends... Perhaps surprising given their hitherto ambiguous relation to mainstream social sciences, American geographers were in the thick of the action within OSS. Richard Hartshorne, author of the definitive The

Suspeitamos não haver ambiguidade nessa relação. Ao contrário, supomos haver semelhanças entre o pensamento de Hartshorne e alguns aspectos do debate intelectual americano nos anos 1920 a 1950; e essa suposição nos move em direção a uma resposta para as nossas perguntas de pesquisa. Algumas questões parecem evidenciar as nossas suspeitas.

A vitalidade da abordagem da geografia Hartshorniana frente às necessidades do planejamento estatal capitalista se põe como um caminho importante de investigação. Na mesma década em que Buttimer (1983, p. 266) afirma que os “geógrafos empregados pela Autoridade do Vale do Tennessee promovem a causa da geografia aplicada ou não acadêmica”<sup>29</sup>, na década de 1930, Hartshorne estará em íntima relação com cientistas sociais compartilhando métodos, análises e, inclusive, participando da elaboração de documentos oficiais do Estado norte-americano de grande importância.

Cabe destacar, por exemplo, que Hartshorne foi um dos cientistas responsáveis pela elaboração daquele que é “ao nosso conhecimento... o tratamento mais sofisticado do conceito regional disponível em um documento oficial de governo sobre planejamentos, inclusive nos nossos dias” (FRIEDMANN & WEAVER, 1981, p. 110, tradução nossa)<sup>30</sup>. Trata-se do *The Regional Factors in National Planning* (1935), escrito em parceria com outros estudiosos e sob o comando do *National Resources Committee* (NRC) norte-americano.

Retomando o fato de que foram as instituições criadas por Roosevelt como experimentos do *New Deal* que foram capazes de reunir os intelectuais e dar um direcionamento comum aos trabalhos, consenso que dificilmente seria alcançado no ambiente estritamente acadêmico, ganha força a ideia de *controvérsia* como trabalhada por Bruno Latour (2011). Na criação do consenso, sempre haverá propostas que serão deixadas de lado. Enveredar pela leitura desses documentos oficiais produzidos com o auxílio de Hartshorne é também responder por que a proposta de Hartshorne alcançou maior proeminência frente a outras abordagens, contemporâneas a ela, mas que foram

---

Nature of Geography published in 1939 that explicitly distanced the discipline from contemporary American social science, ironically occupied a key administrative position, Chair of the Projects Committee” (idem).

<sup>29</sup> No original: “Geographers employed by TVA promote the cause of applied or non-academic geography” (idem).

<sup>30</sup> No original: “A nuestro conocimiento este es el tratamiento más sofisticado del concepto regional disponible em um documento oficial del gobierno sobre planificaciones, incluso em nuestros días” (idem).

colocadas em segundo plano. É também responder à nossa quarta pergunta de pesquisa, pois liga umbilicalmente o pensamento de Hartshorne à recuperação norte-americana frente à crise e à sua consolidação como potência imperialista.

Talvez o afastamento entre a Geografia e as Ciências Sociais assinalado por Barnes seja a mesma chave de leitura privilegiada pelos autores brasileiros, numa lógica internalista de filosofia da ciência. Para Barnes, *The Nature* “explicitamente distanciou a disciplina da contemporânea ciência social americana” (2006, p. 2). Acreditamos que este autor faça essa afirmação em função das seguintes razões: pelo fato de ter Hartshorne apartado o espaço do tempo, como notou Corrêa, 2008, p. 18; ou por ter proposto que “as ciências se definiriam por métodos próprios, não por objetos singulares” (MORAES, 2007, p. 97).

Corrêa (2008, p. 18) desenvolve seu argumento afirmando que, para Hartshorne, “a geografia constituir-se-ia na ciência que estudaria todos os fenômenos organizados espacialmente, enquanto a História, por outro lado, estudaria os fenômenos segundo a dimensão do tempo”.

O que tem nos despertado a curiosidade é que, como expusemos anteriormente, se ele afastava a Geografia das Ciências Sociais de um lado, parecia (re)aproximá-las de outro. Alguns temas de pesquisa e métodos de abordagem da Geografia em Hartshorne parecem ter sido inspirados em outros debates que lhe eram contemporâneos como nos exemplos de trabalhos publicados sobre a pecuária americana que elencamos acima, em um contexto de crise do capital e de uma seca prolongada.

*The Nature of Geography*, texto mais famoso de Hartshorne, é comumente adjetivado por alguns autores como “definitivo”, a exemplo de Barnes (2006, p. 2); ou como “... tipo de livro raro que marca a disciplina, se torna parâmetro e mesmo depois de muito tempo, ainda cria polêmica. É uma obra perene que resiste ao tempo e a indiferença do lugar (sic)” (LIMA NETO, 2012, p. 25). Talvez afirmações dessa natureza auxiliem no sentido de descontextualizar a produção hartshorniana.

Na contramão de afirmativas tão tácitas, a nossa investigação fará o movimento contrário ao que normalmente é feito ao se discutir o pensamento de Hartshorne, “... penetrando a ciência a partir de fora, acompanhando discussões e cientistas até o fim, para finalmente irmos saindo aos poucos da ciência em construção” (LATOUR, 2011, p. 23).

As vantagens de trabalhar com base nesse método, segundo Latour, são enormes:

“Há mais duas vantagens em acompanharmos os períodos iniciais da construção dos fatos. A primeira é que cientistas, engenheiros e políticos estão sempre nos oferecendo rico material quando uns transformam as afirmações dos outros na direção do fato ou da ficção. Eles preparam o terreno das nossas análises... uma vez que outras pessoas discutam essas coisas e as reintegrem em suas condições de produção, somos conduzidos, sem esforço nenhum, aos processos de trabalho que extraem informações de espões, caldos de encéfalo ou eletrodos, processos estes dos quais jamais teríamos suspeitado antes. Em segundo lugar, **no calor da controvérsia**, os próprios especialistas podem explicar por que seus oponentes pensam de outro modo... Em outras palavras, quando olhamos uma controvérsia mais de perto, metade do trabalho de interpretação das razões que estão por trás da crença já está feita! (sic)” (idem, pp. 36-37, grifo nosso)

Porém, é importante ressaltar, como nota esse mesmo autor, que o campo de estudos comumente chamado “ciência, tecnologia e sociedade”, ao qual ele está ligado, geralmente esbarra em duas limitações: a organização por disciplina e a organização por objeto. Já que o tomamos como uma das nossas referências, para superar essas limitações nas quais podemos incorrer ao longo da investigação, a nossa pesquisa incorporará a noção marxista de politecnia e centrará suas atenções nas mudanças do padrão de acumulação capitalista em território norte-americano, a fim de perceber como, em torno dessas variações, os debates que foram sendo suscitados e a forma pela qual eles foram influenciando o pensamento hartshorniano entre 1920 e 1950.

Para tal empreitada, apoiaremos nossa interpretação do capitalismo e das mudanças nos seus padrões de acumulação em dois autores de referência para as pesquisas recentes nesse campo: Harvey (2004; 2006) e Giovanni Arrighi (*Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI* (2008) e *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo* (1996)).

Negando a diretriz historicista de tentar entender o passado tal qual foi, este trabalho se insere em um esforço coletivo maior, de tentativa de cruzamento de uma História da Geografia com uma Geografia Histórica do Capitalismo.

## 2.4. METODOLOGIA DA PESQUISA

A investigação que propomos terá alguns recortes a fim de lhe dar objetividade e direcionamento. O primeiro, já exposto, será um recorte temporal, enquadrando a pesquisa entre as décadas de 1920 e 1950. O segundo, também já indicado anteriormente, refere-se às três categorias analíticas a serem investigadas. Serão elas:

Área, Estado e Fronteira. O terceiro e o quarto recortes se referem a eixos de investigação e a fontes de informação, apresentados a seguir.

#### 2.4.1. Eixos de Investigação

Para a execução da pesquisa, faremos a articulação de três eixos de investigação: um de caráter biográfico, outro contextual e, por último, um interpretativo.

No **primeiro eixo**, biográfico, examinaremos a trajetória do matemático que concluiu sua pós-graduação em Geografia na década de 1920 na Universidade de Chicago, momento de grande efervescência intelectual (a exemplo do surgimento da “Escola de Chicago” e do “Círculo de Viena”). Serão lidas as fontes bibliográficas que: identificam os vínculos formais e informais de Richard Hartshorne com o Estado norte-americano entre as décadas de 1920 e 1950; indicam os documentos oficiais que ajudou a produzir ao longo dessas passagens e que influenciaram a política de planejamento norte-americana; mostram as relações pessoais e profissionais do autor com outros intelectuais contemporâneos das ciências humanas e sociais; e explicitam a duradoura relação<sup>31</sup> do autor com a Associação dos Geógrafos Americanos, instituição que exerceu influência confessa<sup>32</sup> sobre o seu pensamento e que presidiu em 1949.

O **segundo eixo**, contextual, tem o objetivo de compreender o momento no qual estava em jogo a recuperação do Estado americano face à crise do capital de 1929 e a sua projeção como potência imperialista, especialmente nas décadas de 1940 e 1950. A despeito das ferrenhas disputas entre planejadores metropolitanos, regionalistas do sul e ecologistas da “Escola de Chicago”, algumas instituições do Estado norte-americano, especialmente as que foram criadas sob o comando de Roosevelt no âmbito do *New Deal*, conseguiram reunir essa divergência em um caminho comum e formar uma base doutrinária para o planejamento regional americano, da qual Hartshorne não passou isento e da qual fez parte como já evidenciamos no Quadro Teórico-Conceitual.

No **terceiro eixo**, interpretativo, analisaremos as principais categorias analíticas trabalhados nos textos de Hartshorne. Área, Estado e Fronteira serão estudados no intuito de identificar as marcas deixadas em seu pensamento pelo caloroso debate sobre

---

<sup>31</sup> Segundo Brunn e Entrikin (1989, p. 7), durante 66 anos Hartshorne frequentou os encontros da Associação dos Geógrafos Americanos.

<sup>32</sup> “Este registro de como cheguei a escrever *The Nature of Geography* revela o alto grau em que era um resultado das atividades da Associação de Geógrafos Americanos” (HARTSHORNE, 1979, p. 63). No original: “This record of how I came to write *The Nature of Geography* reveals the high degree to which it was an outcome of activities of the Association of American Geographers” (idem).



planejamento que ocorreu nas décadas de 1920 a 1950 nos EUA. Também buscaremos identificar em que medida suas ideias, postas a serviço do Estado norte-americano, contribuíram para a consolidação da hegemonia imperialista norte-americana.

A articulação desses três eixos dialeticamente permitirá que nos afastemos tanto de uma perspectiva internalista de filosofia da ciência (que nos levaria a ver na produção de Hartshorne apenas um debate de métodos e a influência de vários estudiosos europeus nos seus escritos, especialmente Alfred Hettner), quanto de uma perspectiva externalista extremada (que nos levaria a ignorar totalmente a influência da “Geografia europeia” e as escolhas metodológicas resultantes disso).

Examinando uma possível tendência geral do trabalho do autor a vincular-se ao planejamento estatal ao longo dos anos 1920 a 1950, acreditamos ser possível (re)articular os vários aspectos e momentos dos seus escritos em uma nova constelação, tecendo, se possível, apontamentos para uma história da geografia, além de contribuímos para o preenchimento de uma lacuna existente nos escritos sobre Geografia no Brasil, que é a do envolvimento da “geografia hartshorniana” na política de Estado norte-americana.

Aberta a “caixa-preta” desse espaço-tempo, tentaremos compreender como seu pensamento foi formado, dando forma a uma geografia específica, na qual contexto e conteúdo são indissociáveis.

#### **2.4.2. Fontes de Informação**

##### **2.4.2.1. Fontes Primárias**

##### **Documentos oficiais do Estado norte-americano elaborados com a colaboração/autoria de Richard Hartshorne**

O último documento desta lista está disponível em ambiente *on-line*, no portal de Busca Integrada da Universidade de São Paulo.

UNITED STATES NATIONAL PLANNING BOARD. *Final report, 1933-1934*. Washington, DC: Government Printing Office, 1934.

UNITED STATES NATIONAL RESOURCES COMMITTEE. *The Regional Factors in National Planning*. Washington, DC: Government Printing Office, 1935.

\_\_\_\_\_. *Regional Planning*, 10 volumes. Washington, DC: Government Printing Office, 1936-1943.

NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES. *Political Geography: Status of research in American Geography*. Washington, DC: 1953.

**Arquivos profissionais e pessoais de Richard Hartshorne**

Arquivos da Associação dos Geógrafos Americanos – Parte II  
Papers of Richard Hartshorne (1899-1992)

Box 187: Personal - Biographical

Box 188: University Matters

Box 189: AAUP Matters

Box 190: Academic Matters

BOX 191: *The Nature of Geography*; and, Entrikin, J. N. and S. D. Brunn: *Reflections on Richard Hartshorne's the Nature of Geography*

BOX 192: F. K. Schafer's "*Exceptionalism in Geography*" (*Annals of the Association of American Geographers*, 43:226-49, 1953)

BOX 193: History - Methodology, various

BOX 194: Correspondence (to, from, about individuals, with related materials)

**Textos de autoria de Richard Hartshorne**

Os documentos relacionados neste grupo estão disponíveis em ambiente *on line*, no portal de Busca Integrada da Universidade de São Paulo.

1926-The Significance of Lake Transportation to the Grain Traffic of Chicago

1928-Location Factors in the Iron and Steel Industry

1932-The Twin City District\_ A Unique Form of Urban Landscape

1933-Geographic and Political Boundaries in Upper Silesia

1934-The Upper Silesian Industrial District

1935-A Classification of the Agricultural Regions of Europe and North America on a Uniform Statistical Basis

1935-A New Map of the Dairy Areas of the United States

1935-Recent Developments in Political Geography

1936-A New Map of the Manufacturing Belt of North America

1936-Suggestions on the Terminology of Political Boundaries

1937-The Polish Corridor

1939-Agricultural Land in Proportion to Agricultural Population in the United States

1939-The Nature of Geography- A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past

1940 - The Concepts of 'Raison d'Être' and 'Maturity' of States

1941 - The Politico-Geographic Pattern of the World

1948-On the Mores of Methodological Discussion in American Geography

1950-The Funcional Approach in Political Geography

1950-The Franco-German Boundary of 1871

1953-Where in the World we are\_ Geographic understanding for Political Survival and Progress

1953-Political Geography\_ Status of Research in American Geography

1954-Comment on Exceptionalism in Geography  
 1955-Exceptionalism in Geography\_Re-Examined  
 1955-Location as a Factor in Geography  
 1958-The Concept of Geography as a Science of Space, From Kant and Humboldt to Hettner  
 1960-Political Geography in Modern World  
 1969-Qu'est-ce que la géographie?  
 1970 - The Academic Citizen: Selected Statements by Richard Hartshorne  
 1979-Notes Toward a Bibliography of The Nature of Geography  
 \* Estados Unidos y La 'Shatter Zone' de Europa. Documento sem data e fonte.

#### 2.4.2.2. Fontes Secundárias

##### **Textos de contextualização e crítica do período a ser estudado (1920-1950) e do período contemporâneo**

Algumas das fontes pertencentes a este grupo não foram incluídas nesta listagem para evitar redundância, pois elas já foram lidas para a construção deste Projeto de Pesquisa e estão devidamente listadas no seu item 4, Referências Bibliográficas.

ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Contraponto/Unesp, 1996.

CHORLEY, Richard & HAGGETT, Peter. *Modelos integrados em geografia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1974.

DODDS, Klaus; KUUS, Merje; SHARP, Joanne. *Introduction: Geopolitics and its Critics*. The Ashgate Research Companion to Critical Geopolitics.

GRUCHY, A. G. *Economics of the National Resources Committee*. American Economics Review 29, 1939, 60-73.

\_\_\_\_\_. *The concept of national planning in institutional economics*. Southern Economic Journal 6, 1939, 121-144.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

\_\_\_\_\_. *Explanation in geography*. London: Edward Arnold, 1969.

\_\_\_\_\_. *Spaces of Capital: Towards a Critical Geography*. New York: Routledge, 2001.

\_\_\_\_\_. *The Limits do Capital*. Oxford: Basil Blackwell, 1982.

JAMES, Preston E. & MATHER, Cotton. *O Papel das Conferências de campo periódicas no desenvolvimento de ideias geográficas nos Estados Unidos*. *Análise Geográfica*, vol. 67 (1977), pp 446-61.

LEIGHLY, J. 1937. *Some Comments on Contemporary Geographic Method*. *Annals of the Association of American Geographers* 27, p. 125-141.

MARTIN, Geoffrey. 1994. *In Memoriam: Richard Hartshorne, 1899-1992*. *Annals of the Association of American Geographers* 84, nº 3, p. 480-492.

MEYER, William B. and FOSTER, Charles H.W. *New Deal Regionalism: A Critical Review*. BNSIA Discussion Paper 2002-02, ENRP Discussion Paper E-2000-02. Kennedy School of Government, Harvard University.

PADILLA, S. M. *Tugwell's thoughts on planning*. San Juan: University of Puerto Rico Press, 1975.

SPYKMAN, Nicholas J. *Americans Strategy in World Politics*. New Brunswick: Transaction Publishers, 2008.

TUGWELL, Rexford G. *Housing activities and plans of the Resettlement Administration*. In: *Housing Officials Yearbook* 28-34. Washington DC: National Association of Housing, 1936.

\_\_\_\_\_. *The industrial discipline and the governamental arts*. New York: Columbia University Press, 1933.

WHITTLESEY, Derwent Stainthorpe. *German strategy of world conquest*. New York: Toronto Farrar & Rinehart, 1942.

#### **2.4.3. Trabalho de Campo**

Para a concretização da presente investigação, consideramos ser importante um período de trabalho de campo a ser realizado em Washington, DC, EUA. Tratar-se-á, especificamente, de visita e pesquisa bibliográfica na Associação dos Geógrafos Americanos e na Biblioteca do Congresso Americano. Os documentos a serem pesquisados estão relacionados nos itens 3.2.1.1 e 3.2.1.2 do item 3.2 deste projeto, Fontes de Informação.

#### **2.4.4. Cronograma**

| QUADRO 01. Cronograma de Atividades   |      |      |      |      |      |      |
|---|------|------|------|------|------|------|
| Atividades  | Anos |      |      |      |      |      |
|   | 2012 | 2013 |      | 2014 |      | 2015 |
|   | 2º S | 1º S | 2º S | 1º S | 2º S | 1º S |
| Leitura e Fichamento dos textos de autoria de Richard Hartshorne  |      |      |      |      |      |      |
| Leitura e Fichamento dos textos de contextualização e crítica do período a ser estudado (1920-1950) e do período contemporâneo.     |      |      |      |      |      |      |
| Leitura e Fichamento de textos de autores da Geografia sobre o pensamento de Hartshorne que auxiliem na compreensão da sua obra.    |      |      |      |      |      |      |
| Trabalho de Campo   |      |      |      |      |      |      |
| - Leitura e Fichamento dos documentos oficiais do Estado norte-americano elaborados com a colaboração/autoria de Richard Hartshorne |      |      |      |      |      |      |
| - Leitura dos Arquivos Pessoais de Richard Hartshorne   |      |      |      |      |      |      |
| Redação do Relatório de Qualificação  |      |      |      |      |      |      |
| Redação da Dissertação  |      |      |      |      |      |      |

## 2.5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSDAL, Shaw Van. *Medio Siglo de geografía histórica en Norteamérica*. Bogotá: Histórica Crítica, nº 32, julio-diciembre 2006, pp. 198-234.

BARNES, Trevor J. *Geographical intelligence: American geographers and research and analysis in the Office of Strategic Services 1941 to 1945*. Journal of Historical Geography 32, 2006, pp 149–168.

BARNES, Trevor J. and SHEPPARD, Sheppard. ‘Nothing includes everything’: towards engaged pluralism in Anglophone economic geography. Progress in Human Geography 34(2), 2010, pp. 193–214.

BASSALA, George. “The spread of western science”. In: *Science*, 156, maio de 1967.  
 POLANCO, Xavier. “Une science-monde: la mondialisation de la science européenne et la creation de traditions scientifiques locales”. In: POLANCO, Xavier (dir.) *Naissance et Développement de la Science-Monde*. Paris, Ed. La Découverte/Unesco, 1989. (pp. 10-53).

BELL, MORAG, BUTLIN, and HEFFERNAN, eds. *Geography and Imperialism, 1820-1940*. Manchester: Manchester University Press, 1995.

BRUNN, S. D. & ENTRIKIN, J. N. *Reflections on Richard Hartshorne’s The nature of geography*. Washington, DC: AAG, 1989.

BUTTNER, Anne. *The practice of geography*. New York: Longman, 1983.

CASTRO, I. E. et al. (Org.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia Política e Geopolítica*. São Paulo: Edusp, 2008.

CORRÊA, Roberto L. *Espaço, um conceito - chave da Geografia*. In: CASTRO, I. E. et al. (Org.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 15-47.

COULD, Peter. *Reflections require a mirror*. *Annals of the Association of American Geographers*, 1991, Vol.81(2), pp.328-334.

FRIEDMANN, John & WEAVER, Clyde. *Territorio y Funcion: la evolucion de la planificacion regional*. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1981.

FORD, Larry R. *Continuity and Change in the American City*. *Geographical Review*, Vol. 85, nº. 4, oct.,1995, pp. 552-568.

GODLEWSKA, ANNE MARIE and NEIL SMITH (eds.). *Geography and Empire: Critical Studies in the History of Geography*. Oxford, U.K./Cambridge, Mass.: Blackwell, 1994.

HARTSHORNE, Richard. *Agricultural Land in Proportion to Agricultural Population in the United States*. *Geographical Review*, Vol. 29, No. 3 (Jul., 1939a), pp. 488-492.

\_\_\_\_\_. *Notes toward a bibliobiography of The Nature of Geography*. *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 69, No. 1, (Mar., 1979), pp. 63-76.

\_\_\_\_\_. *Perspectives on the Nature of Geography*. Chicago: Rand McNally, 1959.

\_\_\_\_\_. *Propósitos e natureza da geografia*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1978.

\_\_\_\_\_. *Questões sobre a natureza da geografia*. Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1969.

\_\_\_\_\_. *The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past*. *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 29, No. 3 (Sep., 1939b), pp.173-412.

HARVEY, David. *O “novo” imperialismo: acumulação por espoliação*. In: *Socialist Register 2004: O novo desafio imperial*. Buenos Aires: CLASCO, 2006. p. 95-125.

\_\_\_\_\_. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, F. and WARDENGA, U. *The Hettner – Hartshorne Connection: reconsidering the process of reception and transformation of a geographic concept*. *Finisterra*, XXXIII, 65, 1998, pp. 131-140.

LATOUR, Bruno. *Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp, 2011.

KENZER, Martin S.. *Areal Differentiation: A Rejoinder*. *Annals of the Association of American Geographers*, 1989, vol. 79, pp. 617 -618.

- LENCIONI, S. *Região e geografia*. São Paulo: Edusp, 1999.
- LEWIS, Martin W. *Global Ignorance*. *Geographical Review*, Vol. 90, nº 4, oct., 2000, pp. 603-628.
- LIMA NETO, Everaldo M. *Sobre a Natureza da Geografia entre Hartshorne e Schaefer: um fragmento inacabado*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2012.
- LIVINGSTONE, David N. *Does Geography Have a Nature? The Dilemmas of a Definition*. *Annals of the Association of American Geographers*, 1991, Vol.81(2), pp. 334-337.
- MARTIN, Geoffrey. 1994. *In Memoriam: Richard Hartshorne, 1899-1992*. *Annals of the Association of American Geographers* 84, nº 3, p. 480-492.
- MATHEWSON, Kent. *Alexander von Humboldt's Image and Influence in North American Geography, 1804-2004*. *Geographical Review*, Vol. 96, nº. 3, Humboldt in the Americas, jul., 2006, pp. 416-438.
- McCORMACK, Derek. *Geography and abstraction: Towards an affirmative critique*. *Progress in Human Geography* 36(6), 2012, 715-734.
- MORAES, Antônio C. R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Annablume, 2007.
- MUIR, Richard. *Geography and the History of Landscape: Half a Century of Development as Recorded in the Geographical Journal*. *The Geographical Journal*, Vol. 164, nº. 2, jul., 1998, pp. 148-154.
- ROSEIRA, A. M. *Nova Ordem Sul-Americana: Reorganização Geopolítica do Espaço Mundial e Projeção Internacional do Brasil*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2011.
- SMITH, Neil. *American Empire: Roosevelt Geographer and the Prelude to Globalization*. Berkeley: University of California Press, 2004.
- SPOSITO, Eliseu Savério. *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Unesp, 2004.
- STODDART, D. R. *Areal Differentiation*. *Annals of the Association of American Geographers*. Cambridge, MA: Blackwell Publishers, 1989, vol. 79, pp. 616 -616.
- \_\_\_\_\_. *Becoming. And Being. Peter Gould*. *Geographical Review*, Vol. 90, No. 2 (Apr., 2000), pp. 238-247.
- WEST, Robert C. *Pioneers of Modern Geography: Translations of German Geographers of the Late Nineteenth and Early Twentieth Centuries*. *Geoscience and Man* 28. Baton Rouge: Louisiana State University, 1990.

### 3. RESULTADOS PRELIMINARES/PARCIAIS DA PESQUISA

*The Nature of Geography* (considerada a principal obra de Richard Hartshorne), embora baseada no trabalho de Hettner, é um tratamento independente dos desenvolvimentos contemporâneos em Geografia. Essa independência não tem sido considerada suficientemente na história da ciência.

**Francis Harvey e Ute Wardenga, 1998.**

Espera-se então que atribuamos seu sucesso [o dos grandes sistemas filosóficos] às “descobertas” mais ou menos idealisticamente concebidas de grandes indivíduos, ou terminemos a investigação (como ocorreu com Sartre) com a afirmação genérica, ainda que correta em sua parcialidade, de que os sistemas em questão dão expressão ao movimento geral da sua sociedade. Além disso, espera-se também que aceitemos a opinião muito simplificada de que “não se pode jamais encontrar ao mesmo tempo mais de *uma* filosofia viva”.

**István Mészáros, O Poder da Ideologia.**

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo... A tradição dos oprimidos nos ensina que o "estado de exceção" em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade.

**Walter Benjamin, Teses sobre o Conceito de História.**

O Anjo da História de Walter Benjamin deve voltar seus olhos para o que até hoje se convencionou chamar de Geografia, sob pena de não o fazendo ver crescer assustadoramente a pilha de destroços à sua frente.



### 3.1. CAPÍTULO 1: UM DEBATE SOBRE MÉTODO

Uma análise dos escritos sobre história parece sugerir que as intervenções presentes buscam projetar sua imagem para o futuro, interferindo em todo o resto, não estando a salvo nem mesmo mortos. É conhecida a história de Milton Friedman ter forjado uma suposta tradição oral *monetarista* em Chicago a fim de justificar a sua posição como o representante sintetizador e coroador dessa abordagem nos anos de 1950 e de fortalecer a sua posição suficientemente para desafiar a abordagem do todo-poderoso John Maynard Keynes, chamada de *keynesianismo*.

De maneira semelhante, parece que Richard Hartshorne<sup>33</sup> leu a história da Geografia moldando o seu passado num cortejo que deveria, em último caso, desaguar no seu coroamento da natureza e propósito da Geografia. Mais que isso, sua prática de *survey* – talvez baseada na epistemologia kantiana, parece ter um problema intrínseco: o de tomar o existente como verdadeiro e necessário, sem ao menos se perguntar sobre as causas do existente. O subtítulo da sua *magnum opus* é sugestivo: “*The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past*” (*A Natureza da Geografia: um exame crítico do pensamento atual à luz do passado*).

Embora sejam muito importantes as críticas feitas à suposta influência absoluta de Hettner no tratado de Hartshorne e a crítica feita por Neil Smith sob um ponto de vista marxista, ainda parecem estar - os geógrafos que contam essa “nova” história - com as mãos suficientemente ocupadas de pedras preciosas. O brilho delas certamente ofusca aquilo que permanece como um aviso marginal: o “coleccionismo” de Edward Fuchs sobre o qual fala Walter Benjamin, o “modus operandi” da forma ensaio de Theodor Adorno ou ainda a indicação de Marx, de que os deuses estão no centro da Terra. Disso não poderia resultar outra coisa, senão uma abordagem ainda eminentemente epistemológica.

Pensamos que é possível ir além, olhando essas pedras preciosas à luz o que foi deixado, de um lado e de outro, pelo “cortejo fúnebre” da abordagem epistemológica.

---

<sup>33</sup> É importante ressaltar que se a estória de Milton Friedman sobre a existência de uma tradição oral é falaciosa, a de Hartshorne não o é, já que de fato havia uma preocupação enorme sobre a existência de uma natureza da Geografia nos EUA nas décadas de 1920-1930 e que os textos que ele cita são reais. Contudo, isso não o isenta da regra geral da história: para resolver “a cristalização no papel de divergências até então mantidas na solução mais líquida da discussão oral”, que foram “subitamente precipitadas pelo primeiro desafio aos princípios fundamentais em geografia a aparecer no papel em mais de uma década”, ele precisou recorrer à intervenção cirúrgica no passado a fim de forjar uma tradição ao seu modo. Essa posição é compartilhada por Neil Smith em *Geografia como um Museu: História Privada e Idealismo Conservador em “A Natureza da Geografia”*, 1989. Mais à frente discutiremos esse texto.

Ainda que se queira desqualificar uma abordagem materialista em função do seu suposto dogmatismo ou determinismo, a outra possibilidade de caminhar que restaria a nós que fomos cegados pelo excessivo brilho duvidoso de obras consideradas puramente geográficas ou metodológicas – como se método fosse algo separado de valores e posições políticas – também recairia numa crítica. Afinal, já foi dito sobre as possibilidades da cegueira<sup>34</sup> em nos “abrir para outros sentidos”. Sendo o tato<sup>35</sup> um deles, aquele que tateia tem a possibilidade de encontrar pequenas fissuras, pequenos detalhes, que, belos ou feios aos olhos comuns, serão de grande valor; afinal, como irá o cego reconhecer o mesmo padrão estético daquele que o define a partir do visível?

### 3.1.1 Roteiros para a reabertura do passado<sup>36</sup>

**“Os representantes da ideologia dominante jamais se cansam de exaltar seu ‘pluralismo’... há um certo grau de verdade, visto que várias abordagens ideológicas contrastantes são compatíveis com os imperativos sociais gerais da ordem estabelecida... é da própria natureza do capital que ele seja constituído como uma irremovível *pluralidade de capitais*. De fato, não há concentração e centralização do capital que possam alterar radicalmente essa constituição.**

**“É claro que, nos fundamentos materiais capitalistas, esse pluralismo não pode ir muito longe...”**

Resta saber se “tal pluralismo inclui ou não a sociedade inteira”.

(MÉSZÁROS, 2012, p. 243)

“Toda vez que o trem da vida faz uma curva, os pensadores caem pela janela”.

Karl Marx

Atualmente é dado como certo que pensar a ciência como resultado da criação individual de cientistas notáveis é uma abordagem fora de moda. A imagem da queda da maçã de Newton põe-se defasada. Para além dessa abordagem colocaram-se os programas de pesquisa, os paradigmas e as comunidades científicas (como ilustram as formulações de Lakatos, discípulo de Popper, e Kuhn). Os filósofos estavam certos de

---

<sup>34</sup> Alusão a “*Ensaio Sobre a Cegueira*”, de José Saramago.

<sup>35</sup> O *tato* tem papel central nas possibilidades críticas do ensaio para Theodor Adorno, por exemplo.

<sup>36</sup> Na versão completa do texto serão inseridos detalhes das concepções dos autores aqui citados, citações bem como outros comentários.

que havia algo de social no fazer da ciência. Mas quando tudo parecia sólido, o trem da história fez mais uma curva entre fins da década de 1970 e 1980. Ao que tudo indicava essa curva parecia ser a derradeira.

A década de 1980 mostrou uma retomada pelo interesse dos geógrafos pela história da disciplina. Na Geografia, e no que se convencionou chamar de Sociologia da Ciência, tem-se, a partir dessa década, uma proliferação de textos buscando sistematizar abordagens que sirvam à busca da compreensão de debates passados.

Um movimento que parece ter se iniciado na década de 1970 na Geografia, ganha alto grau de formalização com **Berdoulay (1981)** em dois textos: *A Formação da Escola Francesa de Geografia* e *A Abordagem Contextual*. Nesses textos, que têm um caráter programático na nossa concepção, estão postas uma série de questões de grande valor para compreender o processo de formação de uma concepção filosófica e científica específica. Tratava-se, de certa maneira, de uma reação ao que se tinha pensado em termos do que se chamou durante algum tempo de abordagem “internalista” e “externalista”. Com efeito, se Berdoulay faz uma crítica à evolução linear das ideias – incluindo o próprio Hartshorne, passando pela dicotomia falaciosa entre internalismo e externalismo e desaguando em uma crítica de um determinismo social simplista, além de criticar outras abordagens.

Na crítica de Berdoulay, nem tudo são ruínas. Para cada concepção que procura destronar, elege suas contribuições importantes. Ao longo da sua revisão elege como as principais:

- o estudo de comunidades científicas;
- o estudo da resistência a inovações;
- o estudo da organização do ensino e da pesquisa científica em vários países;
- a compreensão do status desigual da Geografia entre os países;
- a leitura da difusão de conceitos geográficos;
- o deslocamento, de um país para o outro, de centros inovadores;
- o papel de instituições influenciando na pesquisa geográfica;
- o estudo da institucionalização das inovações como mediação importante nas relações entre o desenvolvimento do Pensamento Geográfico e do seu Contexto Social.
- o estudo dos fatores que influenciam o grau de aceitação das inovações
- a análise do estabelecimento de atividades profissionais (periódicos);
- a definição do novo status associado à inovação (geografia como ciência autônoma);
- as etapas da institucionalização;
- a presença de grupos concorrentes de cientistas.

Após elencar essas contribuições, Berdoulay passa a colocar os pressupostos fundamentais da sua abordagem, que são dois:

“O primeiro é de que existem sistemas de pensamento em mudança, assim como há continuidade de determinadas ideias. Mas esta visão não implica que um sistema de pensamento deva ser atribuído a priori a cada período histórico ou a cada grupo social. O segundo pressuposto não é menos exigente: **não há dicotomia radical entre fatores internos e externos da mudança científica**. Esses fatores devem ser vistos apenas como **dois pontos de um continuum, sem nenhuma distinção bem definida**” (Berdoulay, 2003(1981), p. 51).

Embora concordemos em larga medida com o primeiro pressuposto, o segundo parece uma característica que atravessa todo o esquema científico burguês: dividir a realidade em segmentos para depois reuni-la a fórceps. Nessa reunião, os mais grosseiros métodos são utilizados, embora sob léxicos rebuscados tenham a aparência de algo sofisticado e que está além das dicotomias positivistas.

Se o *continuum*<sup>37</sup> reduz a brusca dicotomia, não pode por Decreto eliminá-la. Ele não supera a dicotomia interno-externo já que, se a epistemologia não é o mais importante no contexto, nem por isso ela deixa de existir, e, além disso, o que se apresenta no presente como “fatores internos” foi produzido – em um passado e atualizado no presente – sempre dentro de um horizonte social. Berdoulay não observa que o que vem do passado também foi formado pelas formas sociais que formam o seu chamado “contexto”.

Além disso, a noção de *continuum* é responsável por apagar a mudança qualitativa e pôr em seu lugar uma mudança quantitativa, que nubla as mudanças qualitativas e as mediações do mundo real<sup>38</sup>. Com efeito, a abordagem dialética de Marx não faz apagar a existência real e as diferenças qualitativas entre base e superestrutura, que não se imiscuem em um mero *continuum*. No mais, resta afirmar que para Marx a própria dialética da natureza pode nos mostrar que as mudanças quantitativas se transformam em mudanças qualitativas, de onde se infere que ambas não deixam de existir.

---

<sup>37</sup> Um dado importante sobre o chamado “*continuum*” que reforça a nossa argumentação de que ele seja uma sofisticação das grosserias positivistas é o fato de que o mesmo Hartshorne, que Berdoulay não se esqueceu de criticar no seu texto, valeu-se do recurso do *continuum* no seu “*Propósitos e Natureza da Geografia*” (1959) para tentar corrigir o seu “dualismo integrado” entre Geografia Regional e Geral adotado no “*A Natureza da Geografia*” (1939). Se era preciso superar a dicotomia grosseira entre Geral e Regional dos seus antecessores com o recurso a um “dualismo integrado”, não sendo este suficiente, e diante das críticas, Hartshorne prontamente recorreu ao *continuum*. Berdoulay parece não ter notado isso.

<sup>38</sup> Esse *continuum* de certa forma guarda relação com o “banho de empiria” de Bruno Latour, como se verá à frente.

Na sequência dos pontos distintivos da sua abordagem contextual, Berdoulay coloca outro ponto importante, segundo o qual:

“... a abordagem contextual não deve desconsiderar nenhuma tendência geográfica, mesmo que algumas delas não tenham sobrevivido. A questão é **começar a pesquisar sem atribuir qualquer superioridade intelectual a uma tendência ou a outra**. Pode-se mesmo descobrir, mais tarde, que as razões que estão por trás de um insucesso ou falta de futuro podem ser essencialmente sociológicas ou políticas” (Berdoulay, 2003(1981), p. 51-2).

Embora concordemos que ao fazer esse tipo de pesquisa não estamos diante de concepções que triunfaram em virtude de méritos intrínsecos, não achamos que seja possível essa isenção sugerida pode levar ao pesquisador facilmente a recair no “apagar da consciência” de Bruno Latour e até mesmo numa manifestação específica do “método compreensivo” de Marx Weber, os quais trataremos adiante. No mais, as razões “essencialmente sociológicas ou políticas” de Berdoulay parecem estar desvinculadas das pressuposições globais do metabolismo do sistema do capital, algo que ele deixa apenas de uma forma longínqua implícito no começo do seu texto. Já a luta de classes, esse é uma questão que de fato não aparece.

O terceiro grupo de proposições que constituem a abordagem de Berdoulay afirma serem necessários: “identificação e estudo aprofundado das principais questões que envolvem uma sociedade, mesmo que algumas delas não pareçam, à primeira vista, ter influenciado a evolução das idéias geográficas” (Berdoulay, 2003(1981), p. 52). E em sequência – ao tratar da relação entre a ética e a formação da geografia francesa na virada do século XIX para o século XX – afirma que “Somente o tipo de reflexões que essa questão proporcionou e o tipo de resposta que foi proposta permitem compreender as posições sociogeográficas dos estudiosos envolvidos” (idem).

Em que pesem ser reveladores os estudos de Berdoulay sobre a geografia na França, e ainda que possam, na prática chegar até a serem melhores do que a sua proposta metodológica, sua proposta tem orientado trabalhos sobre Richard Hartshorne que consideramos insuficientes. Esse terceiro ponto traz o interessante conceito de “*posições sociogeográficas*”<sup>39</sup>, que certamente tem conteúdo distinto das *posições*

---

<sup>39</sup> Pensamos que a preocupação constante dos geógrafos em declararem uma espacialidade para tudo, ou - na versão mais radical - um a priori espacial, numa clara defesa do seu “campo” de estudos, embora possa ter uma vantagem ao acender uma nova escala de análise, ela recai no mesmo problema da ciência ser primeiro dividida para depois ser reunida, quando, na verdade, a ciência social como um todo já pressupõe uma *perspectiva escalar* que resulta de mediações reais sob três ângulos apenas momentaneamente separados: o temporal, o espacial e o da divisão entre classes. O segundo problema em que essa abordagem pode recair é no fato de que a geografia costuma reificar escalas que, embora

*sociais* de Michel Lowy<sup>40</sup> e do *horizonte social* e dos *cenários sociais particulares* de Mészáros<sup>41</sup>.

Na sequência, é-nos apresentada a orientação de que “Como as tendências geográficas têm alguma base sociológica é importante não adotar um conceito de comunidade científica tão estreito (até porque comunidade indica algo comum, o que na realidade não acontece)”. Deve-se também “colocar mais ênfase nas ideologias do que nas instituições”. Um corolário dessa proposição é que “todo estudioso pertence a um círculo de afinidades, que abrange mais do que uma comunidade científica”. Essa questão, que se torna clara no estudo da produção de qualquer intelectual, havia sido nublada em grande parte pelas abordagens internalistas que Berdoulay critica ao longo do texto.

Por fim, Berdoulay nos apresenta uma quinta proposição, na qual afirma que:

“A abordagem contextual consiste menos em examinar a possível “influência” de uma idéia do que em verificar as razões que estão por trás da “demanda” ou “uso” dessa idéia. O Contexto explica melhor a originalidade de uma síntese de uma série de idéias sustentada por um indivíduo ou grupo, embora qualquer uma dessas idéias, tomada em separado, possa não ser nova ou inovadora” (Berdoulay, 2003(1981), p. 52).

Embora este último ponto seja o que se aproxime mais do materialismo histórico dialético de Marx<sup>42</sup>, a conclusão de Berdoulay recua para os primeiros pontos que criticamos, especialmente a dicotomia entre interno e externo que permanece embora supostamente diluída – como uma essência em um remédio homeopático – no *continuum*. Como conclusão, o autor afirma que a abordagem contextual:

“serve como uma moldura abrangente para analisar a conjunção entre da **lógica interna** e do conteúdo da ciência com o **contexto** no qual o cientista está situado. Desatando os elos que unem a mudança no **pensamento geográfico** ao seu contexto, estaremos na melhor posição para avaliar, e

---

tivessem existência real em determinado momento da história, com o processo histórico deixaram de se referir a mediações do mundo real. Na próxima versão deste texto, incluiremos uma leitura de dos textos de David Livingstone, a saber: *The Geographical Tradition: Episodes in the History of a Contested Enterprise*. Wiley-Blackwell, 1993 e *Putting Science in Its Place: Geographies of Scientific Knowledge*. University Of Chicago Press, 2003. O objetivo será compreender até que ponto “colocar as ciências no lugar” resiste ao fato de que a história tem se tornado cada vez mais uma história mundial, como nota Marx.

<sup>40</sup> As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen (1987).

<sup>41</sup> Estrutura Social e Formas de Consciência: a determinação social do método (2009). Embora o conceito já estivesse desenvolvido desde livros como Filosofia, Ideologia e Ciência Social (1986).

aprender com, as **contribuições criativas de indivíduos notáveis**” (Berdoulay, 2003(1981), p. 52-3).

Embora a abordagem marxista de Marx e Mészáros não negue a posição dos indivíduos nas sínteses conceituais originais, ela certamente se levanta contra essa dicotomia persistente e contra o controverso “pensamento geográfico”, especialmente quando se nota que, por exemplo, as dicotomias do mundo real nas quais a Geografia se vê envolvida (como a que existe entre região homogênea/formal ou funcional e a superfície da terra como um todo) são de longa data, e que as formas específicas que elas assumem no capitalismo, por exemplo, também são racionalizadas e reificadas na economia, na forma de economias duais. Criações da produção capitalista do espaço que a tudo abarca e a tudo divide, só resguardando a si o alcance do todo.

Além disso, sem olhar para a base das “determinações” objetivas do sistema metabólico do capital, “periodizar um ‘contexto’”, torna-se muito mais complicado. O que David Harvey fez na definição do que chamou de “acumulação flexível” é um exemplo da análise baseada nas “determinações” objetivas do sistema metabólico do capital.

Embora se possa enxergar em alguns momentos neste texto que se esteja fazendo o uso das recomendações de Berdoulay, Latour ou Martin, entre outros, isso decorre não do fato de que – apesar das críticas - no fundo acabemos concordando com elas, mas do fato de que, embora com limitações, cada uma das abordagens discutidas apreende questões importantes do mundo real, embora as que deixem de apreender sejam mais importantes ainda. Por isso mesmo, não compartilhamos delas. No mais, o método de investigação de Marx já ensinava: deve-se apropriar da matéria em detalhes, antes de se passar à exposição de um “todo artístico”. “Apropriar-se em detalhes da matéria” parece compreender desde “afinidades intelectuais” até a explosão das bombas atômicas, e isso parece ficar claro nos seus escritos mais de 100 anos antes dessas propostas metodológicas.

**Já Bruno Latour**, influencia outra parte de geógrafos que têm buscado recentemente reabrir algumas questões acerca do fazer dos geógrafos. Um exemplo é Trevor J. Barnes, que tem pesquisado as atividades dos geógrafos durante a Segunda Guerra Mundial e que trabalha com os conceitos de *centros de cálculo* e de *rede de atores*.

Não entraremos na discussão específica desses conceitos, pelo menos neste momento. O que interessa por ora é fazer a avaliação do que consideramos de mais profundo no texto de Bruno Latour, “*Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros mundo afora*” (2003). Para tal, valemo-nos de uma longa citação:

“Todas as distinções que poderíamos desejar fazer entre domínios (economia, política, ciência, tecnologia, lei) são menos importantes que o movimento sem-par que leva todos esses domínios a conspirar pelo mesmo objetivo: um ciclo de acumulação graças ao qual um ponto se transforma em centro, agindo à distância sobre muitos outros pontos. Se quisermos concluir nossa jornada, teremos de definir as palavras que nos ajudarão a acompanhar essa heterogênea mistura, sem sermos interrompidos e frustrados sempre que os construtores de ciclos engatam outra marcha e mudam de um domínio para o outro. Chamaremos “conhecimento” aquilo que se acumula no centro? Obviamente essa não é uma boa escolha terminológica, pois a familiarização com acontecimentos longínquos, como os dos exemplos apresentados, implica reis, ofícios, marinheiros, tipos de madeira, velas latinas, comércio de especiarias, todo um feixe de coisas que normalmente não se incluem no termo “conhecimento”. Chamaremos então “poder”? Também poderia ser um erro, porque não deixa de ser absurdo classificar sob esse título coisas como estimativa de terras, preenchimento de diários de bordo, preparação da carena, maestração. Talvez pudéssemos falar em dinheiro ou, mais abstratamente, em “lucro”, pois isso é o que o ciclo vem a ser. Mais uma vez, poderia ser uma escolha errada, porque não há como chamar lucro o punhadinho de números que De Lesseps levou de volta a Versalhes ou que os navegadores puseram nas mãos do rei Dom João; tampouco é o lucro a maior motivação de Lapérouse e de seus naturalistas, geógrafos e linguistas. Por isso, como devemos chamar aquilo que se traz de volta? Evidentemente podemos falar em “capital”, que é alguma coisa (dinheiro, conhecimento, crédito, poder) sem outra função além do reinvestimento instantâneo em outro ciclo de acumulação. Não seria ruim essa palavra, especialmente porque vem de caput, cabeça, chefe, centro, capital de um país... **Porém com o uso dessa expressão incorre-se numa petição de princípio: o que é capitalizado é necessariamente transformado em capital, e não nos diz o que é; além disso, a palavra “capitalismo” teve uma história cheia de confusões... Não, temos de nos desfazer de todas as categorias como essas de poder, conhecimento, lucro ou capital, porque elas dividem um tecido que desejamos íntegro, para estudá-lo da maneira que escolhemos. Felizmente, ao nos libertarmos da confusão criada por todos esses temos tradicionais, a questão fica bem simples...”**

LATOUR (2003, pp. 347-48)

O importante de notar nessas linhas é que o “banho de empiria” ou “a dissolução de categorias” propostos por Latour, que aparentemente nos faz avançar no sentido de realizar análises mais verdadeiras, constitui uma verdadeira regressão a três largos passos na história da filosofia: voltamos para trás de Marx, Hegel e Kant. Livrarmo-nos da suposta má ingerência das nossas velhas categorias e conceitos sobre o mundo real nos permite vê-lo como um tecido único, o da empiria. É uma opção, porém das mais conservadoras. Nivela no mundo da empiria, por exemplo, homens e bactérias, como



meros atores. A complexidade que analisa parece se limitar à complexidade dos mercados, da concorrência interlaboratorial.

No fundo, o que está por trás da sua abordagem, é o fato de não considerar a questão da luta de classes, já que, por exemplo, considera normal o fato de grupos de cientistas disputarem entre si a posse da verdade, não por meio da busca da verdade em si, mas por meio do controle dos veículos pelos quais uma verdade (ainda que mentirosa) possa se afirmar. Ora, isso só é possível ou desejável num sociedade de classes, na qual vender uma mentira (um medicamento que afete a saúde) como sendo benéfica atende aos requisitos últimos da acumulação, pouco importando os que tenham que padecer nesse processo. Somente nesse contexto é possível a Latour tratar da busca da verdade por parte de Galileu como um sonho ingênuo.

Não obstante essas graves questões que colocam Latour numa posição bem peculiar, sua abordagem tem o mérito de revelar as graves determinações às quais estão confinados os cientistas no fazer da ciência e de falar em uma tecnologia que, ao invés de se disseminar cada vez mais se concentra, diante das quais as lamentações de Einstein ao ver sua fórmula se transformar numa bomba aparentam ser fruto de uma grande ingenuidade.

Já **Geoffrey Martin**, geógrafo norte-americano e escritor da única “biografia” existente sobre Richard Hartshorne, um documento intitulado *In Memoriam* contendo 15 páginas e publicado nos Anais da Associação dos Geógrafos Americanos (AAG) em 1994, tem uma forma peculiar de reconstruir o passado. Em texto de 1990, intitulado *Geografia e Passado*, publicado no Boletim Geográfico da GAMMA THETA UPSILON (vol. 32, nº 1), afirmar que “parecemos relutantes em estudar a história da nossa disciplina”. Como se a perda do interesse no passado fosse um problema moral e ético individual.

Para expressar melhor seu sentimento ele cita os comentários do Diretor Executivo da Associação dos Geógrafos Americanos, Ronald F. Abler<sup>43</sup>:

---

<sup>43</sup> Importante é notar que, se por um lado os EUA não fazem mais especialistas regionais como se fazia antigamente, do calibre de Richard Hartshorne, por outro a escala de acumulação do capital se já havia se tornado mais complexa na década de 1990 suscitando debates, por exemplo, sobre categorias como território e lugar. Além disso, os EUA não ficaram sem as valiosas informações porque os satélites de órbita e as operações de empréstimos a países do BIRD, BID e FIM (que possuem capítulos inteiros reservados ao diagnóstico da situação dos países e dos entes subnacionais) puderam prontamente ocupar o seu lugar. Até porque a o diagnóstico conjuntural parece ser um dos limites necessários do sistema do capital à medida que este tem “aversão” ao planejamento de longo prazo, exceto em raríssimas condições de bonança generalizada.

“É irônico que **precisamente agora que os EUA desesperadamente precisa de especialistas no exterior por causa do seu crescente engajamento com o resto do mundo**, nós temos pouco para oferecer por causa que negligenciamos a geografia regional e o estudo de campo nas décadas de 1960 e 1970. É tarde, mas eu não acho que seja tarde demais, e eu posso pensar em nada melhor calculado para reforçar a sorte da geografia do que uma forte ênfase no estudo de geografia regional e de campo em toda a década de 1990”.

Abler, para "Chefes de Departamentos", Novembro de 1989, apud Martin, 1990, p. 6.

Após mostrar que não é uma preocupação só sua, mas compartilhada por Abler e boa parte da AAG, Geoffrey afirma que o

“estudo de nosso campo também demonstra que a pesquisa geográfica não ocorre em um vácuo, que grandes idéias do passado são o produto de geógrafos passados, mas sempre eminentes, e que o todo nos provê uma perspectiva necessária como um corretivo à dominância de uma numeracia tecnicamente orientada (refere-se à força da abordagem quantitativa na Geografia, especialmente nos EUA)... Pode-se dizer que a geografia tem um longo passado e uma curta história. E enquanto apenas fragmentos da história foram escritos, negligenciar aquela história não significa que nós podemos escapar de sua influência... A construção da nossa história é uma empresa digna e nós somos enriquecidos pelo estudo da ação recíproca (ação combinada) do passado e do presente... A ciência progride e regride, e estamos aptos a cometer os erros do passado, se não estiver familiarizado com eles”. (Martin, 1990, p. 6-7)

Embora concordemos com as preocupações de Geoffrey sobre a importância do passado – especialmente em uma época onde a perda da temporalidades histórica avança com o avanço do capital e do conservadorismo – discordamos da sua forma de preservar e reabrir o passado, que em larga medida marca seus escritos sobre geografia inclusive sua “biografia” sobre Hartshorne. Por ser essa a fonte mais completa de informações sobre a sua vida – a qual iremos usar largamente no capítulo seguinte – cabe uma breve menção ao seu método de análise, que pode ser chamado de “história compreensiva das idéias”<sup>44</sup>.

As abordagens (compreensiva) das ideias têm um pano de fundo no método compreensivo de Max Weber. Em linhas gerais ele afirma ser possível sempre descobrir novidades sobre assuntos que pareciam mais ou menos resolvidos à medida que

---

<sup>44</sup> O principal livro de Martin se chama: *Todos os Mundos Possíveis: uma História das Idéias Geográficas*, 1972.

continuemos a pesquisá-lo, esclarecendo pontos obscuros de um estudo anterior ou mesmo refutando seus resultados. Nada poderia então garantir que os resultados de uma pesquisa formam a realidade completa dos fatos. Nesse sentido, Weber não acreditava que a sociologia pudesse chegar a sistematizar todas as leis sociais existentes. E embora o sociólogo discordasse dos positivistas quanto à possibilidade de uma completa neutralidade do cientista, defendia-a mesmo não acreditando que ela pudesse ser plenamente alcançada.

Weber acreditava na necessidade do cientista não projetar seus juízos de valores e suas preferências estéticas e políticas na análise científica. Mas isso, para ele, não era garantia de resultados exatos, como defendia Durkheim. Outra preocupação que permeava a análise weberiana era diferenciar a ação do cientista da ação do político. Para ele, ao político cabe trabalhar com julgamentos de valor, emitindo suas opiniões pessoais, algo do qual o cientista deve buscar se afastar. Weber entendia política e ciência como duas esferas que deveriam estar separadas; uma sem interferir na produção da outra. Essas posições estão expressas nos seus dois ensaios de 1918<sup>45</sup>.

Portanto, se o método weberiano é vacilante acerca da possibilidade da isenção do cientista, Marx, Mészáros e Lowy são categóricos em afirmar o seu total comprometimento. Além do que, a separação de Weber entre ciência é fictícia como veremos à frente. Em ambas as questões, perpassa uma compreensão de que um transcendentalismo ético ou moral deva orientar o cientista para que ele não incorra nas indesejáveis parcialidade e nas opiniões pessoais típicas dos políticos. Para a análise dos textos e das posições ocupadas por Hartshorne no Estado norte-americano, não iremos atribuir a priori sua vinculação à perspectiva da economia política, que favorece em último caso o capital, mas vamos partir da sua fundação “ontoprática” para revelar as suas profundas ligações com essa posição e as implicações decorrentes.

O tratamento mais intensivo dedicado a Berdoulay neste texto é justificado pelo fato de que aqueles que buscam escrever outra história sobre a Geografia de/em Hartshorne comumente o citam como uma referência metodológica<sup>46</sup>. Bruno Latour

---

<sup>45</sup> WEBER, Max. *Ciência e Política*: duas vocações. 11 ed., São Paulo: Cultrix, 1999.

<sup>46</sup> A exceção parece ser Neil Smith (1989) que, embora parta de Berdoulay para afirmar a larga influência neokantiana na geografia e assim mostrar a vinculação de Richard Hartshorne com essa abordagem, coloca questões que estão além dos outros críticos de Hartshorne.

também é referência, embora para uma quantidade menor e menos rica de textos que tratam de Hartshorne, cujo principal destaque são os textos de Trevor J. Barnes, que, a partir das noções de rede de atores e de centros de cálculo, tem analisado os envolvimento dos geógrafos durante a Segunda Guerra Mundial e, mais recentemente, a relação entre a filosofia do pragmatismo americano e a geografia. Já Geoffrey Martin é considerado por motivos óbvios: por ser o biógrafo de Hartshorne e por ser um dos maiores escritores da história da geografia norte-americana.<sup>47</sup>

Além disso, a filosofia kantiana e neokantiana deverão receber atenção detalhada no próximo capítulo por estarem profundamente presentes na obra de Hartshorne. Como nota Meszáros, “a filosofia kantiana... continuou a exercer, até em nossa época, uma influência incomparavelmente mais difundida do que qualquer outra filosofia...”<sup>48</sup>.

A título de encerramento desta seção, cumpre comentar que aquilo que à primeira vista parece uma malha inextrincável de alto poder explicativo do mundo real, é sintomático do que Meszáros vê como tentativas de reconciliação forçadas dos dualismos e dicotomias presentes em praticamente toda a filosofia pós-cartesiana. Quanto mais se agravam os conflitos sociais e quanto mais se torna patente o caráter ideológico das “formulações metodológicas”, mais complexas e difíceis se tornam as tentativas de reconciliação dos dualismos e dicotomias irreconciliáveis enquanto não se alterarem substancialmente no mundo real as condições que produziram esses dualismos e dicotomias e os seus reflexos nas formas de consciência social.

A pluralidade de concepções reflete a pluralidade de capitais individuais, inerente ao capitalismo e o modo de legitimação pluralista

“longe de ser um fingimento vazio, é de fato mais eficiente... Tudo que se exige das diversas abordagens pluralistas... é a aceitação de alguns princípios

---

<sup>47</sup> Na próxima versão deste texto estarão presentes considerações sobre outras abordagens que permeiam uma extremamente grande parte dos trabalhos de geógrafos recentemente que se dedicam a escrever a história da disciplina. De Félix Driver: *The Historicity of Human Geography*, 1988; *Biography and the history of geography*, 2007; e *Sobre a Geografia como uma Disciplina Visual*, 2013. De David Livingstone: *The Geographical Tradition: Episodes in the History of a Contested Enterprise*. Wiley-Blackwell, 1993 e *Putting Science in Its Place: Geographies of Scientific Knowledge*. University Of Chicago Press, 2003. Além de um conjunto de debates que se seguiram à obra *The Geographical Tradition* de Livingstone acontecido em um seminário, em 1995, na Inglaterra, onde 5 perspectivas de abordagem são postas a partir da intervenção de Livingstone. Os debates estão registrados em *Transactions of the Institute of British Geographers* (1995), *Royal Geographical Society and Institute of British Geographers*.

<sup>48</sup> O Poder da Ideologia, 2012, pg. 307. Vincent Berdoulay (1978) e Neil Smith (1989) compartilham dessa visão em relação à Geografia.

metodológicos fundamentais como seu denominador comum... pragmatismo e “praticabilidade”, culto à imediatividade, idealização do “gradualismo” em oposição às estratégias abrangentes, etc... graças aos seus pressupostos metodológicos comuns, essas ideologias dominantes podem se permitir ser pluralistas com respeito à explicitação ou ocultamente de importantes compromissos de valor. (MÉSZÁROS, 2012(1989), p. 244-5)

Embora todas essas abordagens apresentadas nesta seção sempre captem aspectos importantes do desenvolvimento de certas concepções filosóficas, todas elas são limitadas por – em alguma medida – compartilharem do ponto de vista da economia política, ao negarem, reiteradamente, os debates sobre a fundação prática das concepções filosóficas, sobre a ideologia e sobre a luta de classes (muitas vezes ainda são “abordagens contextuais intelectuais”, que continuam a exaltar as pedras preciosas e deixar de lado o que turva a linha de “transmissão do pensamento geográfico”).

A abordagem feita nesta pesquisa busca superar as concepções adotadas em todos esses roteiros para a reabertura do passado, embora em um momento ou em outro o leitor pense estar diante da aplicação direta de alguma delas, pois, como já disse, todas elas captam alguma medida da realidade (embora os que omitam sejam mais importantes), seja no fato de que cientistas dialogam entre si, seja no fato de que as condições em que a pesquisa é realizada influencia diretamente os seus resultados, entre outras questões.

No limite, essas abordagens parecem seguir o procedimento da ciência burguesa: separar a realidade para depois juntá-la a fórceps, num processo de superação quantitativa. Nesse processo, recorre-se sempre às inter, trans e multidisciplinaridades ou à politecnia burguesa (erudição disciplinar) como maneiras de superar a parcialidade das histórias contadas sobre a história. Nesta pesquisa, a politecnia é marxista.

### 3.1.2 A superação da “amolação da faca metodológica”

“... produção de **uma metodologia pela metodologia**: tendência mais pronunciada no século XX do que em qualquer época anterior. Esta prática consiste em afiar a faca metodológica recomendada até que nada reste a não ser o cabo, quando então uma nova faca é adotada com o mesmo propósito, pois **a faca metodológica ideal não se destina a cortar, mas apenas a ser afiada, interpondo-se assim entre a intenção crítica e os objetivos reais da crítica, que acaba por eliminar enquanto prossegue a atividade pseudocrítica de afiar por afiar a faca**. E é exatamente esse **o seu propósito ideológico inerente**”. (MÉSZÁROS, 2012(1989), p. 302)

A leitura da obra de Karl Marx, Walter Benjamin e István Mészáros fornece elementos radicalmente alternativos para uma compreensão do passado. Isso se deve, primeiro, ao fato de que, para esses filósofos, o passado não jaz morto como nas concepções discutidas acima. Para esses filósofos ele está vivo, seja no *cortejo fúnebre* da transmissão dos bens culturais de geração em geração, de dominante a dominante de que fala Benjamin<sup>49</sup>, seja na força da materialidade prática do mundo real que torna a *produção espiritual livre* uma “impossibilidade” sob o sistema do capital, de que fala Marx, seja nos limites postos aos intelectuais pela *moldura estrutural* do limitado *horizonte social* do sistema do capital, como nota Mészáros.

É importante ressaltar que Marx e Mészáros não abordam essas questões na forma de uma determinação absoluta e invariável. Os próprios títulos das obras de Mészáros<sup>50</sup> que abordam em detalhe essas questões falam em *formas de consciência*, ou seja: assim como as formas sociais capitalistas são perenes enquanto o sistema prevalecer, ao longo do desenvolvimento histórico desse sistema essas formas podem sofrer alterações superficiais suscitando novas ideologias ou mesmo porque, a partir do progresso material em determinados momentos históricos desse desenvolvimento e da alteração da correlação de poder entre forças sociais, antigas ideologias podem ressuscitar. Se essas questões não fossem a mais pura verdade, o “Nobel”<sup>51</sup> de Economia de 2008 não teria sido dado a Paul Krugman pelo estouro da crise capitalista, levando-lhe, da noite para o dia, de nonsense a guru dos mercados. Não obstante:

---

<sup>49</sup> Aqui, Benjamin figura mais como uma fonte de inspiração e um forte lembrete de que a história é muito diferente daquilo que comumente se conta sobre ela, do que como uma orientação metodológica para a pesquisa, até porque sua “transmissão de bens culturais” pode dar a entender que a continuidade da dominação se dê meramente por meio da transmissão desses bens, quando na verdade a realidade é mais complexa, passando pela manutenção das relações de produção. É justo, porém, lembrar que a todo instante Benjamin fala do conflito de classes.

<sup>50</sup> Embora toda a sua produção esteja fundada sobre essa concepção, os livros de Mészáros que dedicam mais atenção a essa questão são: *Filosofia, Ideologia e Ciência Social* (1986), *O Poder da Ideologia* (1989) e, após um longo período dedicado à redação deste último e dos livros *Para Além do Capital* (1995) e *O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico* (2007) - cuja importância no momento histórico o autor considerou maior, vieram dois ensaios cuja redação se iniciara na década de 1980, mas que haviam sido adiados: *Estrutura Social e Formas de Consciência – A Determinação Social do Método* (2009) e o seu volume 2, cujo subtítulo é *A Dialética da Estrutura e da História* (2011). A orientação desta pesquisa é inspirada nesses textos e na obra de Karl Marx.

<sup>51</sup> Incluir trecho de Dowbor que explica que nunca na correspondência de Alfred Nobel houve qualquer menção a um Nobel de Economia, sendo este prêmio oferecido pelo Banco da Suíça, que por sua vez se aproveita da ocasião de outorga do verdadeiro Nobel para também entregar o seu prêmio.

“Naturalmente, ninguém deseja negar que a “lógica” do desenvolvimento científico tem um aspecto relativamente autônomo como um momento importante do **complexo geral das indeterminações dialéticas**. Entretanto, esse reconhecimento não pode chegar a ponto de tornar absoluta a lógica imanente do desenvolvimento científico, com a eliminação, de modo ideologicamente tendencioso, das importantes e muitas vezes problemáticas **determinações sócio-históricas**. Defender a absoluta imanência do progresso científico e de seu impacto sobre os desenvolvimentos sociais só pode servir aos propósitos da apologia social”. (MÉSZÁROS, 2012(1989), p. 254)

Desses desenvolvimentos se constata que existem, sem dúvidas, especificidades históricas nas sínteses filosóficas, mas que, ao mesmo tempo, todas elas são impregnadas de uma substância social comum que transpassa contextos históricos específicos, a saber: a materialidade prática do sistema do capital.<sup>52</sup> O que faz uma abordagem meramente contextual ser limitada e reificadora.

Partindo desses pressupostos, propomo-nos a escrita de uma história que apreenda vários aspectos da obra daquele que foi reconhecido pelos pares como o mais eminente geógrafo da década de 1940 e início da década de 1950, Richard Hartshorne<sup>53</sup>, desde a sua vinculação à moldura estrutural do sistema do capital até a originalidade da sua síntese histórica da Geografia, desaguando na larga aceitação das suas proposições.

A partir desse abordagem, que não será meramente associativa do tempo histórico à sua síntese filosófica, iremos compreender tanto a origem da abordagem hartshorniana quanto as razões da sua proeminência durante décadas em meio à pluralidade<sup>54</sup> de outras ideologias contemporâneas a ela, mas que se integraram ao sistema do capital de forma menos eficaz.

### **3.2 – DOS PÉS À CABEÇA OU OS DEUSES DESCEM AO CENTRO DA TERRA: O CHÃO DA FILOSOFIA E DA CIÊNCIA NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX NOS EUA<sup>55</sup>**

---

<sup>52</sup> Dessa forma, o *horizonte social* de Mészáros difere radicalmente das *posições sociogeográficas* de Berdoulay. Outro grande esforço de crítica do fazer ciência vem de Michel Lowy com a sua noção de *visões sociais de mundo* em *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen* (1994).

<sup>53</sup> *The Nature of Geography*, seu principal livro, é considerado o mais influente da geografia norte-americana no século XX. E sem dúvidas foi o mais aclamado da década de 1940 e em parte da década de 1950 em vários países.

<sup>54</sup> Pluralidade aqui é associada à pluralidade de capitais individuais, e não à alternativa radical.

<sup>55</sup> A única biografia escrita sobre Richard Hartshorne, feita por Geoffrey Martin, possui, nas suas 15 páginas uma riqueza de informações que é, na nossa concepção, ofuscada pela abordagem de *história*

“O caráter de possuir valor, uma vez gravado sobre os produtos, obtém *fixidez* pela única razão de eles atuarem e reagirem um sobre o outro como quantidades de valor. Essas quantidades variam continuamente, *independentemente* da vontade, previsão e ação dos produtores. Para eles, sua própria ação social toma a forma da *ação dos objetos*, que *dominam os produtores* em vez de serem dominados por eles. [...] *As reflexões do homem sobre as formas de vida social e, conseqüentemente, também sua análise científica dessas formas, toma um curso diretamente oposto ao de seu desenvolvimento histórico real.* Ela começa *post festum*, com os resultados do processo de desenvolvimento prontos diante dele”. Karl Marx, O Capital, vol. 1, p. 72-6.

“A economia política geralmente tem se limitado a tomar os termos da vida comercial e industrial tal como eles se apresentam e a operar com eles, sem se dar conta de que, com isso, confina-se a si mesma no círculo estreito das ideias expressas por aqueles termos”. Engels<sup>56</sup>

“Por ser burguesa, isto é, por entender a ordem capitalista como forma última e absoluta da produção social, em vez de um estágio historicamente transitório de desenvolvimento, a economia política só pode continuar a ser uma ciência enquanto a luta de classes permanecer latente ou manifestar-se apenas isoladamente... a luta de classes assumiu, teórica e praticamente, formas cada vez mais acentuadas e ameaçadoras. Ela fez soar o dobre fúnebre pela economia científica burguesa. Não se tratava mais de saber se este ou aquele teorema era verdadeiro, mas se, para o capital, ele era útil ou prejudicial, cômodo ou incômodo, se contrariava ou não as ordens policiais. O lugar da investigação desinteressada foi ocupado pelos espadachins a soldo, e a má consciência e as más intenções da apologética substituíram a investigação científica imparcial”. Marx<sup>57</sup>

“A principal função do intervalo totalitário é reconstituir a estrutura geral do metabolismo social capitalista e, assim, preparar o terreno para um retorno do modo pluralista de legitimação político-ideológica. Por isso, logo após o interlúdio totalitário, os representantes da ideologia dominante procuram se dissociar com estardalhaço do “estado de emergência” historicamente recém superado, que muitos deles ajudaram a instituir ativamente. Tal mudança de atitude não deve ser considerada uma simples acomodação pessoal oportunista às novas circunstâncias... Antes de tudo, o ponto é a pressão exercida pela pluralidade dos capitais no que dizia respeito a suas exigências objetivas de funcionamento”.

István Mészáros, O Poder da Ideologia, 2012(1989), p. 244.

As análises de Marx, Engels e Meszáros nos permitem colocar três questões para a compreensão deste capítulo:

---

*compreensiva das ideias*, uma concepção de inspiração weberiana cujas limitações para a tarefa que nos propomos apresentaremos na versão completa deste ensaio precisam ser superadas.

<sup>56</sup> ENGELS, Friedrich. O Capital: crítica da economia política. Prefácio da Edição Inglesa. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, pp. 102-3

<sup>57</sup> MARX, Karl. Prefácio à Segunda Edição Alemã. O Capital: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p 85-86.



- a tendência quase natural à ciência burguesa de tomar, de longa data, como verdade absoluta os termos da vida cotidiana e passar a operar com eles, ou seja: racionalizá-los. Uma vez alcançada a fase mais desenvolvida das formas típicas da sociabilidade capitalista, apagam-se as fases intermediárias;

- que o sistema do capital produz as bases sobre as quais se erguem as plurais concepções filosóficas e que a originalidade dessas sínteses também é proporcionada por condições históricas específicas. Todas essas concepções estão articuladas numa divisão do trabalho, contribuindo em diferentes graus para a realização do projeto comum do capital, com evidentes contribuições mútuas, se consideradas do ponto de vista disciplinar burguês;

- a pluralidade de capitais e a correspondente pluralidade político-ideológica se amplia em momentos de estabilidade do sistema, ao passo que se reduz drasticamente nos períodos de crise como forma de restaurar as condições normais de reprodução do sistema;

Partindo dessas questões, parece ser relevante dar como recorte à nossa história a crise capitalista de 1873 a 1896. É em meio a ela que começará a se forjar nos EUA uma “nova síntese” da atividade produtiva do sistema capitalista. Como observou Marx, é nas crises que a concentração de capitais se amplia. E como notou Mészáros, é ainda em meio a ela que se reduzem a pluralidade ideológica burguesa como resultado da necessidade de restauração das condições do sistema.

Antes dessa crise Marx dava o diagnóstico do que havia se tornado o capitalismo:

“... a revolução nos modos de produzir da indústria e da agricultura [no século XIX] tornou necessária uma revolução nas condições gerais do processo de produção, isto é, dos meios de comunicação e transporte... mediante a criação de um sistema de embarcações fluviais a vapor, ferrovias, navios oceânicos a vapor e telégrafos” (MARX, 1959, p. 383-4)

As velhas indústrias estavam sendo “substituídas por novas indústrias... indústrias que já não processam a matéria prima local, porém matéria prima retiradas das mais remotas zonas; indústrias cujos produtos são consumidos não apenas internamente, mas em todas as regiões do globo. Em vez dos antigos desejos, que se satisfaziam com os produtos do país, encontramos novos desejos, que exigem para a sua satisfação produtos de terras e climas distantes..” (MARX & ENGELS, 1967, p.83-4)

Esse diagnóstico da “nova síntese” econômica se caracteriza, como revelam Giovanni Arrighi<sup>58</sup> (*O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*), Vladimir Lênin (*Imperialismo, Fase superior do Capitalismo*) e os teóricos da teoria da base econômica/de exportação e da economia regional<sup>59</sup>, pela concentração das diversas

---

<sup>58</sup> As objeções que temos a fazer ao trabalho de Arrighi incluiremos numa versão mais completa deste texto.

<sup>59</sup> São eles: Dubey, Lane, Watkins, North, Tibeout, Friedman, Romo e Perloff. Na próxima versão deste texto incluiremos comentários sobre os seus trabalhos. Há um consenso entre esses e outros autores que, embora a Disciplina Economia Regional e a chamada Ciência Regional tenham sido formalizadas como campo de estudos no pós Segunda Guerra Mundial, elas remetem ao século dezanove e abarcam sob a sua alçada pelo menos cinco linhas de desenvolvimento: a teoria da localização, os custos de transporte e os rendimentos; o crescimento econômico baseado no produto primário; a teoria da base econômica; a teoria da base de exportação e a teoria do multiplicador de empregos. Em linhas gerais, a teoria da base de exportação (que pode englobar de forma mais ampla todas as outras), faz uma crítica à teoria tradicional do desenvolvimento regional segundo a qual toda e qualquer região precisaria passar por três estágios de desenvolvimento: primário, secundário e terciário. O conceito de base de exportação afirma que as atividades de uma região se divide entre as que produzem para o mercado exportador e as que produzem para o mercado local. Definindo exportações, enquadram-se também itens como fluxos de capital, transferências do governo e indústrias vinculadas. Dadas essas atividades básicas ou de exportação, segue-se o nível das atividades não-básicas ou locais. A razão entre as atividades de exportação e as atividades locais, medida em renda ou empregos, é então usada como multiplicador (Keynes, partindo da formulação de Kahn sobre o multiplicador de empregos, criou o multiplicador de investimento, numa argumentação circular típica da economia política destinada a resolver o problema da Crise de 1929, já que nas suas mãos um dólar de investimento se transformariam em outros cinco dólares a circular na economia, por exemplo. Trata-se de um efeito de segunda ordem sobre o sistema econômico criado pelo investimento). Por exemplo, uma razão de um para um significaria que um aumento nas exportações causaria um aumento igual nas atividades locais. Daí que decorre que o sucesso de crescimento de uma região seria reflexo da sua capacidade de continuar exportando competitivamente para outras regiões e mantendo o fluxo de renda para o seu interior. De onde se infere também que quanto mais uma região crescesse diminuiria as chances das demais crescerem em função do dualismo econômico, reforçado sobremodo após a revolução industrial. Outro corolário da teoria é que, uma vez estabelecida uma região exportadora com todas as suas vantagens: (a) o processo de acumulação se dará na lógica circular da economia capitalista, acumulando capital onde o capital já está largamente acumulado (processo explicado no léxico burguês como “economias de escala”) e (b) todo o seu entorno (as atividades locais ou não básicas) tenderá a pegar carona no processo articulando-se de modo a aumentar o poder competitivo da região, especializando-se em sub tarefas para atender às necessidades da indústria exportadora. . Diante do exposto parece que está claro o fato da origem desses debates ter acontecido na América do Norte. Parece já consenso que a ausência de uma estrutura antiga já organizada no território dos EUA e de instituições correlatas, sobretudo, permitiu uma rápida adequação às formas mutáveis da acumulação do capital. Desde cedo, como nota Arrighi, a economia americana já era voltada para as exportações, fato que se manteve passando também a exportar capitais na forma de investimento externo direto e permaneceria até por volta da década de 1970. Os limites desse processo Harvey e Arrighi mostram nos seus escritos atuais sobre o imperialismo. Parece haver alguns pontos importantes em torno desse conjunto de teorias: a sua preocupação mais pragmática do que teórica; a sua base norte-americana; o seu caráter de explicação histórica do desenvolvimento dos EUA; o questionamento se a economia regional seria então uma ciência que se distinguiria das demais por um ponto de vista ou por uma lista de problemas específicos a serem tratados; e a busca por uma natureza das regiões econômicas.

Diante de tudo que foi dito, queremos registrar duas questões. A primeira se refere: (a) ao fato de no mesmo período os geógrafos estarem a discutir a natureza das regiões e o que definiria a natureza da geografia, se um ponto de vista específico ou um conjunto de problemas específicos a serem estudados, problema registrado por Hartshorne no *The Nature of Geography* e (b) ao fato de parecer, aos nossos olhos, que as regiões funcionais dos geógrafos e planejadores captarem justamente essa organização do território de acordo com o funcionamento das atividades produtivas; e que embora os complexos-de-elementos – um conceito mediador entre a geografia sistemática e a geografia regional em Harshorne – sejam ditos por ele como algo além da mera mimese da organização das atividades produtivas, os

etapas da atividade produtiva em uma única corporação, que centralmente administra toda a compra de insumos, o processo produtivo e a venda aos mercados. Esse processo, evidentemente, causa mudanças na organização territorial das atividades produtivas, geralmente concentrando-as.

Lênin<sup>60</sup> e Arrighi são unânimes em afirmar que a velocidade com que esse processo acontecia era muito maior nos EUA do que na Alemanha, até porque, para o próprio Arrighi, na Alemanha se formava uma síntese diferente da dos EUA, mais “horizontalizada”, em oposição à hierárquica integração “vertical” norte-americana. Como resultado disso, o planejamento central capitalista começa a surgir nos EUA como forma de coordenar todas essas atividades sob a alçada de grandes corporações, o que Arrighi chama de “a dialética entre mercado e planejamento”.

Em termos planetários, esse processo se alimentava do caráter cosmopolita dos mercados conforme descrito por Marx acima. Dada o modo desigual de desenvolvimento capitalista, como notam os teóricos da economia regional e da teoria da base de exportação citados, a tendência é que esse dualismo econômico – na sua forma assumida após 1780 – tenda a se agravar caso não se tome alguma atitude em contrário. Como não se é possível interromper o processo por decreto, o Estado tem como única saída a criação de algum instrumento que lhe permita estancar ou na verdade redirecionar o processo. A esse instrumento dá-se o nome de planejamento regional.

É bem verdade que o planejamento não é uma peça única. A história dos EUA prova isso. Em meio a todo esse processo de desenvolvimento capitalista, dois fatos notáveis se desenvolvem rapidamente: a urbanização e a concentração da força-de-trabalho nas manufaturas, alterando radicalmente a organização do território e a

---

exemplos que ele dá parecem se referir sempre, apenas numa escala maior, à organização mais ampla das relações de produção estabelecidas.

A segunda é que não sabemos se o fato de Arrighi não mencionar essa literatura no seu livro (*O Longo Século XX*) é resultado de: desconhecimento, de julgá-la desimportante para a sua explicação ou para conferir ineditismo à sua abordagem.

Os títulos dos escritos de Berdoulay sobre Harold Innis – elaborador da teoria do crescimento econômico baseado no produto primário, contribuição originalmente canadense à economia política – parecem mostrar que não é muita ambição relacionar essas teorias ao que foi formulado na geografia. Os escritos aos quais nos referimos são: BERDOULAY V. (1987). “Le possibilisme de Harold Innis”, *Canadian geographer/Géographe canadien*, 31(1), pp. 2-11. BERDOULAY V. (1990). “Harold Innis and Canadian geography: Discursive impediments to an original school of thought”, in *Reflexions and visions*, R. Preston et B. Mitchell (dir.), Waterloo, University of Waterloo Press, pp. 51-60.

<sup>60</sup> “Noutro país avançado do capitalismo contemporâneo, os Estados Unidos da América do Norte, o aumento da concentração da produção é ainda mais intenso [do que na Alemanha]”. V. Lênin, 1917, p. XX.

paisagem norte-americanas. Os resultados disso não foram poucos: de grupos de planejadores regionais a planejadores metropolitanos e planejadores do sul. Todos eles envolvidos nas propostas para tentar atenuar aquele cenário trágico que começava a se desenhar: concentração de população nas cidades, suburbanização, formação de “espaços decaídos”, entre outros.

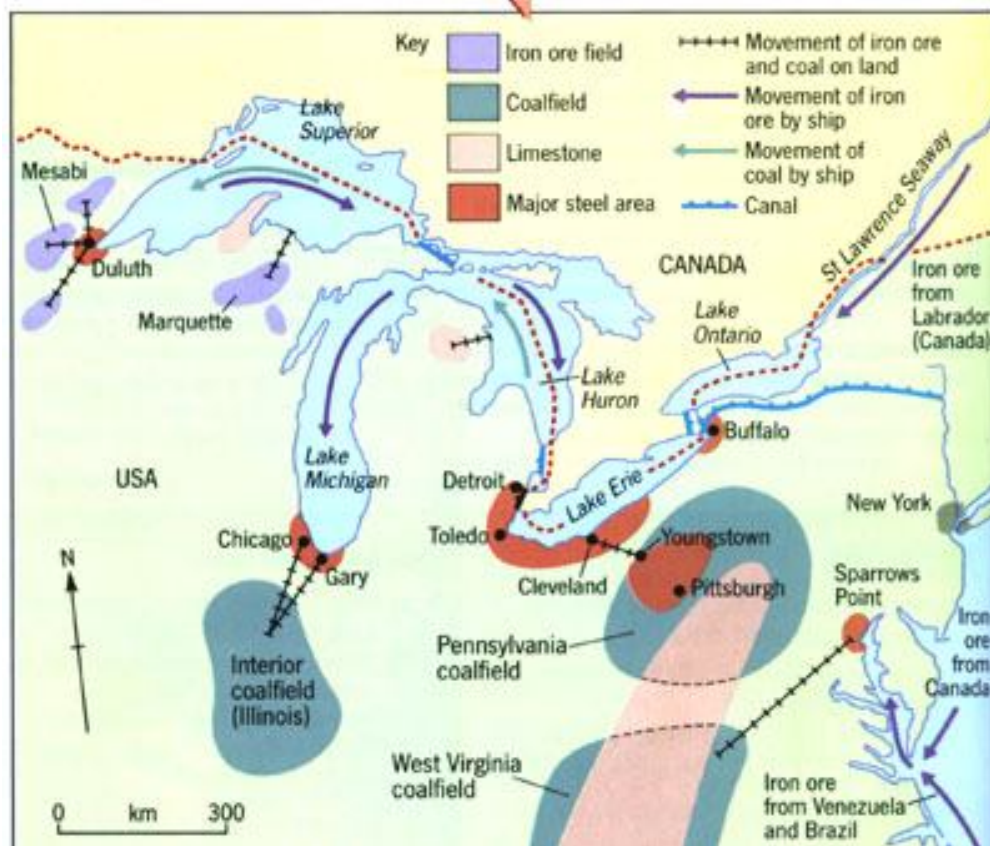
Os grupos tinham propostas heterogêneas: desde a tentativa de realmente estancar esse avassalador processo (planejadores do sul) até as tentativas de organizá-los da maneira mais funcional possível (planejadores metropolitanos). Não é preciso ir muito longe para saber quais as propostas que saíram vencedores, se é que havia ouvidos para propostas que não fossem o crescimento.

### ***Um lugar especial***

Como já dito, esse processo se desenvolvia de forma desigual. Todo o desenvolvimento dos transportes e da comunicação de que falava Marx era verdadeiro e exigia condições especiais para acontecer. Além disso, não obstante as maravilhas da máquina a vapor que descia o rio Mississippi descritas nas *Aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain, ela não era capaz de realizar uma “compressão do espaço pelo tempo” (D. Harvey) suficiente para ignorar em absoluto o que os teóricos alemães da localização (Thunen, Weber e Losch, todos eles economistas) passaram as suas vidas pesquisando: os fatores locais.

O eldorado americano se chamava meio-oeste. A presença dos seus grandes lagos e das jazidas de carvão nos Montes Apalaches a nordeste eram certamente as vantagens locais mais atraentes dos EUA, como se pode ver na figura a seguir:

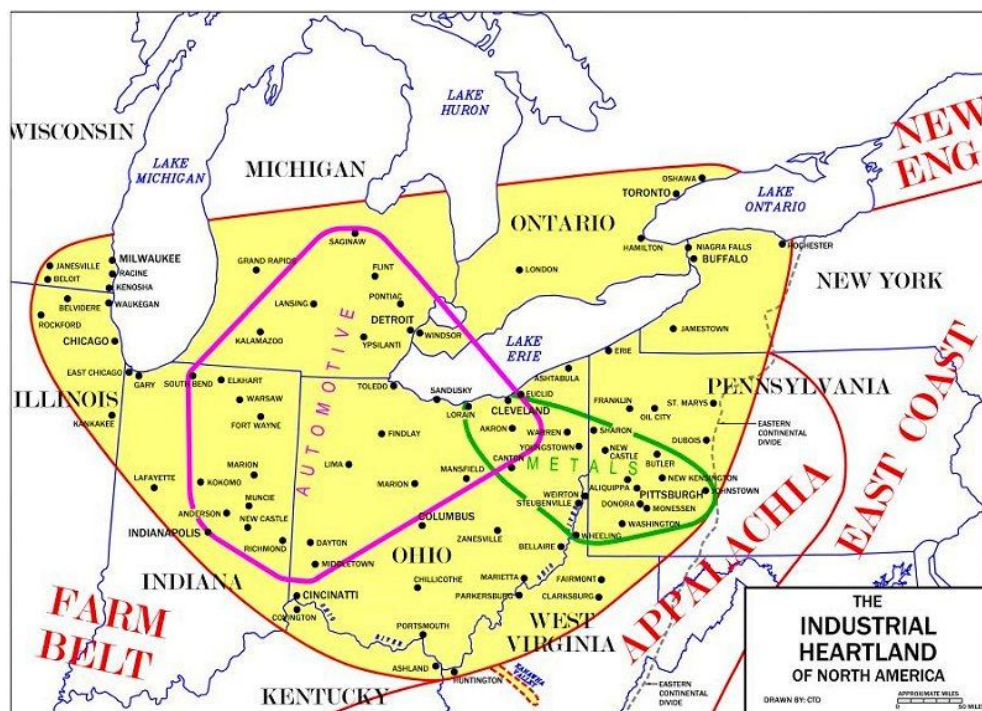
**Figura 01. Cinturão da Indústria nos EUA**



Fonte: <http://www.rbudde.de/GEO10/USA/ManufacturingBelt/index.htm>

Não é à toa que aí se instalariam e se manteriam – em grande parte até os dias atuais - as principais indústrias pesadas, de bens intermediários e de bens de consumo duráveis dos EUA, como se pode ver na figura a seguir:

**Figura 02. Área Central da Indústria dos EUA**



Fonte: [http://burghdiaspora.blogspot.com.br/2008\\_03\\_01\\_archive.html](http://burghdiaspora.blogspot.com.br/2008_03_01_archive.html)

Como o nome do mapa acima parece sugerir, O Coração (área central ou ainda região central) Industrial da América do Norte estava aí. O argumento para a concentração e manutenção da concentração nessa área é circular, como o é a argumentação da economia política. Ele é dado pela noção burguesa de “economias de escala”, a qual, em termos resumidos, afirma que em um lugar onde haja infraestrutura para ser consumida “coletivamente” e onde a concentração de empresas forneça mercado, complementaridade de atividades e disponibilidade de mão de obra qualificada, tenderão a se concentrar as novas indústrias que forem surgindo pela lógica clara de aumento dos lucros. O “Nobel” de economia de 2008, Paul Krugman, na sua nova geografia econômica aprofunda esses argumentos<sup>61</sup>.

<sup>61</sup> KRUGMAN, Paul. **Geografia y comercio**. Barcelona: Antonio Bosch, 1992.

Uma vez consolidada a área, ela tenderá a continuar crescendo, até que a necessidade de ampliação dos lucros capitalistas tornem esse centro obsoleto, como Giovanni Arrighi e David Harvey extensamente mostram em seus trabalhos. Esse processo de decadência, porém, não acontece da noite para o dia nem por mudanças diárias na atmosfera. Essa realidade do meio-oeste americano permaneceria durante tempo suficiente para marcar a vida de alguns geógrafos e economistas.

No início do século XX, narra Krugman (1992), os geógrafos se deram conta de que a maior parte da indústria dos Estados Unidos estava concentrada em uma parte relativamente pequena da região Noroeste e da parte central do Meio Oeste, que se tornou conhecida como “Cinturão Industrial”, termo que, segundo Krugman, parece ter sido usado pela primeira vez por DeGeer (*The american manufacturing belt*, 1927). Não custa lembrar que, embora estejamos destacando o “Cinturão Industrial”, praticamente todo o território dos EUA é organizado na forma de “cinturões”, que compreendem áreas de paisagem e organização produtiva relativamente homogenia, como o cinturão do trigo, do milho, de laticínios e de produtos diários.

Chicago, à beira dos lagos, era então a cidade de maior índice de crescimento da época. Para adicionar importância ao relato, o mesmo DeGeer de que fala Krugman (geógrafo sueco que esteve nos EUA entre 1921 e 1922) foi professor de Hartshorne no Doutorado em Geografia na Universidade de Chicago. Seu livro citado, foi publicado em 1927, quando já estava de volta à Suécia. Mas a realidade americana tinha lhe chamado à atenção. Tanto o é que afirma isso e que no seu livro relata um diferencial entre os EUA e a Europa: nesta não havia uma região industrial nos países, mas um contínuo cinturão supranacional. A organização regional americana era distinta, em função da característica continental do país.

Não bastasse atrair um sueco, as peculiaridades dos EUA convenceram também Marcel Arrousseau, geógrafo australiano em visita de trabalho aos EUA entre 1921-1922, a escrever um artigo chamado *A distribuição da população: um problema construtivo*, 1921. Segundo Theodore Lane, essa foi uma das primeiras formulações do conceito de *base econômica urbana*. Além disso, a mesma migração que estava desde o século passado na cabeça dos planejadores estava também na cabeça dos geógrafos. E o mesmo espírito de que é possível contribuir para resolver a situação estava nas palavras de Arrousseau.

Se geógrafos da Austrália e da Suécia se interessavam pelo assunto, porque Hartshorne não se interessaria, tendo vivido a vida inteira à beira desses lagos e respirando o ar manufatureiro do meio oeste?<sup>62</sup> De fato, em 1936, em *Um novo mapa do Cinturão Industrial da América do Norte*, Hartshorne fez, segundo Theodore Lane, o primeiro esforço para medir os componentes básicos e não básicos das economias urbanas, partindo do trabalho de DeGeer e, implicitamente, usando os conceitos compartilhados por Arrousseau e pelos teóricos da teoria da base econômica/base de exportação. À medida que se mede componentes básicos e não básicos, supõe-se que há uma base, ou seja, compartilha-se a abordagem.

Esse é apenas um dos fatos que não estão mencionados nos textos da geografia sobre Richard Hartshorne. Theodore Lane é economista e trabalha com economia regional. Embora se possa falar com um algo grau de certeza para o Brasil, em internacionais fica a dúvida, já que é difícil saber se tivemos acesso a toda a bibliografia existente sobre Hartshorne. De qualquer modo, nos contentamos em saber que os textos que encontramos e selecionamos são os mais relevantes sobre o assunto dado o grande número de menções a eles em outros artigos de menor projeção. Para os objetivos desses autores essa informação isolada pode não ter relevância. Mas para contar uma outra história da produção de Hartshorne como um todo, talvez o seja.

De qualquer forma, no final do século XIX, Hartshorne ainda não havia nascido. É preciso falarmos de outras coisas e de outros homens antes dele.

### ***Homens do seu tempo***

Enquanto do outro lado do Atlântico o neokantismo e o historicismo se desenvolviam a todo vapor, em solo americano estavam surgindo, no final do século XIX, **a filosofia pragmática** (ou pragmatismo) e **o institucionalismo** (uma espécie de concepção da economia). Após a crise de 1873-1896 então, o terreno para o florescimento e convivência dessas concepções seria mais do que propício nos EUA, já que até 1929 a burguesia iria desfrutar de bons momentos de calma e prosperidade. Momentos nos quais, face à estabilidade das condições de reprodução do metabolismo social do sistema, a racionalização das suas categorias se dá de forma mais eficiente e intensa e as ideologias parecem refletir *ipsis litteris* “o mundo como ele é”. Nesses

---

<sup>62</sup> Essa é apenas uma forma de mostrar como o horizonte social do período era intenso. Não se pensa, evidentemente, em termos de determinação absoluta. O caso de Marx é exemplo. Se determinação absoluta existisse, o fato de ter vivido sob a força do hegelianismo lhe impediria de superá-lo. Contudo, não custa lembrar que nem todo filósofo é Karl Marx.



períodos cresce sobremodo a perda da temporalidade histórica como recurso explicativo das relações sociais, que se tornam plasmadas e a-históricas.

O **Pragmatismo** é uma “escola” de filosofia estabelecida no final do século XIX, com origem no Clube Metafísico, um grupo de especulação filosófica liderado pelo lógico e matemático americano Charles Sanders Peirce, pelo psicólogo William James e pelo jurista Oliver Wendell Holmes Jr., ao qual em seguida se incorporaram acadêmicos importantes dos Estados Unidos, como John Dewey.

O Clube Metafísico era um clube de discussões filosóficas que aqueles três personagens principais formaram em janeiro de 1872 em Cambridge, Massachusetts e que foi dissolvido em Dezembro de 1872. Após a chegada de Peirce da Universidade Johns Hopkins, em 1879, ele fundou um novo Clube Metafísico lá.

Essa tradição filosófica é uma **rejeição da idéia de que a função do pensamento é o de descrever, representar. Em vez disso, os pragmatistas desenvolveram sua filosofia em torno da idéia de que a função do pensamento é como um instrumento ou uma ferramenta para a previsão, ação e resolução de problemas, ou seja: o sentido de uma ideia corresponde ao conjunto dos seus desdobramentos práticos.** Dentre as inspirações para os vários pragmáticos estava Immanuel Kant, por seu idealismo e de quem Peirce deriva o nome de "pragmatismo".

O pragmatismo se impôs nos EUA como corrente dominante antes da Segunda Guerra Mundial, sofrendo posteriormente um longo eclipse, dada a predominância da filosofia analítica. Quanto à sua origem, há quem afirme, como o geógrafo Trevor J. Barnes (2008), “seguindo o argumento de Louis Menand (2001) em *O Clube Metafísico*, que o pragmatismo tomou seu caráter peculiar americano como uma resposta às profundas fissuras e feridas causadas pela guerra civil daquele país [Guerra de Secessão (1861-1865)]. Essa guerra produziu uma perda de fé, minando noções de progresso universal e verdade absoluta. O pragmatismo foi a reação”. Não obstante essa afirmação, que parece se pôr contrária à ideia do pensamento como instrumento ou ferramenta para a previsão, ação e resolução de problemas; e que merece uma pesquisa mais aprofundada, parece que o pragmatismo iria se sair muito bem, surgindo no alvorecer do que Giovanni Arrighi chamou de “o século americano”.

Quanto à sua relação com a Geografia, Trevor J. Barnes (2008) e Leslie W. Hepple (2008) concluem por não haver tal relação; o primeiro buscando essas relações nas categorias e conceitos geografias e a segunda também, afirmando, além disso, que um exemplo claro é o de Hartshorne que embora seu irmão, Charles Hartshorne – um

dos maiores filósofos da história dos EUA, tenha aderido ao pragmatismo, o Hartshorne geógrafo não o fez. Se Hepple pensar que, embora Charles Hartshorne tenha aderido ao pragmatismo e rejeitasse o neopositivismo, ele foi parte ativa na contratação de Rudolf Carnap – o mais eminente teórico do “Círculo de Viena”, em 1936<sup>63</sup>, para o Departamento de Filosofia da Universidade de Chicago<sup>64</sup> e que Carnap, por sua vez, ajudaria a Charles na refutação do teísmo clássico, adicionando precisão e rigor lógico às discussões sobre o teísmo<sup>65</sup> – certamente não achará estranho duas concepções diferentes se unirem em torno de questões específicas, afinal, como já foi dito anteriormente, no pluralismo do capital, é justamente por partilharem de premissas metodológicas básicas que concepções diferentes podem conviver em certa harmonia.

E embora normalmente se conclua pela pequena relação entre a Geografia e o Pragmatismo, pensamos que o pragmatismo, assim o como institucionalismo, o neokantismo e o neopositivismo não são sistemas filosóficos da envergadura do kantismo, do hegelianismo e do marxismo, de onde se infere que as suas influências podem se inserir sub-repticiamente nas mais diversas concepções, como orientações para aspectos limitados de determinada disciplina acadêmica ou na vida cotidiana. Com efeito, se normalmente vemos a “cultura” norte-americana descrita como pragmática, não é à toa.

Outra questão é que se a Geografia estava às voltas com a busca da superação – embora não sem controvérsias internas – da mera descrição ou de mantê-la, mas associada a algo que lhe incrementasse o grau de cientificidade, considerar o pensamento em termos de um instrumento ou uma ferramenta para a previsão, ação e resolução de problemas, era uma boa saída, que embora possa não ter sido adotada e declarada conscientemente por nenhum geógrafo, os trabalhos de boa parte deles

---

<sup>63</sup> Dois anos antes, em 1934, Popper causava a admiração em parte do grupo de Viena ao publicar, na Alemanha, *A Lógica da Descoberta Científica*, livro que o lançou como “filósofo profissional”. Mais à frente levantaremos alguns questionamentos a origem de expressões como testar e corrigir e teste de hipóteses nos textos de Richard Hartshorne, termos que talvez não façam parte do léxico kantiano e neokantiano, as suas influências mais amplas.

<sup>64</sup> Nesse período Charles Hartshorne era secretário do Departamento de Filosofia da Universidade de Chicago.

<sup>65</sup> Visão que seria publicada no livro *Man's Vision of God* (Visão do Homem sobre Deus), de 1941. Ao que parece, nesse período os requisitos da precisão e do rigor lógico estava tão disseminado que nem Deus podia escapar deles, quanto mais os acadêmicos, meros mortais. Segundo Richard Hartshorne fala em *The Nature of Geography*, Hettner tinha uma linguagem mais clara e era mais lógico do que os seus contemporâneos. Segundo o seu biógrafo, Geoffrey Martin (1994), foi esse um dos motivos para Hartshorne se aproximar dos escritos de Hettner.

parecem denunciar que a ciência “pura” estava longe de ser o mote no meio oeste dos EUA no final do século XIX e início do século XX. Afirmar o caráter pragmático da geografia do meio oeste americano como um dos motivos para a apropriação que Hartshorne fez de Hettner ser original e não uma mera cópia é inclusive um dos argumentos de Harvey e Wardenga (1998). Porém, como o foco da sua análise era Hettner, os autores não entram em maiores detalhes sobre isso.

Mais à frente entraremos na análise desse artigo e do artigo que lhe sucede publicado pelos mesmos autores em 2006, no qual a realidade da geografia nos EUA é tratada em mais detalhes. Por ora, cabe ressaltar que os dois artigos são resultado da Tese de Doutorado de Ute Wardenga, que, tendo acesso a textos não publicados de Hettner, num levantamento bibliográfico que contou com mais de 15.000 fontes, mostrou as diferenças significativas entre o constructo de Hettner e o de Hartshorne, embora a ênfase recaia, evidentemente sobre Hettner. Hoje seu trabalho é referência nos estudos sobre Hettner.

### ***John Dewey***

Dewey, ficou bastante conhecido nos EUA, especialmente no final da década de 1890, quando adotou o pragmatismo como filosofia, tornando-se um dos seus maiores representantes. Em 1894, no entanto, saiu de Michigan para a recém-criada Universidade de Chicago onde liderou o departamento de Filosofia e o departamento de Pedagogia, criado por sua sugestão. Entre os principais temas sobre o qual escreveu destacam-se: empiricismo imediato e utilitarismo; a relação entre a escola e a sociedade; princípios morais na educação; educação e democracia; currículos escolares; a relação entre conhecimento e ação como forma de certeza e sobre lógica como teoria da investigação.

Em *Experience and Nature* ("Experiência e Natureza", talvez o seu livro mais famoso), o empirismo subjetivo da pessoa é quem realmente introduz as novas idéias revolucionárias no conhecimento. Para Dewey era de vital importância que a educação não se restringisse à transmissão do conhecimento como algo acabado – mas que o saber e habilidade adquiridos pelo estudante pudessem ser integrados à sua vida como cidadão, como pessoa.

Uma das coisas que pensamos ser mais importante destacar do seu trabalho é o papel da história e da geografia na sociedade. Pare ele a história e a geografia deveriam ter como premissa o objetivo de promover o internacionalismo. Nesse livro, publicado

pela primeira vez em 1925, ele defendia que a “instrução em geografia. . . deve ser intelectualmente mais honesta, deve trazer os alunos em contato gradual com as realidades atuais da vida contemporânea e não deixá-los se familiarizarem com essas coisas de maneira brusca...” (Dewey, 1958, p. 4)<sup>66</sup>.

Considerava também que para os professores, era importante que eles parassem de "... se preocupar com a altura das montanhas e com o comprimento dos rios. Quando damos atenção a essas coisas, elas devem estar no contexto do desenvolvimento cultural..." (Dewey, 1939, pp 725-28)<sup>67</sup>. Quanto à geografia e à história, elas seriam capazes de capacitar os alunos a reconstruir o passado a fim de lidar com o presente. Ambos os assuntos seriam necessários para a superação de alguns dos aspectos mais sinistros do chauvinismo que estavam sendo ensinados como a cidadania nas escolas, ou seja, promovendo a idéia de um patriotismo mundial, usando as ciências sociais, especialmente a geografia e a história, como uma ponte para a compreensão de outras culturas, e como forma de corrigir os aspectos mais sinistros de patriotismo e nacionalismo que foram a causa básica da guerra entre nações.

E embora suas propostas para os currículos das escolas de educação básica não tenham sido largamente adotadas pelo Estado norte-americano, isso não reduziu a sua projeção intelectual nos EUA, numa época em que livros didáticos ainda veiculavam notáveis avanços disciplinares. Além disso, deve-se notar que anos depois o debate na geografia política norte-americana entre Hartshorne e Whittlesey de um lado e Nicholas Spykman de outro se daria em torno da natureza da geografia política, Hartshorne<sup>68</sup> reivindicando é claro uma postura científica, desprezando as visões parciais e interessadas de um país unilateralmente e condizente com a tradição – pelo menos é que se pensa – “humanitária e grandiloquente” norte-americana, como fala David Harvey<sup>69</sup>.

---

<sup>66</sup> DEWEY, John. *Experience and nature*. New York: Dover Publications, 1958.

<sup>67</sup> \_\_\_\_\_. (1939). *Education and American culture*. In J. Ratner (Ed.), *Intelligence in the modern world*. New York: New Library, 1939.

<sup>68</sup> No desenvolvimento da pesquisa analisaremos o texto “*Geografia e Cidadania*” de autoria de Hartshorne e publicado no livro *Educação para Responsabilidades Cidadaãs* em 1942, em meio à guerra, para avaliarmos possíveis relações entre o pensamento de Dewey e o de Hartshorne. Esse é um dos textos de Hartshorne não analisados nem citados na Geografia. Apenas aparece como indicação da sua bibliografia em Geoffrey Martin (1994).

<sup>69</sup> HARVEY, David. *O “novo” imperialismo: acumulação por espoliação*. In: *Socialist Register 2004: O novo desafio imperial*. Buenos Aires: CLASCO, 2006. p. 95-125.

Outra questão relevante a destacar é que a mera descrição da paisagem ou o estudo da geografia física *per se* parecia não fazer sentido para ele, o que mostra que Dewey era situado nas principais mudanças na geografia, embora não saibamos ainda em que medida seu trabalho pode ter antecipado alguns desses desenvolvimentos na disciplina, dúvida que não temos em relação à sua projeção como grande intelectual nas primeiras décadas do século XX nos EUA.

Pensamento concatenado com a ação; a educação a serviço da resolução das situações da vida, eis um lema fundamental do pragmatismo de Dewey que ele começaria a desenvolver nos dez anos que passou na recém criada Universidade de Chicago, entre 1894 e 1904, a qual tornou o centro do *funcionalismo* em psicologia . Não sabemos detalhes desse processo, mas parece que até nesse aspecto o “novo ar” de Chicago estivesse disposto a contribuir para afastá-lo da sua visão idealista neo-hegeliana anterior e pô-lo do lado do pragmatismo<sup>70</sup>.

### ***Chicago, Chicago!***

Nesse período, a década de 1890, Chicago era a cidade que mais crescia dos Estados Unidos. Uma verdadeira festa do crescimento, ainda que não tivesse um Frank Sinatra para celebrá-la no “cancioneiro popular” americano. Mas tanto crescimento precisava de uma coroação, ou de múltiplas coroações. Uma delas pensamos ter sido a

---

<sup>70</sup> Tradição que não se apagaria, visto que outros pragmáticos a levariam adiante, especialmente o filósofo Richard Rorty, orientando de Charles Hartshorne em sua tese doutoral sobre Alfred North Whitehead. Whitehead, filósofo e matemático britânico, compartilhava de ideias do pragmatismo e era citado por Charles Hartshorne, segundo a Biblioteca Harvard (<http://www.harvardsquarelibrary.org>), por reforçar a sua metafísica indeterminista, com um forte acento na criatividade como fato mais penetrante da experiência, afinal: ser equivalia a criar.

Nessa época, tudo parecia se desmanchar e se reerguer em novas formas (urbanização, metropolização, transportes, comunicação, assalariamento), como nota Neil Smith citando Marx e Marshall Berman. A “indeterminação” parecia avançar sobre as cabeças dos filósofos. Fato que os geógrafos iriam notar mais tarde, e que implicaria na tendência de superação a abordagem de William Morris Davis.

As reflexões e os interesses de Whitehead sobre álgebra, conceitos matemáticos do mundo material, axiomas de geometria, princípios matemáticos, princípios de relatividade, ciência e modelos de pensamento, junto com a sua aparição no rol de interesses dos pragmáticos – cujo grupo havia sido fundado por outro matemático, Pierce – deixa-nos com a suspeita de que em um mundo que passa a se desmanchar e a se reconstruir de forma cada vez mais rápida, a capacidade de abstração e de racionalização seriam as habilidades básicas necessárias aos grandes homens que iriam surgir no novo século, ainda que a “*metodologia pela metodologia*”, destinada apenas a ocultar os reais problemas do mundo, viesse ao lado como outra característica básica do novo século, já que o que deveria ser racionalizado era a “imutável” calculabilidade burguesa.

A suspeita aumenta, quando se pensa que do outro lado do Atlântico, Whitehead estivesse orientando o matemático John Maynard Keynes na sua dissertação sobre probabilidades matemáticas. Mas são ainda suspeitas.

fundação da Universidade de Chicago em 1890, a qual já mencionamos algumas vezes ao longo deste texto.

Ainda não se falou, contudo, que ela foi fundada pela Sociedade Americana de Educação Batista e por John D. Rockefeller, o magnata americano do petróleo. Em 1892 suas primeiras turmas já estavam a funcionar. E, segundo o próprio site da universidade divulga, foi concebida como uma combinação da interdisciplinaridade das faculdades liberais (*politecnia burguesa*) de arte e das universidades de pesquisa alemãs. Sobre a doação que fez para a fundação da Universidade, Rockefeller a descreveu como "o melhor investimento que já fiz". Olhando para o que ela se tornou, só temos a concordar que ele estava certo. A sua escola de sociologia urbana, a escola monetarista de economia e os seus inúmeros Prêmios "Nobel" em Economia provam isso.

### ***Ainda em Chicago... Uma "festa dos vencedores"<sup>71</sup>, uma festa para receber a recém chegada Geografia Oficial***

A Geografia oficial nos EUA<sup>72</sup> parece nascer ligada ao projeto intrínseco ao capital: abarcar o mundo além do que já havia conseguido, segundo a lógica auto-expansiva do valor. Segundo Geoffrey Martin (1984/85), em 1892, concomitantemente à abertura da Exposição Universal de Chicago – também chamada de Exposição Colombiana em alusão comemorativa à integração da América ao sistema capitalista – foi realizado o 1º Congresso Internacional de Geografia na história dos Estados Unidos da América. No ano seguinte, pelo qual a Exposição adentrou, foi outorgado o primeiro título de Doutor em Geografia da história dos EUA e a Geografia Econômica foi estabelecida na Wharton School, ligada à Universidade da Pennsylvania<sup>73</sup>. No mesmo ano, a Geografia acadêmica foi estabelecida na Universidade de Chicago<sup>74</sup>.

---

<sup>71</sup> Ver: ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. *A Exposição Universal de Chicago*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2016.

<sup>72</sup> Segundo Buttimer (1983, p. 262), em 1903 é fundado o primeiro programa de pós-graduação em Geografia dos EUA, em Chicago e, no ano seguinte, 1904, é fundada a Associação dos Geógrafos Americanos. Ressaltamos que, embora a perspectiva adotada por nós para "demarcar" o início de uma "geografia norte-americana" possa passar a ideia de um modelo difusionista de história da ciência, conforme apresentado por Bassala (1967), não partilhamos dessa concepção, apenas queremos registrar o início oficial das atividades dos geógrafos profissionais.

<sup>73</sup> Estado situado na borda da região dos grandes lagos, ainda que não incluído na região do meio oeste americano.

<sup>74</sup> Nascido na Pennsylvania, Hartshorne parecia destinado a chegar, pelas mesmas forças que ergueram a cidade, à Universidade de Chicago para realizar o seu Doutorado em Geografia, já que Yale estava encerrando suas atividades.

Parece que com a Exposição não apenas se celebrava o “caráter cosmopolita” da produção e do consumo de que falava Marx, como mencionamos acima, mas o nascimento de uma geografia útil aos seus interesses, no chão das práticas cotidianas e nas mentes dos seus intérpretes.

### ***Ainda em Chicago, o Institucionalismo***

Outro processo importante de notar é o que se revela a partir do surgimento do Institucionalismo como – o que comumente se chama – uma abordagem “heterodoxa” da economia, representando uma crítica à economia neoclássica. O seu foco original reside na dicotomia formulada por Thorstein Veblen entre a tecnologia de um lado e a esfera cerimonial da sociedade do outro em seu primeiro e mais influente livro, *A Teoria da Classe Ociosa* (1899), escrito quando estudava na Universidade de Chicago, Universidade na qual ele também atuou como professor de Economia Rural.

Nele, Veblen analisa a motivação para o consumismo conspícuo, vigente no capitalismo, como uma forma de demonstrar sucesso - um comportamento adotado não só por uma classe endinheirada e predatória mas também imitado pelas classes mais baixas. A ociosidade conspícua foi outro foco da crítica de Veblen. O conceito de consumo conspícuo entrava em contradição direta com a visão neoclássica de que o capitalismo era eficiente.

Em *A Teoria do Negócio Empresarial* (1904), Veblen apontou o conflito entre a motivação da indústria (produzir mercadorias úteis) e a motivação empresarial (usar ou subutilizar a infraestrutura industrial para gerar lucros), argumentando que a primeira é normalmente prejudicada porque as empresas perseguem a segunda. A produção e os avanços tecnológicos são prejudicados pelas práticas empresariais e pela criação de monopólios. As empresas protegem os seus investimentos e se utilizam excessivamente do crédito, o que leva a depressões e crescentes gastos militares e de guerra, graças ao controle empresarial do poder político.

Partindo desses pressupostos Veblen então fez o seu diagnóstico da Grande Depressão de 1873-1896: “A depressão foi, primordialmente, uma doença dos afetos dos homens de negócio. Esse foi o foco da dificuldade. A estagnação da indústria e as dificuldades sofridas pelos trabalhadores e por outras classes foram sintomas e efeitos secundários” (1978, p. 241). Atingindo essa “sede emocional do distúrbio” seria

possível “recolocar os lucros numa taxa razoável”. Partindo desses pressupostos, eis a primeira questão importante a ser extraída do institucionalismo de Veblen: deixado aos sabores dos homens de negócios o mercado nunca atingiria eficiência; muito pelo contrário, levaria a crises. Supõe-se que, intervir nessa situação seria não só desejável, mas necessário.

Considerada em conjunto, não só a obra de Veblen, a economia institucional busca compreender o papel do processo evolucionário e das instituições na formação do comportamento econômico. O mercado seria um resultado da interação complexa dessas várias instituições (e.g. indivíduos, firmas, estados, normas sociais). A incerteza seria um fator presente.

Partindo desses pressupostos, concluímos que se as instituições formam o comportamento econômico, então “controlá-las” significaria controlar o mercado, ou melhor, intervir de modo a reduzir as incertezas do mercado. Ao longo da década de 1920 e após a Quinta-Feira Negra, as advertências de Thorstein Veblen quanto à tendência ao consumo perdulário e à necessidade de criar instituições financeiras sólidas pareceram verdadeiras. E esses são dois pontos que aproximam a abordagem institucionalista do Keynesianismo: as virtudes de algum tipo de intervenção estatal e a redução das incertezas do mercado, premissas que se mostrariam essenciais para o contorno da crise de 1929.

Cabe mencionar ainda os outros intelectuais que compartilharam das idéias institucionalistas. Wesley Clair Mitchell, economista americano especialista em ciclos econômicos, comandou o *Escritório Nacional de Pesquisa Econômica* em suas primeiras décadas. A lista de professores de Mitchell incluía: Thorstein Veblen e o filósofo pragmático John Dewey. Durante o New Deal de Roosevelt ele comandou o sub-comitê industrial do Comitê Nacional de Recursos (NRC), órgão cuja autoridade era derivada do Ato Nacional de Recuperação Industrial. Nesse subcomitê a abordagem econômica era institucional e pragmática, como notou Gruchy (1939)<sup>75</sup>. Já o NRC como um todo dizia respeito a “um tipo de planejamento que é um padrão peculiarmente americano, baseado na crença entusiástica nas habilidades de uma democracia de usar a inteligência”<sup>76</sup>.

---

<sup>75</sup> GRUCHY, Allan G. A Economia do Comitê Nacional de Recursos. *The American Economic Review*, 1939, p. 60-73.

<sup>76</sup> Comitê Nacional de Recursos, Relatório de Progresso, Outubro, 1937, p. 2.



Já Adolf A. Berle foi um dos primeiros autores a combinar análises legais e econômicas, sendo que sua obra permanece como um dos pilares fundadores do pensamento da governança corporativa. Berle estava na Conferência de Paz de Paris (1919), mas posteriormente renunciou de seu cargo diplomático insatisfeito com os termos do Tratado de Versalhes, assim como Keynes também o fez<sup>77</sup>. Berle foi um membro chave do célebre "Brain trust" (grupo dos notáveis) de Roosevelt, grupo responsável pela elaboração de muitas das políticas do New Deal, que contava ainda com o planejador Rexford Guy Tugwell e sua metodologia de planejamento conjuntural econômico à frente da Agência Federal de Reassentamento.

O Brian Trust de Roosevelt teve os seus problemas, especialmente os seus juristas. Muito do que havia sido planejado para o New Deal não pôde ser executado porque a Suprema Corte dos EUA julgou inconstitucionais muitas das propostas de intervenção na economia, sobretudo as que envolviam os direitos dos Estados Federados. Certamente essa a confusão proporcionada pela aparência matemática de Keynes no seu primeiro encontro com o presidente norte-americano foi menor do que as dores de cabeça enfrentadas com a Suprema Corte. Mas ambos certamente saíram insatisfeitos, tanto Roosevelt quanto Keynes, já que a sua *Teoria Geral do Juro, do Emprego e da Moeda* (1936) tinha como mote justamente a intervenção do estado na economia (ver nota de rodapé de número 27, sobre o multiplicador de investimento).

Sob essa perspectiva pode ser lida também parte do insucesso do grupo de geógrafos no NRC. Em um relatório do NRC, datado de 1935 – *Fatores Regionais no Planejamento e Desenvolvimento Nacionais*, que o guru do planejamento John Friedman (Friedman & Weaver, 1977) classificou como “o mais sofisticado tratamento

---

<sup>77</sup> Foi como resultado dessa experiência que Keynes publicou em 1919 o livro que lhe deu projeção mundial: *As Consequências Econômicas da Paz*. Nesse livro ele discordava radicalmente das sanções impostas à Alemanha, irracionais do ponto de vista econômico. No Brasil existe uma tradução para o português feita pelo Instituto Brasileiro de Relações Internacionais e pela Universidade de Brasília já que o livro figura na bibliografia básica da formação dos diplomatas brasileiros, ao lado, por exemplo, dos *Escritos Políticos de Kant*. Essa pequena relação já antecipa e nos economiza argumentos para afirmar mais à frente que Hartshorne compartilha do ponto de vista da economia política, que favorece, em último caso, o capital.

Sobre este ponto é importante notar que, embora Lênin e Arrighi vissem um acelerado crescimento nas corporações alemãs antes da Primeira Guerra Mundial, ainda que inferior ao norte-americano, a Guerra e as sanções que lhe foram impostas se encarregariam de interromper esse crescimento acelerado. Esse um dos motivos pelos quais julgamos ser genuinamente norte-americana a teoria da base econômica/base de exportação (ver a nota de rodapé número 27).

Dois anos depois, o geógrafo canadense Isaiah Bowman, ocupante de altos cargos diplomáticos no governo norte-americano escreveu: *O Novo Mundo: Problemas em Geografia Política*. Segundo Geoffrey Martin (1984/85). Parece que a Primeira Guerra Mundial, mais do que qualquer debate epistemológico de geografia, tinha dado a assertiva clara contra o determinismo, de que quem faz o mundo é o próprio homem.

do conceito regional disponível em um documento oficial de planejamento governamental até hoje”, ficaram registradas, no capítulo XII, as contribuições dos geógrafos sobre o conceito de região e a sua aplicabilidade.

Concordamos com Meyer e Foster, em “*Regionalismo New Deal: uma revisão crítica*” (2000, Universidade de Harvard), que o relatório é pouco citado nas pesquisas dos geógrafos. Ainda mais, fala-se pouco da participação de Hartshorne, por menor que ela possa ter parecido ser. Como notam os autores, entre o grupo de 10 especialistas consultados, não havia consenso quanto ao conteúdo, às técnicas e a aplicabilidade do conceito de região. A redação do capítulo XII do Relatório ficou sob a responsabilidade do geógrafo George T. Renner, que possuía uma discordância central com Hartshorne, que 4 anos depois este iria expressar no seu *The Nature*.

Richard Hartshorne estava convencido de que as regiões não eram entidades genuínas, ao contrário de Renner. Aquele perguntava-se: “como são genuínas entidades das quais nós conhecemos tão pouco?” (1939, p. 251). De fato, essa diferença básica era grande demais para Hartshorne aceitar, a ponto de ter afirmado, segundo Geoffrey Martin (1994), que, apesar de figurar no texto do relatório as respostas dadas por ele a um questionário com perguntas sobre a temática regional, ele não tinha participado da redação do documento final, motivo pelo qual não compartilhava daquelas ideias. As diferenças de concepções eram fundamentais a ponto da proposta de Hartshorne ser muito mais funcional ao planejamento, como veremos no próximo capítulo ao analisar a sua epistemologia. Contudo, Renner, do alto da sua posição acabou dando como consenso a sua abordagem, reduzindo a força da proposta dos geógrafos.

Contudo, os motivos que consideramos centrais para o insucesso do grupo foram: o seccionalismo norte-americano e o respaldo que ele encontra no ordenamento jurídico dos EUA, ambos dando motivação e condições legais para que a Suprema Corte americana pudesse limitar ou mesmo impedir qualquer tipo de intervenção no território dos Estados Federados, tendo logrado êxito apenas a experiência da Autoridade do Vale do Tennessee (TVA), que se baseava em uma regionalização mais funcional do que aquela que os geógrafos haviam proposto.

Contudo, se não foi aí, seria na Segunda Guerra Mundial que Hartshorne poderia testar a força da sua abordagem: afinal, quando o assunto é guerra, ingerir sobre território alheio é a regra, e a lei é a força. No “estado de exceção”, pode-se pensar as fronteiras para além das contingências legais.

Não de se esquecer, porém, que embora tivessem o seu papel limitado pelos motivos expostos, o fato é que a geografia “regional” era parte interessada do projeto comum, qual seja: a reposição das condições de reprodução do capital que haviam sido perturbadas pela Crise de 1929. E nesse afã<sup>78</sup> deram as mãos economistas, geógrafos, planejadores, urbanistas, sociólogos, estatísticos, etc. Se Mészáros está correto em afirmar que durante as crises a pluralidade de concepções se reduz junto com a pluralidade de capitais a fim de recompor a situação de normalidade, é certo que do New Deal até a Segunda Guerra Mundial todos estavam de mãos dadas para ajudar o capital a se reerguer e fazer dos EUA potência imperial. Institucionalismo, pragmatismo e keynesianismo falavam línguas parecidas.

No pós Segunda Guerra é que a filosofia e a ciência social ganhariam uma diversificação maior, embora compartilhando sempre de uma base comum. Os “anos dourados” do fordismo, com sua organização “estável” e sistemática das relações de

---

<sup>78</sup> É importante destacar que nas décadas de 1920 e 1930 estavam se formando vários Departamentos de Geografia nas Universidades do meio oeste americano e formando uma geração de geógrafos com uma abordagem voltada especialmente para a economia. O de Chicago, como já mostrado, era mais antigo. Como nota Martin (1894/85, p. 265-66), falando sobre a década de 1910 nos EUA: *“Curiosamente as instituições que tinham desenvolvido uma oferta de curso na área da geografia comercial, industrial ou econômica (como foi diversas vezes chamada) parecem ter sido capazes de desenvolver programas mais substanciais do que aquelas instituições que estavam defendendo o modelo de Davis [William Morris Davis]. Em qualquer caso, ambas as posturas intelectuais forneciam alternativas para uma geografia do determinismo (embora a causalidade poderia encontrar aplicação na região fisiográfica ou dentro do alcance da geografia econômica) . O desenvolvimento da geografia econômica parece ter sido uma reação lógica a um povo cada vez mais urbano e cada vez mais dependentes de transporte público e empregados nas manufaturas. A experiência da pioneira conquista do deserto havia sido reduzida, e a experiência urbano-econômica foi se tornando a norma. O dirigível, o carro, o trem, o aquecimento central, e outros índices de tecnologia estavam proporcionando um homem com um domínio até então desconhecido sobre suas circunstâncias. A condição humana parecia muito menos determinada do que se pensava anteriormente”*. Embora Martin se recupere da sua suposta curiosidade, afirmando questões práticas subjacentes ao desenvolvimento da geografia econômica, em nenhum momento menciona o pragmatismo ou o institucionalismo. A força do período pode ser revelada até por vias não esperadas. Com *“Geografia como Economia Regional”*, um paper apresentado na reunião Chicago da Associação de Geógrafos Americanos de dezembro de 1920, o Doutor em Geografia pela Universidade de Chicago, Carl O. Sauer, que comumente é lembrado pela sua abordagem cultural, quis defender: *“... que a Geografia está sofrendo de uma confusão de propósitos e eu fiz o apelo para uma concentração de esforços em algo que se encontra central para o assunto, tem um significado importante, e pode fornecer um foco definido. Eu também contestei... uma interpretação da geografia como o estudo da influência geográfica. Propus o estudo de áreas em termos de seu desempenho econômico, com a devida ênfase sobre as suas oportunidades, deficiências e estágio de desenvolvimento, mas sem qualquer parcialidade para a consideração de fatores físicos. Podemos desenvolver a disciplina para este tipo de trabalho que vai nos livrar do ódio de tentar fazer um caso para um conjunto de influências”*. Essas informações são encontradas em Martin (1894/85, p. 272-73). Qualquer semelhança da abordagem de Sauer com a Matriz FOFA – sigla oriunda do acrônimo de Forças (F), Oportunidades (O), Fraquezas (F) e Ameaças (A) – não é mera coincidência. Ela é uma ferramenta utilizada para fazer análise de cenário, usada como base para gestão e planejamento estratégico de uma corporação ou empresa, mas podendo, devido a sua simplicidade, ser utilizada para qualquer tipo de análise de cenário. A economia e a geografia pareciam quase nunca terem estado desligadas dessas preocupações.

produção, formariam a base para a articulação de uma série de reflexões que já começavam a nascer antes da guerra<sup>79</sup>, mas que só teriam plenas condições de se estabelecer após ela. Foi o período dos estruturalismos funcionalistas, das teorias gerais, seja dos sistemas sociais com a sociologia de Talcott Parsons, seja na biologia com Ludwig von Bertalanffy (um dos entusiastas do “Círculo de Viena”).

Até o institucionalismo e o pragmatismo, nesse momento já antigos segundo a história que narra os fatos de forma meramente cronológica, teria novos representantes. Todos eles compartilhando do otimismo do momento, da euforia do crescimento. O economista John Kenneth Galbraith (1908–2006), que também havia trabalhado na administração do New Deal de Roosevelt e cuja elaboração teórica ajudou Arrighi a explicar o porque da síntese capitalista das corporações norte-americanas (e sua correlata organização territorial) tinha sido mais eficiente do que a alemã na passagem do século XIX para o XX, foi um desses institucionalistas entusiastas do momento. Em um período de apenas dez anos, entre as décadas de 1950 e 1960, as publicações que davam conta do sucesso do capitalismo e sua forma de organização social se multiplicaram, e a apologia ao sistema também.

*A Sociedade Afluente* (1958) de Galbraith; *Rumo a uma Teoria Geral da Ação* (1951), *Economia e Sociedade: um estudo na integração das Economias e Teoria Social* (1956) e *Estrutura e Processo nas sociedades modernas* (1960) de Parsons; e *O Fim da Ideologia* (1959) de Daniel Bell, seriam contemporâneos de “*O papel do Estado no Crescimento Econômico: conteúdos do Estado Área*” (1959)<sup>80</sup> e de “*Geografia e Crescimento Econômico*” (1960)<sup>81</sup>, ambos de autoria de Hartshorne. Eis mais dois textos do geógrafo que não são comentados na Geografia e que analisaremos em busca de respostas a questões que esta pesquisa levanta.

Com tanta intensidade, representada pelo pragmatismo e pelo institucionalismo, pelas corporações, pelo “cinturão das manufaturas”, pela exposição colombiana de 1893, parece mesmo que o meio-oeste americano, e Chicago especialmente, formavam um cenário social particular naquelas quatro ou cinco décadas da virada do século XIX para o século XX nos EUA, no qual iriam se enredar algumas centenas de intelectuais.

---

<sup>79</sup> *A Estrutura da Ação Social*, por exemplo, livro de Talcott Parsons publicado em 1937, já antecipava uma perspectiva que seria consolidada nos seus livros do pós guerra, na década de 1950.

<sup>80</sup> In: *O Estado e o crescimento econômico*. Hugh J. G. Aikten, 1959.

<sup>81</sup> In: *Ensaio em geografia e desenvolvimento econômico*. Norton Sydney Ginsburg, 1960.

Mas Hartshorne só iria chegar a Chicago em 1920. No final do século XIX ele ainda estava para nascer.

### *Nasce uma estrela*

#### Uma mente brilhante<sup>82</sup>

Universidade de Princeton,  
Setembro de 1947.

**“Os matemáticos venceram a guerra.**

Os matemáticos decifraram os códigos japoneses e construíram a bomba atômica.

Matemáticos, como vocês.

Os soviéticos querem implantar o comunismo ou no mundo. **Seja na medicina ou na economia, na tecnologia ou no espaço, traçam-se linhas de combate.**

Para triunfar, **são precisos resultados, publicáveis, aplicáveis.** Resultados!

Qual de vocês será o próximo Morse<sup>83</sup>?

O próximo Einstein?

**Qual de vocês será a vanguarda da democracia, da liberdade e da descoberta?**

Hoje **entregamos o futuro da América nas suas mãos!**

Bem vindos a **Princeton** cavalheiros!”

Discurso de abertura do filme *Uma Mente Brilhante* baseado na biografia de John Nash, matemático da Universidade de Princeton responsável por desenvolvimentos na Teoria dos Jogos<sup>84</sup> e vencedor do Prêmio Nobel em 1994.

---

<sup>82</sup> No filme, o matemático e protagonista John Nash é convidado a trabalhar para o Estado americano na luta contra a União soviética. Em determinado ponto do filme, ao chegar à sala na qual receberá a sua missão, Nash assiste a um documentário secreto produzido pelo Escritório de Serviços Estratégicos (OSS) que descreve a atuação dos soviéticos nos primeiros anos da Guerra Fria. No mesmo OSS que Richard Hartshorne trabalharia entre 1941 e 1945 como Coordenador de Informações na divisão de Geografia do ramo de Pesquisas e Análises, Membro do Conselho de Analistas, Presidente do Comitê de Projetos, Presidente do Comitê de Classificação Militar e membro do sub Comitê de Articulação de Inteligência, todos os cargos sob a supervisão do Chefe Maior das Forças Armadas. Mais tarde, em 1949, ainda seria membro do Colégio Nacional de Guerra além de ter participado em vários conselhos oficiais de pesquisa nos EUA, especialmente em relação à geografia política.

<sup>83</sup> O trabalho de Marston Morse (1892-1977), professor do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton, é considerado a única grande contribuição de matemáticos americanos a essa disciplina. Ele escreveu sobre superfícies mínimas, sobre a teoria das funções de uma variável complexa, onde ele estava particularmente interessado na aplicação de métodos topológicos diferenciais e dinâmicos. O Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton, a universidade com a 4ª maior dotação orçamentária do mundo, foi fundado em 1930 e é bastante lembrado como a residência acadêmica de Albert Einstein, Noam Chomsky, Clifford Geertz, Oskar Morgenstern, J. Robert Oppenheimer, John von Neumann, entre outros.

<sup>84</sup> A teoria dos jogos tornou-se um ramo proeminente da matemática nos anos 30 do século XX, especialmente depois da publicação em 1944 de *The Theory of Games and Economic Behavior* de John von Neumann e Oskar Morgenstern. A teoria dos jogos “revolucionou” 150 anos de teoria econômica ao questionar a afirmação de Adam Smith de que quando todos os indivíduos buscam o seu próprio interesse, o resultado é o melhor para todo o grupo. Para John Nash, protagonista do filme *Uma Mente Brilhante*, o melhor resultado se dá quando os indivíduos buscam o melhor para si e para o grupo. Surgida então como uma teoria a questionar os postulados neoclássicos, ele foi posteriormente e prontamente acomodada na ampla estrutura da teoria neoclássica a fim de melhorar as suas previsões. Até porque o

Richard Hartshorne (1899-1992) nasceu no estado da Pennsylvania, numa família com alto nível educacional e, segundo seu biógrafo, manter-se-ia próximo de um dos seus irmãos, o eminente filósofo americano Charles Hartshorne (1887-2000) até o final da sua vida. Desde cedo, duas habilidades se destacavam: o conhecimento da língua germânica e da matemática, que lhe renderiam prêmios ao longo da sua vida estudantil. Um terceiro fato, que parecia indicar o que seria o enredo da sua vida, foi a sua participação ativa como membro e sargento do corpo de treinamento de exército estudantil da **Universidade de Princeton**, onde então iniciava seus estudos em **matemática, seu bacharelado esquecido pela história da geografia**.

Tudo isso em uma época na qual a calculabilidade e as suas representações disciplinares estavam em alta. Escrita contemporânea do *The Nature of Geography*, principal livro de Richard Hartshorne, *Dialética do Esclarecimento* é de um diagnóstico certo e preciso da época: transforma-se tudo em números e então os números transformam-se em discurso. Era isso o que os desenvolvimentos capitalistas exigiam, a ascensão sem precedentes da calculabilidade. Como notam os seus autores:

“Eles vêem o corpo como um mecanismo móvel, em suas articulações as diferentes peças desse mecanismo, e na carne o simples revestimento do esqueleto. Eles lidam com o corpo, manejam seus membros como se estes já estivessem separados. A tradição judia conservou a aversão de medir as pessoas com um **metro**, porque é do morto que se tomam as medidas – para o caixão. É nisso que encontram prazer os manipuladores do corpo. Eles medem o outro, sem saber, com o olhar do fabricante de caixões, e se traem quando anunciam o resultado, dizendo, por exemplo, que a pessoa é comprida, pequena, gorda, pesada”. (Adorno & Horkheimer, 1947, p. 110).

No campo disciplinar da matemática, no fim do século XIX as novas geometrias (geometrias não euclidianas) já eram aceitas. Elas influenciaram um novo modo de pensar em matemática. A Geometria Euclidiana perdeu o status de verdade inquestionável. **A geometria, que antes era ligada ao concreto, agora podia ser mais abstrata**. A nova geometria já não tinha preocupação com o conhecimento produzido

---

último quarto do século XIX presenciou nos EUA uma reelaboração da lógica econômica quando a difusa concorrência começou a perder espaço relativo para a cooperação no interior das grandes corporações, não para por fim por Decreto ao capitalismo, e sim para poder competir em espaços mais amplos de circulação de mercadorias. Não é surpresa, portanto, que a Teoria dos Jogos esteja mais uma vez na moda dentro dos debates da suposta teoria do “desenvolvimento local”, no qual postula-se uma cooperação local com a finalidade de competir em espaços mais amplos; teoria que – diga-se de passagem – só pôde florescer à sombra do vigoroso fordismo, ao qual apenas aparentemente se opunha. Ambos os casos podem ser comprovados no texto de Arrighi, em relação aos EUA, e em vários textos que tratam do caso da Terceira Itália, no caso da teoria do “desenvolvimento local”.

com o **mundo material**, senão com a **coerência lógica** desse conhecimento. Os postulados tornaram-se para o matemático, meras hipóteses, cuja verdade ou falsidade físicas não lhe interessam. As novas geometrias acabaram indo além do campo das matemáticas, inclusive na teoria da relatividade de Einstein.

Esse “episódio” do desenvolvimento da matemática não é um fato isolado, nem na disciplina, nem fora dela. Ainda na matemática, desenvolvimentos contemporâneos foram os cálculos de inferências, variâncias, coeficientes de correlação, a algebrização da análise e o planejamento de experimentos. Ao mesmo tempo, a economia política passava por um processo violento de modelagem do mundo em números.

O fenômeno dos Tripos – os famosos exames de seleção de alunos para cursos de economia na Inglaterra que exigiam dos postulantes a economistas altíssimos conhecimentos da matemática – representou um choque violento na política de seleção de futuros economistas na Inglaterra, rebaixando, com os seus resultados, grandes mestres como Alfred Marshal e fazendo brilhar jovens como Frank Ramsey<sup>85</sup>. Aqui também, no início do século XX, a calculabilidade da lógica auto-expansiva do valor que a todo o planeta abarca também fazia dos estragos.

Com efeito, ao concluir o seu Bacharelado em Matemática, Hartshorne escreveu para Elsworth Huntington sobre o entusiasmo resultante da leitura dos seus livros:

“... eu encontrei **a moderna ciência da geometria**, como você esboça e define nos seus prefácios, **o mais interessante departamento do aprendizado moderno**... Desde que li seu livro em agosto passado... eu **decidi incrementar a minha matemática no futuro próximo** e estou muito interessado em saber **quais oportunidades existem para um homem passar a sua vida no estudo e desenvolvimento da geografia como você a define**. ...” (Carta de Hartshorne a Huntington. In: MARTIN, 1994, p. 481)

Em resposta, Huntington o informou que o departamento de Geografia de Yale, nordeste dos EUA tinha sido fechado em 1915, num processo que ficou conhecido como o middle west take-over (a tomada a cargo do meio oeste), motivo pelo qual não poderia recebê-lo e sugeriu a ele que tentasse a Universidade de Columbia ou a de

---

<sup>85</sup> Falando em Frank Ramsey, Na década de 1920 ele se envolveu em uma batalha intelectual contra a tese de Keynes em probabilidades estatísticas. Keynes, que havia desafiado os postulados de Karl Pearson (1857-1936) fundador do 1º Departamento de Estatística Aplicada do mundo, na Inglaterra, em 1911, e desenvolvedor da estatística matemática em temas como testes de correlação e de significância estatística, ver-se-ia desafiado à altura pelo jovem Ramsey. Durante o Doutorado de Hartshorne em Chicago o debate se desenrolou com a participação de dois professores da Universidade de Chicago. Ao lado de Keynes estava o economista Frank Knight e ao lado de Ramsey estava Jimmie Savage. O debate foi vencido por Ramsey e Savage.

Chicago. Além disso, sugeriu que para o seu sucesso estudasse geologia, antropologia, biologia... e economia.

O take-over se referia ao processo segundo o qual a junção da perda de influência de William Morris Davis com a ascensão do interesse na geografia industrial, comercial ou econômica, estava resultando no fechamento de Departamentos de Geografia no nordeste americano e na abertura de Departamentos de Geografia no meio oeste americano. O processo teve um “marco” na mudança da presidência da Associação dos Geógrafos Americanos em 1922, quando foi eleito um geógrafo do meio oeste para comandá-la. Um ano depois, durante o seu Doutorado em Geografia em Chicago, Hartshorne ingressaria como membro da associação, para deixá-la apenas em 1989, 66 anos depois. A maior participação de um geógrafo na história da associação.

Hartshorne parecia ter seguido os conselhos do mestre Huntington e em 1921 começou o seu Doutorado em Chicago, o qual foi concluído com uma tese sobre a significância do transporte lacustre para o tráfego de grãos em Chicago. Não obstante o papel que o positivismo, as variedades de neopositivismo e o pragmatismo atribuem à ciência ou ao conhecimento faça da maioria dos cientistas consultores natos, Hartshorne teve mais motivações para tal. Para concluir sua Tese de Doutorado ele obteve financiamento da Prefeitura de Chicago, e como contrapartida estudou o problema do transporte lacustre na cidade como forma de auxiliar a tomada de decisões por parte da prefeitura. Nesse período, seu interesse em economia e o estudo dos economistas alemães da localização começaram a crescer, o que revelam os títulos das suas publicações.

Além desse interesse, outros dois se mostraram fortes. No seu primeiro ano de Doutorado, aos 22 anos, ele ajudou ao professor John Paul Goode do Departamento de Geografia da Universidade de Chicago a superar o “mal” da Projeção de Mercator. Hartshorne calculou a latitude onde as duas projeções tinham a mesma escala e, portanto, deveriam ser fundidas através da sobreposição das duas projeções (homolográfica e senoidal), uma sobre a outra, resultando na projeção “homolosina”. Goode reconheceu “Mr. Richard Hartshorne, por ter computado a posição matematicamente. Passa a ser na latitude de 41°44’11.8”N/S” (GOODE, apud MARTIN, 1994, p. 481).

Além de mostrar que parecia cumprir a promessa de continuar a desenvolver suas altas habilidades matemáticas, como havia escrito ao mestre Huntington,



Hartshorne fez outra atividade marcante na sua carreira durante o seu Doutorado. No seu emprego na Gamma Alpha House tornou-se administrador “encomendando a comida, planejando as refeições e supervisionando e contratando cozinheiro e empregada doméstica... mais tarde eu me transformei em gerente da casa e tesoureiro”. Mas isso seria mais do que um trabalho. “Depois de Rosenwald Hall<sup>86</sup>”, Hartshorne nota, “a Gamma Alpha House foi o segundo lugar mais importante na minha educação em Chicago”. Essas informações nos são dadas pelo biógrafo de Hartshorne e arquivista da Associação dos Geógrafos Americanos, Geoffrey Martin.

Nos anos seguintes da sua vida, Hartshorne publicaria o seu mais famoso trabalho, intitulado “*A Natureza da Geografia: um exame crítico do pensamento atual à luz do passado*” (1939) e, 20 anos mais tarde, um trabalho que faz uma espécie de balanço das críticas e dos acertos do The Nature, intitulado “*Perspectivas e Natureza da Geografia*”(1959). Nesse intercurso, ele passará pela Universidade de Minnesota, por Washington, nos anos da Segunda Guerra, e depois irá para a Universidade de Wiconsin, onde permanecerá até o fim da sua carreira como geógrafo, um homem que levou a vida a respirar os ares do meio-oeste americano e da região dos lagos, como se pode ver na figura a seguir:

Figura 03. Lugares onde viveu Richard Hartshorne



Seu debate sobre método, no qual a partir de agora entraremos, parece se dar em um contexto no qual a perda da temporalidade histórica – ou a existência de uma

<sup>86</sup> Prédio da Universidade de Chicago que recebe os alunos vindos de fora da cidade.

temporalidade história, mas que deveria desaguar em algum fim idealizado – era a via de regra de quase todos os sistemas filosóficos e no qual a preocupação com o método era cada vez maior, como uma quase obrigação de atender aos pressupostos da calculabilidade. Quem pudesse racionalizá-la de maneira mais eficaz certamente teria destaque. Uma tarefa para aqueles que estavam aptos a pensar o método a partir dos requisitos postos pelo seu grande formulador, René Descartes, quais sejam: ser geométrico e ser matemático.

### **3.3. A GEOGRAFIA: SUA NATUREZA, SEU MÉTODO E SEUS PROPÓSITOS, DITOS E NÃO DITOS<sup>87</sup>.**

Hartshorne é conhecido na história da disciplina (Geografia) por ter formulado uma proposta de definir-lhe a natureza, seus métodos e seus propósitos em “*The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past*” (*A Natureza da Geografia: um exame crítico do pensamento atual à luz do passado*), livro que obteve repercussão internacional à época da sua publicação e ainda hoje é matéria recorrente de debate, fato do qual este trabalho é mais uma prova.

De erudição dificilmente inigualável na disciplina, o livro parece ter sido bastante comentado, mas pouco lido, como nota Martin (1994). O próprio Hartshorne se quixava do fato de que, após a publicação, enquanto ele vez ou outra encontrava equívocos no livro, não recebia críticas sobre o mesmo por parte dos seus leitores, apenas elogios. Fez-se, a partir daí, um silêncio quase generalizado em torno do que deveria ser a geografia, que começaria a ser quebrado somente 14 anos depois por Frederick K. Shaefer.

Atualmente é possível identificar um grupo relevante de trabalhos que questionam importantes pontos da abordagem hartshorniana<sup>88</sup>. Como nota Neil Smith

---

<sup>87</sup> Para a melhor apresentação deste capítulo e compreensão dos seus resultados, que são o principal ponto das reflexões desta pesquisa, será necessário incluir uma sistematização de alguns trabalhos que apenas para fins didáticos iremos separar entre: os que apontam as ligações kantianas e neo-kantianas da abordagem de Hartshorne e as que mostram algumas das diferenças entre a abordagem de Hettner e a de Hartshorne. Mostrando o que já foi dito até hoje torna-se mais fácil compreender em quais pontos específicos as nossas reflexões pretendem ratificar, complementar ou superar, em relação a quê e a quem.

<sup>88</sup> Um livro em comemoração aos 50 anos da publicação do *The Nature* elaborado pela Associação dos Geógrafos Americanos e que traz abordagens variadas sobre o trabalho de Hartshorne é: J.N. Entrikin and

(1989), as raízes kantianas da sua abordagem já foram notadas por Schaefer (1953), Harvey (1969), May (1970) e Livingstone e Harrison (1981), além do próprio Neil Smith. Já as críticas à suposta ligação direta existente entre a abordagem de Hettner e a de Hartshorne foram feitas por Ostermeier (1986), Butzer (1989) e Wardenga (1995, 1998, 2006).

Evidentemente, ambas as questões não estão separadas uma da outra, apenas para fins meramente didáticos. Na verdade, o foco nas raízes kantianas não impediu que alguns desses autores evidenciasse – ainda que de forma breve – o cenário social específico no qual se formaram as concepções de Hartshorne, sendo essa especificidade um dos motivos que levaram à diferenciação entre a sua abordagem e a de Hettner. Movendo-se entre esses textos, buscaremos ratificá-los, complementá-los e em alguns casos superá-los, especialmente pelo fato de que parece que ainda não foi o foco de nenhum desses textos analisar o potencial da abordagem hartshorniana para vinculá-la aos interesses da reprodução do sistema do capital e sua correlata ligação com o Estado norte-americano. Para tal tarefa iremos em busca da existência de possíveis categorias e conceitos intermediários que ficaram perdidos em meio à “luta pela geografia”.

### ***A natureza “ontoprática” das manifestações ideológicas em Hartshorne***

A riqueza e a originalidade da obra de Richard Hartshorne aparecem para a Geografia como uma coleção de “categorias geográficas”. Diferenciação de Áreas e Fronteira seriam diferenciais da sua análise, lidas à luz do que ele chamou de um “dualismo integrado” entre Geografia Sistemática e Geografia Regional, os dois métodos de abordagem da Geografia. Eis o retrato do campo integrado da Geografia Científica que a história nos dá.

Contudo, o exame da sua vida e das suas formulações mostram que para que se ergam quaisquer categorias ditas geográficas é necessário que se estabeleçam certas mediações conceituais. Uma característica que logo se nota na leitura do seu principal livro é que Hartshorne se enreda sistematicamente em contradições, mas prontamente se propõe a desfazê-las. Parece ser essa uma das características dos sistemas filosóficos pós-cartesianos, como nota Mészáros, já que, ao tentar reconciliar as dicotomias e dualismos operados pelas relações sociais de produção no plano filosófico, esses

---

S.D. Brunn (Eds), *Reflections on Richard Hartshorne's The Nature of Geography*, Washington, D.C., 1989. Nesse livro são encontrados os artigos de Smith e Butzer indicados acima.

teóricos têm que necessariamente se valer de algum grau de arbitrariedade na reconciliação daquilo que é irreconciliável.

Mészáros (2012, p. 251), ao falar da ciência como legitimadora de interesses ideológicos afirma: "No que diz respeito ao desenvolvimento correto e adequado da filosofia e da teoria socioeconômica, supunha-se que o destino da dialética havia sido "definitivamente" selado pela "solução científica" (isto é, a dissolução agnóstica) dos seus problemas<sup>89</sup> proporcionada pela Crítica da Razão Pura de Kant".

Nesse sentido, embora tenha sido Kant o grande formulador do "procedimento", não é incorreto afirmar, não obstante ser talvez a sua filosofia a mais influente no mundo, que ele precisa ser realizado por quem quer que se preste a elaborar sistemas conceituais coerentes que tenham na sua base a incoerência das dicotomias. Nesse sentido, e pegando a carona de Mészáros, a heurística de Popper pode ser vista como um corolário desse problema. Formulam-se hipóteses a serem testadas e refutadas, supondo-se que gradativamente o corpus hipotético irá se aproximando da realidade. E embora Thomas Kuhn se diga diferente, parece realizar o mesmo procedimento. Ou seja: quando se descarta o materialismo dialético e a sua análise das mediações e dos sujeitos reais, a saída para conciliar o irreconciliável é uma série de procedimentos agnósticos, heurísticos, entre outros que possam existir. Afirma-se isso porque pensar que Hartshorne recebeu essa forma de dissolução dos problemas das mãos do todo poderoso Kant ou de qualquer outro mestre da filosofia é uma ilusão, que nos levaria a recair na abordagem epistemológica. Afinal, as dicotomias e dualismos do sistema do capital estão em toda parte e é mesmo verdade que esses procedimentos se realizam no cotidiano de qualquer um que se proponha a pensar as relações sociais, ainda que não tenha conhecido Kant. Afinal, já se disse em algum lugar que o novo não se inventa, descobre-se. Aí talvez resida o pioneirismo de Kant, em ter sido o primeiro a racionalizar, num sistema filosófico amplo, um procedimento que acontece no mundo real cotidianamente<sup>90</sup>.

---

<sup>89</sup> "Esta maneira kantiana de "dissolver" os problemas filosóficos mais complicados, para livrar-se deles, tornou-se o modelo para o método neopositivista de concluir agnosticamente pela inexistência de questões teóricas e práticas importantes e conflitos ideológicos persistentes - classificando-os apenas como "confusões conceituais" -, desde o primeiro Wittgenstein até a escola vienense dos positivistas lógicos e os seguidores do segundo Wittgenstein, o da escola "analítica" de filosofia linguística" Mészáros (2012(1989), p. 251).

<sup>90</sup> Frise-se também que, em inúmeros momentos, certas distinções e categorias parecem aparecer no texto de Hartshorne como uma mera forma de atender ao seu esquema lógico, de modo a preenchê-lo por completo, sem que aquilo esteja necessariamente representando algo no mundo real.

Por essa razão, passa-se agora a entender o porquê do detalhamento do capítulo dois, para mostrar que ao longo da sua vida Hartshorne já estava diante desses problemas no seu compartilhamento da perspectiva da economia política por vários meios, seja por estar preso pelos pés à sua práxis burguesa – suas consultorias prestadas desde cedo à Prefeitura de Chicago; seu cotidiano de administrador, planejador e tesoureiro na Alpha Gamma House; o caráter aplicado das suas pesquisas; seja por estar preso pela cabeça àqueles que elegeu desde cedo como referências para a profissão: os economistas<sup>91</sup>.

Falando no caráter aplicado ou aplicável das suas pesquisas, muito embora Hartshorne faça a distinção entre ciência pura e ciência aplicada em alguns trechos do seu texto, a leitura do seu trabalho mostra que em nenhum momento ele chegou a fazer alguma forma de “ciência pura”, e que essa distinção ele provavelmente trouxe da matemática onde é largamente aceita e já consolidada a distinção entre matemática pura e matemática aplicada, dado o caráter altamente abstrato dessa disciplina. O que não significa que, para a concepção marxista, isso seja válido, já que o próprio interesse em se escolher o que estudar já supõe algum conhecimento do funcionamento do objeto e pressupõe a existência de interesses, de onde não subsistiria a separação entre uma ciência pura e outra aplicada.

Retomando o ponto em que falávamos da heurística de Popper e rediscutindo o parágrafo acima, extraímos alguns trechos dos seus dois principais livros (1939 e 1959) para justificar os nossos questionamentos:

**“Qualquer ciência preocupada com o estudo da realidade - como distinta da matemática pura - deve usar conceitos que representem deformações atuais da verdade, ainda que leves. A necessidade de reduzir a incompreensível complexidade da realidade a sistemas compreensíveis necessita, e assim não só desculpa mas legítima, dessas deformações da verdade. Tudo o que a ciência exige é que o cientista reconheça sempre que seus conceitos são apenas aproximados e alterações arbitrárias de realidade”** (Hartshorne, 1939, pg. 286).

---

<sup>91</sup> Somente nas páginas 420 e 421 Hartshorne cita cinco economistas ao discutir o caráter da Geografia Sistemática. Dois deles, teóricos da localização: Alfred Weber e Von Thunen. Ambos economistas e alemães, usando conceitos de Adam Smith (homem econômico) e David Ricardo (teoria do rendimento), segundo Marx, os grandes mestres da economia política. Hartshorne já mostra um pensamento relacional justamente ao criticar, como reaparece no *The Nature* o caráter absoluto da localização das atividades produtivas em Thunen. Para Hartshorne, o desenvolvimento das técnicas é capaz de dotar a localização das atividades econômicas de uma natureza relativa. Essa relação com a economia, como veremos adiante é um resultado lógico da “superestrutura” da ciência formulada por Hartshorne a partir da formulação inicial de Kant. As relações e as categorias econômicas de longa data do mundo burguês parecem estar na mente de Hartshorne.

Não em poucos trechos Hartshorne usa terminologias familiares à obra de Karl Popper; desconhecemo-las no sistema kantiano:

“Além disso, pela comparação de diferentes unidades de área que são em parte similares, pode-se **testar e corrigir** os universais desenvolvidos na geografia sistemática” (Hartshorne, 1939, p. 467).

“O procedimento teoricamente descrito nos parágrafos antecedentes exige reiterada alternância, para fins de estudo, entre os métodos de análise tópica e regional, **efetuando-se repetidas verificações das hipóteses através da técnica de ensaio e erro**, visando-se a determinar a organização mais eficiente para cada um dos métodos de análise”. (Hartshorne, 1959, p. 134)

Consideramos ser a verificação e a falsificação de hipóteses duas abordagens bastante peculiares, nesses termos, ao “Círculo” de Viena. Uma sugestão que parece ganhar força a partir de três constatações:

(a) Segundo Neil Smith (1989), até 1970, ou seja, muito depois de seus livros principais de 1939 e 1959 estarem escritos, Hartshorne não tinha tido acesso direto à obra de Kant, como ele mesmo confessou em uma correspondência de 1970. Seu acesso tinha sido por meios secundários. Com efeito, no *The Nature* Hartshorne só cita como referências dois trabalhos de Kant sobre a Geografia. O seu principal livro, *Crítica da Razão Pura*, não está citado nas referências.

(b) Em 1934 Popper publica *A Lógica da Descoberta Científica* na Alemanha, livro que lhe projeta internacionalmente. Nele,

“Popper sustenta não existir observação “pura” ou totalmente descomprometida. A partir da consciência de algum problema, o cientista parte para uma tentativa de resolução, através da elaboração de uma série de conjecturas. Essas múltiplas teorias seriam submetidas à discussão crítica, cujo principal objetivo é a eliminação de erros. Note-se que, se por um lado Popper afirma que nunca se pode ter a certeza de que a ciência está diante de uma teoria “verdadeira” – que corresponde à realidade –, por outro, através da eliminação sucessiva das teorias falsas, tem-se a certeza de que tendencialmente, as teorias aproximam-se do ideal de objetividade que é a marca do empreendimento científico” (Fernandez e Makowiecky, 2006).

Dois anos depois, o irmão de Richard Hartshorne, Charles Hartshorne, com quem Martin (1994) afirma o geógrafo ter vivido em proximidade até o final da vida, contrata o líder do Círculo de Viena, Rudolf Carnap, para Chicago. Não se pode

daí puramente deduzir ser essa a influência de Hartshorne, mas também é difícil creditar certas terminologias a Kant.

(c) O que se tem de certo sobre Kant é o que ele próprio disse:

“Devíamos-nos, contudo, lembrar de que os corpos não são objetos em si, que nos estejam presentes, mas uma simples manifestação fenomênica, sabe-se lá de que objeto desconhecido; de que o movimento não é efeito de uma causa desconhecida, mas unicamente a manifestação fenomênica da sua influência sobre os nossos sentidos; de que, por consequência, estas duas coisas não são algo fora de nós, mas apenas representações em nós; de que, portanto, não é o movimento da matéria que produz em nós representações, mas que ele próprio (e portanto também a matéria que se torna, assim, cognoscível) é mera representação”<sup>92</sup>.

Sobre a formulação kantiana, Popper afirma ter sido Kant "... talvez o primeiro a afirmar que a objetividade dos enunciados científicos está estreitamente relacionada com a elaboração de teorias - com o uso de hipóteses e de enunciados universais...”<sup>93</sup>. Contudo, quando o assunto é a possibilidade do conhecimento ser verdadeiro, Popper parece discordar de Kant, pois este

“... propôs uma teoria que teve como consequência inevitável que a nossa busca pelo conhecimento deve, necessariamente, ter sucesso, o que é claramente equivocado. Quando Kant disse: ‘Nosso intelecto não tira as suas leis da natureza, mas impõe suas leis sobre a natureza’, ele estava certo. Mas ao pensar que essas leis são necessariamente verdadeiras, ou que nós necessariamente teríamos sucesso em impô-las sobre a natureza, ele estava errado. A natureza muitas vezes resiste com bastante êxito, forçando-nos a descartar nossas leis como refutadas; mas se vivemos, podemos tentar novamente”<sup>94</sup>.

Como nota Neil Smiht (1989), sumarizar o pensamento de Kant é uma tarefa perigosa. Não obstante a afirmação de Popper, há autores que afirmam não haver discordância entre ele e Kant, como Freitas (2005), já que

“... Popper afirma não haver enunciados definitivos em ciência, o que concorda com Kant, pois a coisa em si, a verdade absoluta, é incognoscível, sendo o conhecimento em ciência sempre aproximativo e passível de ser mudado...”;

e há outros, como Samra (2009) que afirmam que embora Popper se imagine em uma posição diferente da de Kant, seria possível

“conciliar as críticas de Popper com a filosofia kantiana, onde a doutrina da falsificação encontra sua origem... Popper não for bem sucedido em estabelecer o sintético a priori como uma abordagem dogmática da ciência... Kant acreditava, como Popper, que a ciência é sempre passível de revisão

---

<sup>92</sup> KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, pp. 387-8.

<sup>93</sup> POPPER, KARL - (1934) *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1989, pp. 46-9.

<sup>94</sup> POPPER, Karl. *Conjectures and Refutations*. London: Routledge, 1963, pp. 47-8.

para a experiência... a teoria da verdade e da ciência de Popper é incompleta sem Kant”.

Fica bastante claro no *The Nature* que a postura de Hartshorne em relação a leis científicas defende não haver leis eternas, todas elas sujeitas a testagem ou verificação e correção. Se é verdadeira a correspondência de Hartshorne na qual afirma só ter tido acesso à obra de Kant antes de 1970 por meio de fontes secundárias, há de se especular se esse acesso secundário não pode ter se dado através de Popper ou de outros filósofos do “Círculo” de Viena, em função da semelhança das terminologias utilizadas. Muito embora esse acesso possa ter se dado também por meio do neokantismo e do historicismo alemão.

Face ao exposto, não era difícil para quem carregava consigo na prática e nas idéias (especialmente pela proximidade intelectual com os economistas) as formas sociais da sociabilidade capitalista de longa data, conciliar a moldura geral do pensamento Kantiano, já que elas não entravam em contradição. Segundo Meszáros (2008(1986), p. 123-8) nos seus *Escritos Morais e Políticos*, Kant, não obstante a sua *história cosmopolita* (cujo título a priori parece sugerir uma comunidade humana), faz uma clara defesa da propriedade privada e, inclusive, utiliza um empréstimo um conceito de Adam Smith (“o espírito comercial” - *Handelsgeist*) que em último caso racionaliza a prática comercial lucrativa burguesa. No fim, Kant acaba concordando com desigualdade entre os homens que, embora estejam em igualdade formal perante a lei, podem estar em desigualdade substantiva.

Cabe lembrar também, ainda com base em Meszáros (idem) que a reflexão de Kant não se dava apenas em termos de uma teoria conhecimento, mas como pano de fundo havia uma clara concepção de história, uma teleologia teológica na realização de um ideal de sociedade civil materializada em uma Constituição perfeita. Rumando em direção a isso, as contradições e os conflitos que apareciam no mundo real eram compreendidos apenas como confusões e coisas de menor importância, não obstante o estouro da Revolução Francesa. Essa metafísica assemelha a sua posição política à de Hartshorne na identificação com o ponto de vista da economia política.

Segundo Mostafa (1986), a razão iluminista (da qual Kant é um dos representantes), por ser a-histórica, válida em qualquer tempo e espaço, ao mesmo tempo que derivava daí a sua universalidade pretendida, simultaneamente declarava a sua impotência ao não poder explicar o crescente irracionalismo das práticas capitalistas em meio às quais muitos homens [os subjugados nas relações de produção] não podiam exercer a sua faculdade da razão livremente. Nesse sentido, “todas as discussões em torno das metodologias caem via de regra no formalismo da relação razão-experiência,



sujeito-objeto... Essa visão ainda é muito moderna e está presente no Círculo de Viena, no Pragmatismo Americano e em Popper” (idem, p. 187-8).

Ainda que os geógrafos deixem passar em branco as possíveis relações de Hartshorne com essas outras concepções, além do neokantismo, é sintomático o fato delas compartilharem coisas importantes entre si e de terem convivido em certo sentido harmonicamente entre o final do século XIX e início do século XX, e que Hartshorne também tenha convivido harmonicamente e alcançado sua proeminência em meio a elas. A razão básica para tal é que o momento da retomada de Kant se dá junto com a necessidade crescente do abandono da temporalidade histórica após Hegel ser descartado como um “cachorro morto”, na expressão de Marx<sup>95</sup>. Essa questão, relativa à perda da temporalidade histórica é importante, inclusive porque, “abordagens gerais” que ganharam eminência após a Segunda Guerra Mundial, mas que antes dela já se gestavam, compartilham dela, como o funcionalismo estrutural e a teoria geral dos sistemas<sup>96</sup>. Isso é particularmente importante quando mais à frente formos argumentar que a geografia regional de Hartshorne é uma técnica conjuntural – e como toda conjuntura, desprovida de temporalidade histórica – de alto valor para o planejamento, como o próprio autor reconhece, e que a geografia parece dar pouca ou nenhuma relevância.

Partindo dos pressupostos da abordagem kantiana do conhecimento, Hartshorne vai atribuir um papel essencial ao sujeito (o estudante de geografia ou o pesquisador já experiente) no trabalho em geografia já que, embora os elementos simples ou elementos complexos medidos na forma de variáveis estatísticas tenham uma manifestação objetiva, na forma de fenômenos<sup>97</sup>, quem vai lhes atribuir o sentido e a delimitação das fronteiras

---

<sup>95</sup> Se o kantismo, o hegelianismo e o marxismo podem ser considerados os grandes “sistemas” filosóficos da modernidade, o mesmo não pode ser afirmado para essas concepções, já que todas elas estão a abarcar e modificar, na verdade, aspectos parciais desses sistemas filosóficos maiores.

<sup>96</sup> Embora Hartshorne rejeite a abordagem sistêmica, talvez por associá-la a uma abordagem organicista, ela é, sem dúvida, a-histórica, embora dinâmica. Por outro lado, duas expressões usadas por Hartshorne chamam à atenção quanto ao funcionalismo estrutural: inputs e outputs. Além de serem, ironicamente, expressões usadas em teoria dos sistemas, também são usadas nas análises regionais com base na técnica da matriz de insumo-produto de Leontieff, que se baseia em último caso num modelo estrutural que analisa as relações funcionais entre as regiões.

<sup>97</sup> Frente ao debate da teoria do conhecimento em Kant é que se pode compreender a controvérsia entre Sauer e Hartshorne sobre o que seria a geografia. Para Sauer a geografia só fazia parte aquilo que pudesse ser visto, tivesse cheiro ou sabor. Para Hartshorne, dessa forma, não haveria espaço para a geografia política dentro da disciplina, já que seu objeto de estudo era eminentemente intangível, embora

e do caráter da área é o pesquisador. Isso é reconhecido por Neil Smith (1989) e concordamos que ele está correto nesse aspecto. Hartshorne afirma que essa delimitação (das regiões, por exemplo) vai depender, evidentemente, dos interesses da pesquisa.

Outras questões importantes referentes a essas ligações entre Hartshorne e uma posição conservadora, assim como que tipo de profissional é o geógrafo, ficam mais claras se analisamos o posicionamento que Hartshorne atribui à geografia entre as ciências.

### ***A Geografia no Xadrez: a sua posição entre as ciências***

Para compreender os desenvolvimentos seguintes de Hartshorne é importante compreender qual a posição que ele dá para a Geografia entre as ciências. Ao discutir a justificação para o conceito histórico de Geografia como uma ciência corográfica, Hartshorne analisa, primeiramente, a justificativa do senso comum e, posteriormente, passa à justificação lógica, que se refere ao posicionamento da geografia em relação às outras ciências. Eis o ponto que talvez seja o mais importante da sua formulação, pois vários outros derivam dele.

A primeira questão a se ressaltar é que, como pensa Hartshorne, ao longo da sua investigação histórica<sup>98</sup>, notou-se que a geografia tinha recebido a atenção de grandes mestres da lógica, a exemplo de Kant. E se é “... **para ter um futuro produtivo**, sua natureza [a natureza da geografia] **deve suportar análise lógica**. Em particular, **qualquer esclarecimento ou a limitação de sua natureza vai depender do lugar que**

---

pudesse se manifestar de forma indireta, motivo pelo qual discordava de Sauer. Em seu *The Nature* considerou pouco cinéticas as descrições intuitivas e qualitativas de paisagens elaboradas por Sauer. Por outro lado, a tréplica de Sauer não foi menos ácida: é uma geografia filosoficamente pobre que só trata aquele fenômeno que pode ser quantificado e mapeado, referindo-se à geografia de Hartshorne. Nesse aspecto, temos que concordar com Sauer.

<sup>98</sup> A primeira crítica já pode ser feita neste ponto. Como brilhantemente notou Neil Smith (1989), a história da geografia nas mãos de Hartshorne é uma história privada, um museu no qual os objetos de arte são distribuídos ao longo de salas em uma ordem cronológica de modo a dar ao visitante a experiência de uma evolução. Além do mais, ao supostamente encontrar em intelectuais como Kant os primórdios da disciplina, cria-se um pedigree para ela ao mesmo tempo que reveste a sua história de um círculo de jóias no qual torna-se difícil entrar, pois o que está fora dele não merece a classificação como geografia. Contudo, como nota Smith, essa tentativa de defesa do espaço da geografia não logrou os resultados esperados. Teria lhe feito mais mal do que bem.

Além de concordarmos com Neil Smith, é necessário registrar o fato de que a crítica ao “cortejo fúnebre” da transmissão de bens culturais foi feita, quase cinco décadas antes, por Walter Benjamin, embora Smith não o cite.

**razão atribui a ela [à geografia] em alguma organização lógica das divisões da ciência...**” (Hartshorne, 1939, p. 134). Típico da crítica epistemológica kantiana, a organização das ciências deveria se dar por uma forma lógica concebida a priori.

Para construir sua tradição da Geografia, Hartshorne começa por Kant, passando por Humboldt, Ritter e desaguando em Hettner, mostrando que em linhas gerais cada um deles havia concluído, ainda que de forma independente um do outro, que a geografia deveria possuir dois métodos: um que tratasse da distribuição de fenômenos ao longo do planeta e outro que tratasse de analisar a forma como vários fenômenos desses se encontravam interrelacionados em um arranjo único em uma área específica da superfície terrestre. Segundo Hartshorne, o fato de Hettner ter tido formação em filosofia, sua lógica clara, a clareza da sua expressão, a coerência do seu pensamento, assim como o fato de ter mais que um metodologista teórico – já que sua atividade na geografia começou com trabalhos de campo nos Andes, nos rastros de Humboldt, permitiram a Hettner estabelecer um conceito claro e unificado do campo da geografia, na sua longa série de trabalhos metodológicos.

Resumindo a questão, embora esses fundadores da geografia, na visão de Hartshorne, tivessem dividido a disciplina em dois métodos integrados voltados à análise da distribuição dos fenômenos no espaço, (a) as escalas que cada um desses métodos deveria abranger não era idêntica entre todos eles, e (b) nem mesmo a relação da geografia com as demais ciências, especialmente as sistemáticas.

No primeiro ponto (a), considera-se que à divisão de Hettner para o estudo do arranjo das coisas no espaço (a astronomia estudando o arranjo no universo e a outra ciência do arranjo espacial na terra, ou melhor, na superfície da terra já que não conhecemos o interior da terra) Hartshorne propôs outro arranjo, a saber: a geografia sistemática estudando a distribuição dos fenômenos isoladamente sobre a superfície do planeta como um todo e a geografia regional estudando a articulação única desses fenômenos em áreas específicas da superfície terrestre. Na teoria, o nível de desagregação ao qual poderia chegar a geografia regional seria infinito, já que dentro de uma mesma área homogênea seria possível desagregá-la em unidades menores com maior homogeneidade do que a área homogênea anterior que tinha uma amplitude maior. Porém, na prática, isso inviabilizaria a pesquisa, de onde se conclui que o pesquisador ao definir um recorte de área, agiria necessariamente com algum grau de arbitrariedade causando uma distorção da realidade. O nível máximo ao qual a

desagregação deveria chegar para o trabalho se tornar viável seria o nível das fazendas ou das lavouras<sup>99</sup>.

No segundo ponto (b), Hartshorne, fazendo jus às duas premissas que abrem a sua discussão, quais sejam “**para ter um futuro produtivo**, a natureza da geografia **deve suportar análise lógica**” e “**qualquer esclarecimento ou a limitação de sua natureza vai depender do lugar que razão atribui a ela**”, vai enclausurar a geografia entre as demais ciências sistemáticas, que lhe imporão os limites da cientificidade.

Desses dois desenvolvimentos – originais de Hartshorne – tem-se dois desenvolvimentos necessários: (c) **como deverá se localizar e proceder a geografia como ciência e como alcançara o objetivo de formular hipóteses, princípios e conceitos universais** e (d) **quem deve ser o geógrafo a cumprir tal tarefa**.

---

<sup>99</sup> Segundo Neil Smith, isso seria reflexo de um essencialismo agrário da parte de Hartshorne. Mais à frente ele afirma que Hartshorne recorre ao formalismo legal dos direitos capitalistas de propriedade. Concordamos que isso é uma parte da resposta, já que Hartshorne, como discutimos acima compartilha do ponto de vista da economia política. O próprio Kant era um defensor dos direitos de propriedade, ainda que Hartshorne não tivesse lido seus escritos políticos. Mas pensamos que além da sua racionalização das formas de sociabilidade capitalista ele tinha motivações outras sobre o assunto. Hartshorne era um interessado na economia rural. A grande seca que aconteceu nos EUA entre 1932 a 1936, registrada no romance de John Steinbeck, intitulado “*As Vinhas da Ira*” (1939), expôs como as preocupações de Hartshorne tiveram forte motivação no seu cenário social específico. Em meio a esse período, coincidentemente, Hartshorne começou a publicar uma série de trabalhos voltados para a agropecuária americana. Foram eles: *Uma Classificação de Regiões Agrícolas da Europa e da América do Norte em uma Base Estatística Uniforme* (1935), *Um novo Mapa das áreas de Laticínios dos Estados Unidos* (1935) e *Terras Agrícolas em Proporção à População Agrícola nos Estados Unidos* (1939). Neste último, o autor afirma:

“Na geografia agrícola de qualquer área dois conjuntos de fatores são de importância básica: por um lado, **a extensão e a produtividade das terras cultiváveis** e, por outro, **a população agrícola**. Estes fatores têm sido medidos e mapeados em detalhe para os Estados Unidos de muitas maneiras diferentes, nomeadamente nos **mapas de pontos** publicados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Tais mapas, no entanto, dizem-nos pouco sobre a **relação entre os dois conjuntos de fatores**, e é precisamente **esta relação que é da maior importância**. Se a densidade da população rural variou diretamente com a **produtividade da terra**, isto é, se as **fazendas** eram geralmente pequenas em áreas férteis e grandes nas áreas mais pobres, **poderíamos reconhecer um princípio de compensação, como resultado dessa base fundamental da economia rural**, que fosse mais ou menos equivalente ao longo de qualquer país. Atualmente, a realidade em muitos casos é justamente o contrário” (HARTSHORNE, 1939a, p. 488).

Das técnicas utilizadas para levantamento da questão (o cruzamento ou as relações entre variáveis produzidas por outras ciências e o quadro conjuntural resultante), até as preocupações centrais (a existência de um princípio de compensação entre distribuição da população e a capacidade econômica dos recursos de determinada área, o que por sua vez tem impacto sobre o bem estar dessa população), a geografia de Hartshorne parece impregnada do contexto em que foi escrita, uma espécie de “Geografia do New Deal”. Até onde sabemos, os mapas de pontos do Departamento de Agricultura dos EUA, indicados por Hartshorne como inadequados para os fins que se propunham foram uma criação do seu professor, o geógrafo sueco Sten De Geer. A mesma prioridade que os mapas tinham para Sten De Geer, Hartshorne conservou. Eis o principal instrumento de trabalho do geógrafo.

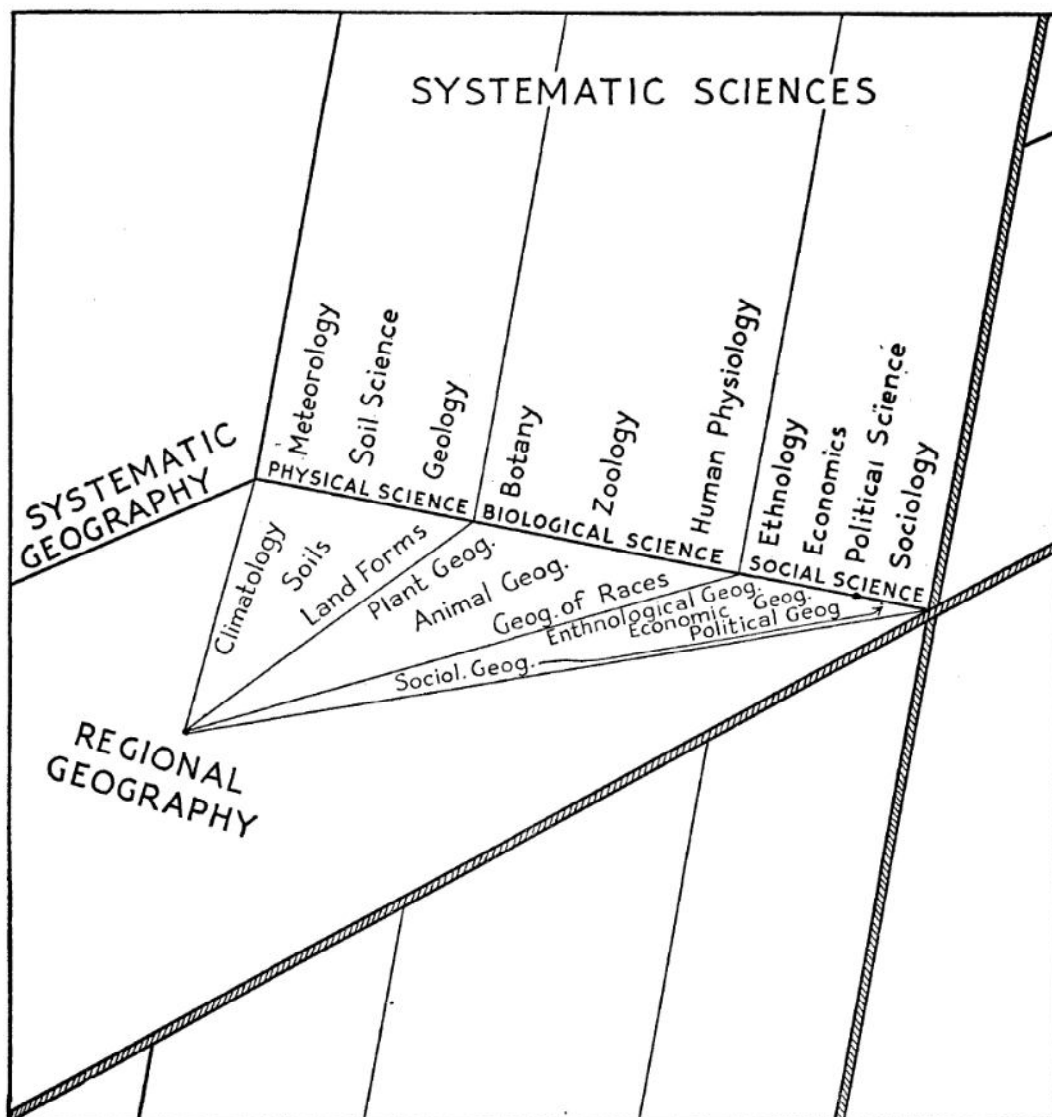
Em relação o ponto (c), eis o diagrama elaborado por Hartshorne para ilustrar a relação da geografia com as ciências sistemáticas<sup>100</sup> (Figura 04). Como ele próprio explica o seu esquema:

**“Os planos não devem ser considerados** literalmente como superfícies planas, **mas como representando dois pontos de vista opostos no estudo da realidade.** A visão da realidade em termos de diferenciação de área da superfície da terra é cruzada (interseccionada) em cada ponto pela visão na qual a realidade é considerada em termos de fenômenos classificados por tipo. As diferentes ciências sistemáticas que estudam diferentes fenômenos encontrados dentro da superfície da terra são cruzada (interseccionada) por os ramos correspondentes da geografia sistemática. A integração de todos os ramos da geografia sistemática, centradas em um determinado lugar na superfície da Terra, é geografia regional” (Hartshorne, 1939, p. 147/323).

**Figura 04. A Grelha das Ciências de Richard Hartshorne**

---

<sup>100</sup> É interessante como nos textos analisados por nós o esquema de Hartshorne não é reproduzido e nem analisado nas suas implicações finais. Talvez daí decorra a falta de compreensão de muitas das suas argumentações, implicando em um duplo problema: declarando-o morto antes do tempo e, justamente por isso, ignorando o quanto o morto ainda vive na prática do planejamento estatal capitalista.



No seu esquema Hartshorne apresenta-nos 3 planos: (e) o das ciências sistemáticas individuais, (f) o da geografia sistemática com as suas especialidades – cada uma delas correspondendo a uma ciência sistemática específica, e (g) o da geografia regional.

Falando sobre o geógrafo, Hartshorne afirma:

“Uma vez que as unidades com as quais ele lida não são nem fenômenos reais nem unidades reais, mas, em qualquer nível de divisão, representam distorções da realidade, **a geografia regional por si mesma não pode desenvolver conceitos genéricos ou princípios da realidade.** Para a interpretação dos seus resultados **depende de conceitos e princípios genéricos desenvolvidos na geografia sistemática**” (Hartshorne, 1939, p. 467(643)).

Diante dessa explicação, deduz-se que se a Geografia Regional precisa recorrer à Geografia Sistemática para a interpretação dos seus achados e se, por sua vez, os conceitos e princípios encontrados por esta (Sistemática) só podem ser desenvolvidos apenas dentro dos limites do desenvolvimento de princípios e universais das Ciências Sistemáticas correlatas, então Hartshorne dá o atestado de dependência da Geografia das outras ciências sistemáticas. Como isso pode ser compreendido de forma mais clara? Eis um trecho importante:

Graças a esse recurso [a análise da variação especial de uma variável em relação a outras – dentro de um complexo-de-elementos], é possível observar padrões de covariância<sup>101</sup> de áreas, que sugerem hipóteses de conexões

---

<sup>101</sup> Em teoria da probabilidade, a covariância ou variância conjunta é uma medida do grau de interdependência (ou inter-relação) numérica entre duas variáveis aleatórias. Assim, variáveis independentes têm variância zero. A covariância é por vezes chamada de medida de dependência linear entre duas variáveis aleatórias. O coeficiente de correlação linear é o conceito que mede o grau dessa dependência, variando entre 1 e -1, indicando o sentido e a intensidade da dependência.

Aqui a importância reside nos detalhes. Quando se fala em dependência linear, não significa necessariamente que há uma causação real entre as variáveis. Significa dizer apenas que na presença de uma variável a outra também estará, se a correlação for positiva. Se ela for negativa, a presença de uma variável implicará a ausência da outras. Dois conceitos se mostram importantes para a compreensão: (a) o de superfícies estatísticas e (b) o de complexos-de-elementos.

O primeiro (a) significa basicamente transformar o espaço em uma matriz lugar-atributo, uma malha cartesiana, ou seja, para cada ponto do espaço haverá um dado valor numérico que lhe representará as qualidades (afinal, para Hartshorne ciência é o que pode ser medido, direta ou indiretamente), se tivermos uma variável, teremos um valor para cada ponto, se tivermos duas variáveis teremos dois valores (como se tivéssemos um banco de dados para cada ponto do espaço [regional] – e outro banco de dados para cada variável ao longo de toda a superfície da terra [sistemático]), e assim sucessivamente, para cada nova variável mais um dado (a cada nova variável incluída no complexo as interações possíveis crescem em progressão geométrica, como nota o matemático Hartshorne valendo-se de um raciocínio de análise combinatória). O espaço perde a sua existência real e seus caracteres são transformados em dados estatísticos. Os elementos do espaço passam a levitar.

O segundo conceito (b) é um grupo de variáveis que possui forte inter-relação entre si. Se temos uma variável apenas, temos uma variável simples. Se temos duas ou mais variáveis inter-relacionadas, temos um complexo-de-elementos. Hartshorne faz a opção por esse conceito para reduzir a complexidade do mundo a um conjunto menor de variáveis. E a cada agregado novo de variáveis analisado iremos acumulando conhecimento sobre o mundo. O complexo-de-elementos é um atalho para chegar mais rápido às sugestões de hipóteses, porque se as variáveis que compõem o mesmo complexo-de-elementos têm alta correlação (dependência) entre si, então, se em algum ponto da superfície terrestre essa dependência não se apresentar, surgirá um questionamento na cabeça do pesquisador: porque esta área especificamente fugiu ao padrão? Além de ela já ser delimitada como uma área singular (esse o maior objetivo da geografia para Hartshorne) ela vai servir como caso para o pesquisador sugerir uma hipótese de conexão causal, afirmando por exemplo que, ao se analisar a distribuição da população ao longo do planeta verificou-se que à medida que aumentávamos a latitude, a presença de população diminuía (já se sabia que a causa era a diminuição de temperaturas em direção aos pólos); contudo, uma área específica de baixa latitude apareceu no mapa sem a presença de população, embora no seu entorno estivesse uma concentração de população significativa. Isso já mostraria ao pesquisador que a sua lei científica ou regra possuía exceção. Como solucionar o problema? Como fazer uma lei melhor? Teríamos duas opções: partir para campo ou a solução mais rápida e menos custosa era sacar outra variável do banco de dados e cruzá-la com a distribuição da população. Substituindo a latitude pela altitude, por exemplo, concluiríamos que à medida que aumentamos a altitude também diminui a presença de população. Ou seja, o geógrafo sugeriria que a regra poderia comportar uma exceção. Mas a quem caberia comprovar tal hipótese? O cientista da ciência sistemática correspondente ao campo especializado da geografia sistemática em questão. Se estamos tratando de distribuição de organismos sobre a superfície do planeta,

causais, as quais poderão ser demonstradas através de estudos de relações de processos. Por conseguinte, esse “critério sistemático” permite a elaboração de conceitos genéricos e de princípios ou leis de caráter geral.

O que Hartshorne quer dizer com isso está explícito na extensa nota de rodapé número 69 e mostra o que Hartshorne fez com a disciplina na nossa compreensão,

---

caberia então ao biólogo investigar o caso. Ele acabaria concluindo que em função da redução da temperatura (uma variável de causação – de conexões causais) os organismos passam a sofrer desconforto térmico e por isso não podem se estabelecer nem em altas latitudes nem em altas altitudes. Eis a função do geógrafo, um técnico que sugere hipóteses aos verdadeiros cientistas, lembrando sempre que os limites dos achados dos campos especializados da geografia sistemática estão confinados à capacidade de formulação das respectivas ciências sistemáticas (por exemplo, o que se acha na geografia econômica, necessariamente está dentro dos limites dos achados da economia, já que a geografia, por não trabalhar com a noção de causação temporal ou determinação, mas apenas causação linear representada pela covariância de variáveis, não poderá falar em processos em causas... sendo estas – encontrar as causas – o objetivo da verdadeira ciência formuladora de leis). Daqui, tira-se duas outras questões fundamentais para o pensamento de Hartshorne que trataremos no texto para evitar interromper a sequência desta nota. Por ora, eis seus nomes: o “geógrafo ideal” e a sua “concepção de história”.

A diferenciação de áreas que resultasse da repetição desse procedimento várias vezes e com diferentes complexos-de-elementos permitiria que nos aproximássemos gradativamente da estrutura total da área (outro conceito importante em Hartshorne), apresentada pelos diferentes estudos sistemáticos (cruzamento de variáveis independentes ou análise da distribuição de complexos-de-elementos). Evidentemente, essa estrutura total da área seria apenas um raio-x, como todo raio-x, apenas momentâneo, **de onde se infere que a área de Hartshorne é um produto altamente perecível, de uso curto, ou seja: conjuntural, para o agora. Daí sua abordagem ser também estruturalista e altamente útil aos diagnósticos do planejamento.** A geografia está despida de temporalidade histórica, sai do tempo lento da evolução da paisagem para a velocidade dos diagnósticos de conjuntura com base na correlação de variáveis. A velocidade do tempo do capital. Hartshorne retira a densidade do espaço, o espaço “saturado” de tempo, produzido pelo tempo. O que se vê por baixo do agora derretido véu da história é um conjunto de vértices e arestas, apenas a sua carcaça. Área, carcaça do tempo do capital! Assim como a economia política não trata de indivíduos históricos reais, e sim do indivíduo médio, aquele que na vida real não existe (usando a média como medida de tendência central predileta, pois lhe permite encobrir as desigualdades reais e universalizar tendenciosamente o que é contingente no tempo e no espaço), a Geografia em Hartshorne trata de um espaço médio, pois não custa lembrar que a regionalização para Hartshorne sempre se trata de uma distorção da realidade. Hartshorne parece querer tentar se livrar desse problema afirmando em 1959 que não há um dualismo integrado entre Regional e Sistemática, como ele havia sugerido no *The Nature* em 1939, mas sim um *continuum* entre os dois métodos e é da fertilização cruzada entre eles, ou da alternância de pontos de vista que se obtém um resultado mais satisfatório, mais rico. Apesar do seu esforço, isso não tira o caráter irreal – porque distorce a realidade, procedimento normal da ciência segundo ele – da sua regionalização. Apenas a perspectiva escalar radical está em constante movimento dialético em busca das mediações reais. Eis uma das armas da crítica.

Aquele foi um exemplo didático (sobre distribuição da população em função da temperatura e altitude), mas quando Hartshorne fala em estudos de relações de processos, ele tem em mente o mesmo procedimento descrito acima, mas realizado agora com variáveis realmente assemelhadas entre si, que tenham possivelmente a dependência a um fator comum, como uma atividade de mineração, junto de fundição e outros aspectos associados (como as moradias dos trabalhadores, por exemplo), estando todas na dependência comum da existência de uma jazida, que pode ser de cobre, ouro, etc. Nesse caso, a presença da jazida seria um fator dominante comum. Contudo, ele reconhece que é muito mais difícil encontrar tipos funcionalmente significantes (abordagem funcionalista) nos fenômenos de origem humana do que nos fenômenos de origem natural.

O procedimento hartshorniano permanece vivo em qualquer curso básico de estatística. As formulações de Hartshorne mostram a angústia de um geógrafo em querer se tornar útil à sociedade burguesa com autonomia científica frente aos colegas de outras disciplinas. Seu procedimento está mais vivo do que se imagina, embora comumente se pense que a geografia que se pratica está dentro das universidades. As citações mais adiante mostrarão que é esse o objetivo, consciente ou inconsciente, de Hartshorne.



rebaixou o seu status a uma técnica, na contramão do que afirmou Milton Santos ser a geografia uma “filosofia das técnicas”<sup>102</sup>. Uma técnica a serviço das ciências sistemáticas e a serviço dos interesses do Estado e das suas funções vitais: reconhecimento, planejamento e ordenamento do território; como parece ter sido o seu papel no Escritório de Serviços Estratégicos (OSS) durante a Segunda Guerra, embora o seu objetivo com a escrita do seu tratado fosse justamente o contrário – dotar a geografia de autonomia científica. cremos que a demonstração faz ruir todo o seu edifício de dicotomias.

No esquema hartshorniano a geografia está presa em uma densa grelha conceitual, em um xadrez, prestes a sofrer um xeque-mate. Mas aqui, a sua prisão é, ao mesmo tempo, a sua liberdade no reino da instrumentalidade da ciência a serviço do capital. E isso foi louvado na geografia como a suposta resolução das controvérsias e como a definição do seu campo de estudos próprio. Sob a tutela da economia política, do funcionalismo estrutural, do historicismo e do cálculo<sup>103</sup>, a geografia estava livre para ser usada na análise de informações no OSS, e nos planos regionais de desenvolvimento.

Outras características que Hartshorne segue apontando para a geografia, decorrentes do xadrez conceitual apresentado no seu diagrama (Figura 04), são as seguintes:

- (A) Os graus de alcance dos ideais da ciência (formulação de princípios e universais) são critérios justificadores das divisões especiais da geografia;
- (B) As grandes diferenças nas características interiores da Geografia são fundadas entre os dois maiores métodos de organização do conhecimento geográfico: geografia sistemática e geografia regional; cada um do qual incluindo apropriadas partes dos campos especiais da geografia (então enquanto a

---

<sup>102</sup> SANTOS, Milton. *O espaço geográfico como categoria filosófica*. In: *O Espaço em Questão*. Terra Livre, nº 5. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1988, p. 10 (9-20).

<sup>103</sup> Hartshorne reserva 3 páginas do *The Nature* para tentar mostrar em que consiste a Geografia Regional a partir da teoria do cálculo integral, desenvolvida pelo famoso matemático Leibniz. 20 anos depois, no *“Propósitos e Natureza da Geografia”*, ele utiliza um diagrama para demonstrar a complexidade da Geografia.

geografia sistemática ficaria com a economia a geografia regional ficaria com a economia na sua expressão regional, a economia regional, por exemplo).

(C) A Geografia Sistemática teria sua forma descritiva é similar àquela das Ciências Sistemáticas. Como elas, procura estabelecer Conceitos Genéricos do fenômeno estudado e Princípios Universais das suas relações (mas apenas em termos de diferenciação areal). Não mais do que nas Ciências Sistemáticas, contudo, pode a Geografia Sistemática esperar expressar todo seu conhecimento em termos de Universais; muito deve ser expressado e estudado como único. Como cada Ciência Sistemática possui um grau diferente em que atinge os ideais da ciência, esses graus impõem os limites dentro dos quais os Campos Especiais da Geografia abordados sob o Ponto de Vista Sistemático podem alcançar Conceitos Genéricos e Princípios Universais. Como corolário, estudantes de outras ciências sistemáticas estarão em casa em algum ramo da geografia;

(D) Conceitos e Princípios Universais são mais fáceis de desenvolver na Geografia Sistemática, não havendo limitações lógicas para tal. Já na Geografia Regional isso não acontece.

### ***Afastamento da Geografia das Ciências Sociais e o Geógrafo Ideal***

Quando se acusa ou se elogia então Hartshorne por ter “afastado” a geografia das ciências sociais, apenas se está olhando para o aspecto fenomênico dessa separação, apenas para o seu aspecto formal. Segundo Neil Smith, em “*Desenvolvimento Desigual: Natureza, Capital e a Produção do Espaço*”, “... à proporção que a concentração do capital facilita o aumento da divisão do trabalho, o capital deve também encontrar meios de reunir o que está sempre sendo dividido. E, como sempre, o capital transforma a necessidade em vantagem” (p. 177). Certamente isento a esse processo não esteve a intervenção cirúrgica que Hartshorne fez na geografia levado pelo afã da definição do “campo” da Geografia. A não ser que não se considere o trabalho intelectual uma forma de trabalho.

Presa à superestrutura científica elaborada por Hartshorne (o xadrez), a geografia não parece ter sido afastada das ciências sociais. Onde Barnes vê ironia ao Hartshorne – que supostamente teria afastado a Geografia das Ciências Sociais – assumir a presidência de um comitê de pesquisa no OSS, vemos nada mais do que um desenrolar lógico de uma elaboração filosófica que apenas formalmente isolou a geografia como campo disciplinar, pois, se sua fonte de princípios e universais (a geografia sistemática) estava presa aos limites das disciplinas alheias, a sua autonomia não poderia estar na formulação de princípios e universais próprios; deveria estar, sim, no cruzamento de informações e identificação de especificidades da associação de elementos numa determinada área a fim de indicar problemas a serem solucionados pelas ciências sistemáticas. À luz do que foi a Geografia de William Morris Davis, a grande hegemonia anterior à hegemonia de Hartshorne, a proposta hartshorniana aproximou a geografia das ciências sociais mais do que nunca em um sentido pragmático e funcional. Prova disso são os papéis desempenhados por Hartshorne durante a Guerra, como já expusemos nos capítulos anteriores. Ambas as disciplinas que se supunha estarem separadas estavam operando em um processo comum de valorização. Nesse sentido, a reivindicação de autonomia disciplinar formal atendia melhor aos interesses do capital.

Contudo, Hartshorne tinha em mente que o ideal era mesmo que o geógrafo pudesse ser versado nos mais distintos campos do saber, de forma a reduzir a sua dependência primária dos cientistas das ciências sistemáticas. E é daí que decorre a elaboração de uma espécie de “tipo ideal”<sup>104</sup> de geógrafo. Ele deve ser versado na politecnia burguesa, na forma de letramento interdisciplinar, a fim de superar todas as limitações postas pela posição da geografia entre as ciências definida por Hartshorne. Definia-se o que deveria ser o estudante de geografia à sua luz e à sua imagem, um politécnico burguês por excelência.

O geógrafo ideal, conhecendo bem os diversos campos científicos sociais, poderia finalmente dar o sentido e o discernimento de decidir que variáveis cruzar e que limite dar às fronteiras, que problemas teriam maior significância para a explicação quando se tratasse de um problema econômico ou sociológico, coisa que o treino

---

<sup>104</sup> Recurso analítico atribuído a Max Weber, historicista alemão de influência neokantiana, cujos textos não sabemos se Hartshorne chegou a conhecer. Aqui vale também a ressalva feita na página 46 deste texto.

exclusivamente em geografia não permite<sup>105</sup>, já que ele é composto basicamente pelo aprendizado de técnicas, como atesta o texto intitulado “*Lições da experiência de Guerra para melhorar a formação de Pós-Graduação em Pesquisa Geográfica*” (1946), texto no qual Hartshorne e outros geógrafos – à luz da sua experiência de trabalho na Guerra – ratificam e corrigem alguns pontos do que a geografia deveria ser, sugerindo, entre outras coisas, que o treinamento dos geógrafos deveria ser incrementado em questões como interpretação de fotografias aéreas, cartografia, técnicas de mapeamento, etc.

Outra questão que parece ser ainda corolário da posição dada à geografia por Hartshorne é a separação entre o leigo e o cientista em um *continuum* e não em saltos qualitativos, o que parece apropriado para um aprendiz de técnicas. Quando não se tem um “corpus de problemas próprios”, como se supõe ser nas ciências sistemáticas, resta apenas ao veterano, como Hartshorne, dar conselhos ao amador – “como deve ser em todos os outros campos da vida”, para usar uma expressão do próprio – para ele garantir tanto conhecimento e treino dos profissionais como for possível para ele.

Parece-nos que isso deixa uma margem de subjetividade para o estudante de geografia, na forma de um transcendentalismo moral ou ético, o que mostra a fragilidade de uma técnica que ele quer alçar ao nível de ciência. Mas talvez até isso esteja em consonância com suas raízes neokantianas, dado que, como nota Mostafa (1986, p. 184) “O neokantismo reivindica novamente o sujeito para fazer as ciências, reconhecendo na ciência apenas uma das instâncias intelectuais dos homens, o que permite ao neokantismo tematizar também a estética e a moral”.

### *De volta aos Complexos-de-Elementos*

Hartshorne afirma que:

**“os complexos constituídos pela vegetação foram destruídos ou alterados, em grande parte do mundo, pela ação do homem diante da vegetação natural. Tais complexos-de-elementos, recriados pelos geógrafos, são produtos teóricos e não correspondem à realidade. Em seu lugar, porém, o homem instituiu uma variedade muito maior de complexos-de-elementos, quer em níveis elementares, quer em níveis mais elevados e**

---

<sup>105</sup> Se os estudantes de outras ciências sistemáticas estarão em casa em algum ramo da geografia sistemática, caberia também formar geógrafos ideais que de algum modo pudessem se sentir em casa em algumas ciências sistemáticas. O texto “*Lições da Guerra*” (1946), além de sugerir o reforço do treinamento de geógrafos em técnicas “geográficas”, sugere a sua aproximação dos estudantes das ciências sistemáticas como forma de superar as limitações autoimpostas à geografia por Hartshorne.

**complicados**". Muitos deles incluem integrações não muito estreitas, constituídas de elementos orgânicos e inorgânicos, ao lado de elementos sociais. Desse modo, no mapeamento de complexos "naturais" dos elementos inorgânicos para a "Naturräume" (espaço natural) da Alemanha, a integração é determinada pela "utilidade" ("Nutzbarkeit"). Entretanto, ainda mesmo que se possa presumir a cultura como uma constante, na Alemanha, esse padrão certamente há de variar em relação aos mercados urbanos. Os complexos-de-elementos que o homem cria com elementos inorgânicos e orgânicos poderão ser independentes dos que foram estabelecidos antes do homem surgir em cena. Desse modo, **no interior do Norte dos Estados Unidos, os complexos-de-elementos representados pelas fazendas do "Cinturão do Milho" – uma integração do tipo de propriedade da terra, dos campos, celeiros, agricultura mecanizada e uma combinação peculiar de lavoura e criação de gado** – estendem-se, com diferenças relativamente sem importância, através de antigas florestas e campinas, mas em estreita relação com outras condições, de solo, relevo e clima. **O homem também instituiu complexos de elementos diretamente com aspectos inorgânicos da terra, sem valer-se de aspectos orgânicos, como na estreita e absoluta integração unidirecional entre as minas e as jazidas minerais...."** (Hartshorne, 1959, p. 132-133).

Mais adiante vai falar que a estabilidade dos complexos-de-elementos inorgânicos é maior do que aqueles que incluem elementos orgânicos, que por sua vez são mais estáveis do que aqueles nos quais o homem é um dos elementos. Enquanto os primeiros são examinados pelas Ciências Físicas e os segundos pelas Biológicas, os terceiros têm que lidar com a incerteza maior das generalizações que concernem ao homem e à sociedade.

Na sequência, afirma que "No transcurso dos últimos milhares de anos, o homem, agindo em sociedade... tem sido a maior energia física capaz de criar complexos-de-elementos em vastas extensões da terra" (ibid, p. 133). Duas coisas importantes a observar que é Hartshorne trabalha com o conceito de homem e não de classe social e que, como resultante da sua postura filosófica, desde sempre o mundo assistiu à formação dos mesmos complexos-de-elementos, parecendo não notar a diferença que existe entre o dualismo econômico entre as regiões pós e pré revolução industrial, como se a divisão da geografia em regional e sistemática, de Heródoto a Hettner guardasse uma mesma substância social.

Hartshorne parece buscar, ao mesmo tempo: livrar-se do determinismo ambiental e de um "determinismo" materialista, além de não reduzir o campo de estudos da geografia à interferência do homem sobre a sua morada, a superfície da Terra (não reduzir a geografia à produção do espaço pelo homem). Contudo como ele próprio reconhece no trecho citado acima: "No transcurso dos últimos milhares de anos, o homem, agindo em sociedade... tem sido a maior energia física capaz de criar

complexos-de-elementos em vastas extensões da terra”. De onde se infere que cada vez mais os complexos-de-elementos de Hartshorne tenham que se referir à organização do território para fins de produção e reprodução das relações sociais dadas (ou melhor: às “regiões culturo-geográficas” - em termos de unidades de uso da terra, como nota Neil Smiht, 1989), o que fica claro com os exemplos de complexos de elementos que ele nos dá, especialmente a menção à forma de organização do território americano.

O fato é que, quando Hartshorne fala dos seus complexos-de-elementos, embora ele esteja querendo se livrar das regiões funcionais, que denotam um tipo mais específico de atividade econômica, ele acaba apenas se livrando do conjunto de atividades e relações específicas que ela representa, mas por outro lado incorpora na sua leitura conjuntos de atividades e relações mais abrangentes, a saber: as relações sociais produtivas impregnadas na paisagem do território norte-americano.

O problema em que se encontra é cada vez mais complicado de sair. Embora ele afirme que:

“Existem, porém, certas limitações importantes na utilização dos complexos-de-elementos de origem humana. Uma delas **resulta da individualidade dos homens**: o fazendeiro, por exemplo, poderá decidir-se por combinar os mesmos elementos num arranjo diferente do que escolheram os seus vizinhos. **Se isso reflete o livre arbítrio** ou algum trauma infantil, **trata-se de problema situado além da nossa capacidade de investigação** (Hartshorne, 1959, p. 133-134).

Ele nota mais adiante que:

“Todavia, quando presumimos que a pluralidade de fazendeiros pode ser considerada como um controle único, isso só será verdadeiro na medida em que todos agirem dentro de um sistema socioeconômico comum. Por conseguinte, devemos esperar uma diferente estrutura de complexos-de-elementos em cada área principal de cultura” (idem, p. 134).

Aqui, a pluralidade de fazendeiros (que é a personificação da pluralidade de capitais individuais no sistema capitalista) agirá em conjunto ou “controle único” no sentido de que, atuando dentro de um “sistema socioeconômico comum”, certamente irão ordenar o território de forma semelhante a fim de possivelmente obter os melhores resultados. Isso nos parece ser a regra de ouro da igualação induzida pela concorrência capitalista.

Nesse sentido, é legítimo afirmar que o que Hartshorne tem em mente ao falar de complexos-de-elementos de origem humana é uma forma específica de ordenamento territorial voltado ao seu uso produtivo, que evidentemente podem variar ao longo do tempo em função de mudanças nas forças que ele identifica como capazes de alterar essas condições, são elas: “tecnologia, cultura e economia”. E a organização do território dos EUA exerceu grande influência nessa sua organização, haja vista suas menções ao “cinturão do milho”, entre outras.

O mecanismo do complexo-de-elementos, além de fazer a mediação no continuum entre geografia sistemática e geografia regional, tinha o mérito de livrar Hartshorne dos dois determinismos, e ainda que a crescente atividade de produção do espaço estivesse à frente dos seus olhos, ele preferia acreditar que

“A conclusão prática a que devemos chegar é a seguinte: quer pelo fato de que um certo grau de livre arbítrio é uma realidade, ou quer pela circunstância de que jamais poderemos esperar conhecer de maneira completa os fatores e processos que determinam as decisões humanas individuais, sempre há de permanecer uma área oculta em qualquer estudo do campo das ciências sociais, que não poderá ser explicada por leis científicas. **A explanação de qualquer problema em Geografia Humana, com o emprego de princípios científicos, deixará de completar-se no ponto em que for necessário interpretar as motivações e as resultantes decisões de pessoas individualmente.** Um grande número de fenômenos que são importantes para o homem nunca serão cabalmente explicados em termos de causas antecedentes, porque certos fatores essenciais inevitavelmente escapam ao nosso conhecimento. Até mesmo no campo da Geografia Física, essa conclusão é pertinente quanto aos fenômenos em parte produzidos pela ação do homem”. (Hartshorne, 1959, p. 165)

Eis a maneira de Hartshorne de fugir das causas, das leis, dos processos e, portanto, de separar o espaço do tempo, colocando a Geografia em um campo disciplinar em isolamento face à história.

### ***Para uma concepção de Geografia, uma concepção de História***

Fica mais que evidente então haver para a concepção de geografia de Hartshorne uma concepção correlata de história, a sua “contraparte”.

É certo que o neokantismo na Alemanha fez os seus historicistas, a exemplo de Weber, Dilthey e Simmel, cujo pronto em comum é recuperar a especificidade das ciências do espírito fazendo a “crítica da razão histórica” – Kant havia feito a “crítica da razão pura”, como nota Mostafa (1986, p. 184). Está claro também que Karl Popper

fazia críticas até mais ácidas. Mas cabe investigar se há algo de específico na concepção de história de Hartshorne, talvez em função do acoplamento lógico que ele deseja fazer da história à geografia. Motivo pelo qual veremos com reservas, até compreendermos melhor, o historicismo que Neil Smith (1989) atribui a Hartshorne, já que a sucessão de obras de arte no seu museu privado da geografia não parece ser uma sucessão de fenômenos, mas achados independentes aqui e acolá, que supõem sempre ter havido uma mesma geografia ao longo de toda a história da civilização – com seus dois métodos interligados – e não haver mesmo uma comunicação, não sem muitas dificuldades, entre os períodos históricos. Suas citações a esse respeito são controversas, como se vê a seguir:

**“Existe uma mútua e universal relação entre a geografia e a história. A interpretação dos recursos presentes da geografia requer algum conhecimento no seu desenvolvimento histórico; nesse caso a história é o meio para um fim geográfico. Igualmente a interpretação dos eventos históricos requer algum conhecimento do seu fundo geográfico. Nesse caso a geografia é um meio para um fim histórico. E as combinações de pontos de vista diferentes é possível se maior ênfase é clara e continuamente mantida em um dos pontos de vista. Combiná-los coordenadamente envolve dificuldades que, ainda pelo menos, parecem estar além das limitações do pensamento humano”** (Hartshorne, 1939, p. 463(639)).

Outras três passagens do *The Nature* falam em uma “história sistemática”:

Teoricamente pode-se construir um número ilimitado de geografias históricas separadas de qualquer região, e se estas podem ser comparadas em sequência rápida, teríamos um filme da geografia de uma área desde os tempos mais antigos até o presente. **Na prática, no entanto, isso é totalmente impossível - daí realmente a separação de história e geografia.** Podemos comparar um número relativamente pequeno de seções transversais da geografia regional de períodos passados, ou podemos seguir o processo detalhado de desenvolvimento de determinadas características individuais. Mas **o estudo do desenvolvimento de qualquer característica particular** é uma parte do estudo sistemático daquele tipo de fenômeno; dependendo do ponto de vista segundo o qual o processo é estudado, **ou é um estudo sistemático na ciência referente àquele tipo de fenômeno, ou ele é um estudo em história sistemática.** (ibid, 188(364))

Em geral, **os problemas que devem ser tratados em estudos sistemáticos da história são muito complexos e envolvem fatores muito difíceis de observar e medir, a fim de permitir o desenvolvimento de conceitos genéricos e princípios semelhantes aos desenvolvidos em geografia sistemática.** Há, com certeza, **alguns estudantes de história - principalmente os não - historiadores - que assumem que é possível desenvolver leis científicas** sobre a ascensão e queda de Estados, as causas das revoluções, ou o desenvolvimento de movimentos sociais em particular, mas a suas teses são mais marcadas pelo ardor com que eles avançam do que pelas evidências que trazem para apoiá-las. A maioria dos historiadores **profissionais** são céticos em relação à possibilidade de desenvolvimento de uma história sistemática na qual os fenômenos



**importantes na história podem ser classificados em conceitos genéricos que levam a princípios.** A crença bastante ingênua de alguns geógrafos de que a geografia pode prover/suprir essa deficiência na história não tem, ainda pelo menos, sido fundamentada. **Este contraste, portanto, entre história e geografia decorre do fato de que as inter-relações dos fenômenos que variam principalmente em tempos históricos são muito mais complexas do que as inter-relações dos fenômenos que variam principalmente na superfície da Terra.** Isto não afeta **a natureza lógica comum dos dois campos**, como ciências que tentam integrar os fenômenos como eles são encontrados na realidade. (ibid, 412-13(588-589))

**A geografia sistemática é, portanto, muito mais capaz de desenvolver universais do que é a "história sistemática".** No entanto, o grau de integridade, precisão e certeza, tanto dos princípios estabelecidos e dos fatos conhecidos em relação a qualquer situação particular, raramente permitem previsões definitivas em geografia. Essa característica, a geografia não compartilha apenas com a história, mas também com muitas outras ciências, naturais e sociais. (ibid, p. 467(643))

A leitura das quatro passagens deixa-nos muito mais inclinados a concluir que os períodos da história são estanques entre si, quase sem haver comunicação entre passado, presente e futuro. Hartshorne desqualifica a formulação de “leis históricas” ao já se referir aos seus defensores como não historiadores, cujas teses são marcadas por “ardor”, ao invés da suposta cientificidade dos fatos apresentados pelos historiadores profissionais. De tão complexo que é o passado e que são os períodos históricos em geral, compreender “o passado como ele foi” já é difícil, imagine fazer relações de um período a outro. Coordenar geografia e história então... ainda está além das limitações do pensamento humano.

Contudo, na sua prática como suposto “geógrafo”, aqui e ali, ele deixou escapar que o mundo é diferente do que deixou por escrito.

***Uma geografia para o Poder: Estado e Planejamento, fazendo um Futuro... que até há pouco não podia ser feito***

Neste caso, não vamos ao encontro do mundo de modo doutrinário como um novo princípio: “Aqui está a verdade, todos de joelhos!” Desenvolvemos novos princípios para o mundo a partir dos princípios do mundo. Não dizemos a ele: “Deixa de lado essas tuas batalhas, pois é tudo bobagem; nós é que proferimos o verdadeiro mote para a luta”. **Nós apenas lhe mostramos o porquê de ele estar lutando**, e a consciência é algo de que ele *terá de* apropriar-se, mesmo que não queira... **despertando-o do sonho sobre si mesmo... Para que a humanidade consiga o perdão dos seus pecados, ela só precisa declarar que eles são o que são.**

Da concepção de história de Richard Hartshorne se infere que ligar passado, presente e futuro é quase uma ação impossível, razão pela qual devemos nos contentar em compreender as suas parcelas estanques de tempo, sem estabelecer qualquer relação entre elas. A sua prática mostra uma outra história. Se as citações adiante seguissem sozinhas, sem a nossa interferência, elas por si só resumiriam todo o esforço feito até aqui em uma página.

**“O tipo de atividade de pesquisa em que o contraste teórico entre os dois critérios [regional e sistemático] possui a maior importância na prática, é o que se refere aos órgãos de governo nos quais os pesquisadores trabalham em grupos organizados, visando a proporcionar informações concernentes a condições que se observam através do mundo inteiro. Alguns, insistem em que esse trabalho deve ser organizado em termos de problemas econômicos, psicológicos, políticos e estratégicos, considerando-se o caráter secundário da localização; ao passo que outros não se mostram menos convencidos de que a única base nacional consiste numa divisão conforme o critério das áreas principais e dos países, a fim de obter-se um quadro integrado de todos esses elementos como de fato existem em cada área. Colhido em meio a uma controvérsia dessa natureza durante o tempo em que prestei serviço militar em Washington [no Escritório de Serviços Estratégicos durante a Segunda Guerra Mundial], surpreendeu-me perceber que minhas análises, de caráter altamente acadêmico, acerca desse problema teórico, possuíam importantes aplicações práticas. Isso não significa que eu pudesse com elas obter a solução definitiva para o problema concreto com que se defrontava a repartição governamental, mas logrei persuadir meus colegas em desacordo, que ambos os lados tinham razão e que ambos incidiam em erro, não havendo uma simples solução lógica para o problema. O que se precisava era de uma organização dividida regionalmente em determinado nível, e topicamente em diferentes níveis, a fim de facilitar a combinação dos dois critérios, em vários graus, conforme fosse necessário em cada estudo particular”.** (1959, p. 151-52)

O primeiro ponto que parece relevante notar é o que estivemos tentando desmistificar ao longo de todo o texto: o de que seria possível uma reflexão altamente acadêmica no sentido de que ela se refira a fatos científicos enquanto a esfera dos valores e das posições políticas permaneçam em outro mundo afastado, de onde se supõe haver isenção das análises altamente acadêmicas. Por outro lado, afirmar um projeto político a priori não é e nem foi o nosso objetivo. Na verdade as formas de sociabilidade do sistema do capital põe-se todos os dias aos nossos olhos, assim como o sol nasce e se põe. Se Hartshorne era mais um dos que não tinham consciência das implicações da sua abordagem “metodológica”, talvez os 60.000.000 milhões de mortos

---

<sup>106</sup> In. MARX, Karl. *Sobre a Questão Judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 72-3.

durante a Guerra tivessem o despertado do seu sonho da cientificidade. O caráter consultor e funcional da sua abordagem é indiscutível.

Não bastasse o sucesso do seu *The Nature*, durante a Guerra, uma legião de geógrafos trabalhou sob o seu comando no OSS, o que fez reforçar ainda mais a sua eminência na geografia americana, ainda mais quando se sabe das suas habilidades diplomáticas, tendo sido o responsável por reconciliar – após anos de dissidência – a Associação dos Geógrafos Americano e a Associação dos Geógrafos Profissionais dos Estados Unidos, separadas em função da Guerra.

**“Para elevar esse pensamento ao nível do conhecimento científico é necessário estabelecer conceitos genéricos que possam ser aplicados com o máximo grau de objetividade e exatidão, bem como determinar correlações de fenômenos<sup>107</sup> com o máximo grau de certeza. As duas finalidades podem ser alcançadas da melhor maneira, se os fenômenos puderem ser descritos plena e corretamente mediante mensurações quantitativas, e estas submetidas a comparações estatísticas mediante o emprego da Lógica Matemática (sic). Tendo em vista esses princípios gerais, aplicáveis em grau variável através de todos os campos da Ciência, não parece demasiado otimismo prever um progresso capital da Geografia mediante a aplicação dos métodos estatísticos no estudo das correlações. Os métodos estatísticos têm sido sem dúvida empregados há muito tempo na descrição das condições climáticas, da produção agrícola e pecuária, bem como do comércio, mas tais empregos não promoveram o progresso da Geografia, enquanto tais métodos se limitaram a categorias isoladas de fenômenos, sem serem aplicados ao estudo das **inter-relações de fenômenos** diferentes. Todavia, no decurso da última década, aproximadamente, inúmeros geógrafos enfrentaram o problema de aplicar **métodos estatísticos de correlação ao estudo das inter-relações**, com resultados que oferecem grandes possibilidades de reforçar a qualidade científica dos trabalhos geográficos... **cumprir chamar a atenção especialmente para determinada linha de progresso**. Na maior parte dos outros campos, os métodos estatísticos podem ser satisfatoriamente empregados numa dimensão linear, baseada na variação através do tempo [aqui ele se refere exatamente a séries históricas estatísticas, que é diferente a correlação linear de variáveis]; mas em Geografia estamos fundamentalmente interessados em variações espaciais, que importam **numa base dotada de duas dimensões** [comprimento e largura = Geometria Euclidiana]. Essa **dificuldade parece que é vencida mediante o emprego do conceito de ‘superfícies estatísticas’** [matriz lugar atributo], **e dos métodos específicos concebidos para reduzir as medidas de tais superfícies a cálculos feitos numa única linha...** Os estudos estatísticos da covariância, no campo da Geografia, têm-se limitado, pelo menos até agora, à primeira etapa de integração, a relação entre duas variáveis”. (1959, p. 170-172)**

---

<sup>107</sup> Correlação não se trata apenas da sobreposição de shapes, como em Vidal de La Blache. Certamente, no período em que viveu a França não estava desmanchando no ar como os EUA de Hartshorne, a estatística não tinha desenvolvido grande parte das suas técnicas de correlação de variáveis e nem Vidal tinha formação em matemática.

Talvez Theodor Adorno e Max Horkheimer estejam certos, em afirmar que tudo é transformado em número e os números são transformados em discurso, que, sob máscara acadêmica da cientificidade, cresce assustadoramente em força<sup>108</sup>. Sob a aparência de uma filosofia altamente complexa e mediada se esconde um instrumento de modelagem do mundo em números. Ainda quando não utilizando-os, a exposição verbal de Hartshorne é sistematizada no nível de um modelo matemático, assim como o era a linguagem do pai dos modelos na economia política, David Ricardo. Não possuir altas habilidades matemáticas nunca foi um problema para Ricardo expressar os seus modelos verbalmente. Hartshorne possuía as duas habilidades.

Sua prática subvertia a sua concepção de história. Ao pensar o lugar da previsão em Geografia, Hartshorne afirmava:

“Com base nos conhecimentos interpretativos obtidos mediante a aplicação dos princípios de relações estabelecidas pelos estudos genéricos [sistemáticos], ou propostos como hipóteses a partir de estudos genéticos ou comparativos, **os geógrafos podem esperar oferecer conselhos, tanto quanto informações, pertinentes ao planejamento do futuro.** Não resta dúvida, conforme observou Bowman, que ‘deverão ter a capacidade de tirar **conclusões que limitem a amplitude dos possíveis resultados** [da incerteza do futuro]. Poderão ser capazes de **proporcionar maior certeza da continuidade de tendências,** em vez de simplesmente afirmar que existem tendências’. Em inúmeros casos poderão igualmente os geógrafos dispor de suficientes conhecimentos das relações em causa, que lhes permitam **‘predições’ um tanto mais positivas...** Por outro lado, **o geógrafo é um membro responsável da sociedade** e, como tal, **tem obrigação de fazer com que seus conhecimentos sejam úteis a ela.** Na medida em que seus conhecimentos profissionais o habilitem a fazer predições de maior validade do que as de pessoas que careçam desses conhecimentos, deverá estar sempre pronto a fazê-las” (1959, 174-176).

Parece que a serviço do planejamento estatal capitalista a história deve deixar de ser um produto do simples ardor de historiadores não profissionais para se tornar obra de geógrafos planejadores dotados de previsões científicas a serviço do planejamento. A cidadania do geógrafo se mede pela sua contribuição ao projeto de reprodução da sociedade que se introjecta na mente de Hartshorne. Nem Thorstein Veblen nem John Maynard Keynes – contemporâneos de Hartshorne, ao elaborarem suas teorias, pretendiam, com a redução das incertezas do futuro, fazer um mundo igualitário. Ao contrário, não obstante seus discursos, viam no planejamento um instrumento da redução da incerteza, uma forma de sinalizar para o capital como caminhar de forma a

---

<sup>108</sup> Em seus textos Roy Weintraub e Jude Klein mostram como a economia e a matemática se envolveram com a máquina de guerra para modelar o mundo em números e tornar a economia uma ciência matemática.

manter os seus ganhos em alta. Não é demais lembrar a sinceridade com que Keynes disse, como notaram Mészáros<sup>109</sup> (2012 (1989), p. 11) e Coggiola<sup>110</sup>: “pode parecer que me motiva o que é justo, mas a guerra de classes me encontrará do lado da burguesia branca e educada”.

Além de todo o instrumental técnico e das recomendações éticas e morais, Hartshorne tinha nas mãos o produto perecível necessário ao planejamento da conjuntura<sup>111</sup>:

“Ante o fato de serem os resultados [da Geografia Regional] muito menos exatos do que os obtidos pelos estudos tópicos, **a visão aproximada da estrutura total e da função de uma área, assim alcançada, terá muito menos valor para ulteriores pesquisas, mas representa um produto final que nos proporciona o máximo de compreensão da realidade dos lugares** [no tempo de agora, no tempo em que a regionalização é feita]” (1959, p. 135).

É mesmo de se pensar a que foram chamados Richard Hartshorne e os outros geógrafos dos Estados Unidos para a Guerra, entre 1941 e 1945, se já em 1941-1942 o início das negociações entre Dexter White (assessor do Secretário do Tesouro americano, Henry Morgenthau) e John Maynard Keynes (representante da Inglaterra) mostravam que a Guerra já havia acabado. Talvez uma boa hipótese seja que se estivesse pensando em esquadrihar o mundo, a fim literalmente montar o “mapa da mina” para o capital e o Estado norte-americano. O documento intitulado *Lições da experiência de Guerra*, 1946, com recomendações sobre o que deveria ser a Geografia e a formação dos seus estudantes parece indicar que era esse o caminho.

*The Nature of Geography* é a joia da coroa da Geografia norte-americana. Alguns consideram-no indiferente ao tempo e ao lugar. Talvez por causa desse tipo de abordagem, que dedica toda a sua atenção a assistir ao “cortejo fúnebre da prostituta ‘era uma vez’ no bordel do historicismo” (W. Benajmin, 1940), ofusque-se o tesouro que jaz sob ela.

---

<sup>109</sup> MÉSZÁROS, István. O Poder da Ideologia. São Paulo: Boitempo, 2012 (1989).

<sup>110</sup> COGGIOLA, Osvaldo. *As grandes depressões 1873-1896 e 1929-1939: fundamentos econômicos, consequências geopolíticas e lições para o presente*. São Paulo: Alameda, 2009.

<sup>111</sup> Não custa lembrar que em toda crise do capital os Estados se encarregam de montar grupos de conjuntura a fim de monitorar a saúde do doente e fazer-lhe intervenções consideradas de urgência, em nome do suposto “interesse público”.

Já a maioria dos seus críticos, criticaram-na com o objetivo de colocar outras pedras preciosas no seu lugar, dando continuidade à construção do Museu Privado da Geografia (N. Smith, 1989). Talvez por isso muitos não tenham compreendido, como compreendeu Leonard Guelke, que muito da “revolução quantitativa” se fez dentro dos termos de Richard Hartshorne, afinal, a matriz lugar-atributo e a correlação de variáveis parecem ser procedimentos insuperáveis das metodologias que fazem apologia social ao sistema do capital.

Nem em relação ao suposto caráter único das áreas a crítica se pode fazer por interiro a Hartshorne, na nossa compreensão, por dois motivos: (a) porque a sua perecibilidade suscitaria sempre novas regionalizações para interesses específicos; (b) porque parece que a diferenciação, ou melhor: a oferta de diferenciais, continua a ser uma característica da produção capitalista do espaço; lucra-se também em cima da constante busca de diferenciais. Parece que, igualadas as condições, a concorrência se estabeleceria de forma mais vigorosa, levando os lucros para baixo de forma acelerada. David Harvey parece estar correto nisso. Se ainda hoje é possível ver os modelos dos “quantitativos” em uso, as técnicas de Hartshorne também continuam vivas, ambas contribuindo ao projeto comum do capital.

Ao ignorar todas essas elaborações de Hartshorne dá-se um salto mortal com grandes riscos de cair sobre a própria cabeça. Estamos certos de que os motivos da sua eminência são complexos. Desde erudita revisão bibliográfica que faz e a proposta de método que apresenta em um cenário social em que os geógrafos buscavam a unidade do campo da Geografia e o seu espaço na divisão acadêmica do trabalho; até a sua identificação com os principais pressupostos do sistema sociometabólico do capital, compartilhados na época por concepções teóricas na economia (institucionalismo e keynesianismo), na filosofia (kantismo, neokantismo e pragmatismo) e no planejamento.

Ao desprover a geografia da temporalidade histórica e das determinações sociais, ou melhor, saindo do tempo lento da evolução da paisagem para a velocidade dos diagnósticos de conjuntura com base na correlação de variáveis, Hartshorne deu ao capital a sua imagem geométrica. A área, como carcaça do tempo do capital.

Se proeminência e as altas notas musicais atingidas por Christine na Ópera de Paris deviam a sua inspiração não ao “Anjo da Música”, mas ao Fantasma da Ópera, as

altas notas alcançadas pelo Tenor da Geografia norte-americana no século XX se devem certamente a alguma relação fantasmagórica com o mundo do capital.

## O Fantasma da Ópera

(Christine)

No sono ele cantou para mim, nos sonhos ele veio

Aquela voz que me chama

E diz meu nome

E estou sonhando novamente? Agora eu descubro

**O Fantasma da Ópera está aqui**

**Dentro da minha cabeça**

(Fantasma)

**Cante mais uma vez comigo nosso estranho dueto**

**Meu poder sobre você fica ainda mais forte**

**E embora você tenha me visto de relance, às suas costas**

**O Fantasma da Ópera está aí**

**Dentro da sua cabeça**

(Christine)

Aqueles que viram seu rosto

Recuaram com medo

**Eu sou a máscara que você usa**

(Fantasma)

**Sou eu quem eles ouvem**

(Christine e Fantasma)

**Seu espírito e minha voz em um só combinados**

O Fantasma da Ópera está (Christine/Fantasma) aqui/aí

Dentro da (Christine/Fantasma) minha/sua cabeça

(Vozes)

Ele é o Fantasma da Ópera

Cuidado com o Fantasma da Ópera

(Fantasma)

Em todas as suas fantasias, você sempre soube

O homem e o mistério

(Christine)

Eram ambos você

(Christine e Fantasma)

E nesse labirinto onde a noite é cega

O Fantasma da Ópera está (Christine/Fantasma) aqui/aí

Dentro da (Christine/Fantasma) minha/sua cabeça

(Fantasma)

**Cante meu anjo**

**Cante, meu anjo da música!**

(Christine)

Ele é o Fantasma da Ópera

(Vocalização)

(Fantasma)

**Cante para mim!**

### 3.4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M.. *Dialética do Esclarecimento - Fragmentos Filosóficos*. 1947, 110 páginas. Fonte: <http://antivalor.vilabol.uol.com.br>.

ARRIGHI, Giovani. *O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. *A Exposição Universal de Chicago*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2016.

AUROUSSEAU, Marcel. *A distribuição da população: um problema construtivo*. New York: American Geographical Society, 1921.

BARNES, Trevor J.. *American pragmatism: Towards a geographical introduction*. Elsevier, Geoforum 39 (2008) p. 1542–1554.

\_\_\_\_\_. *Geographical intelligence: American geographers and research and analysis in the Office of Strategic Services 1941 to 1945*. Journal of Historical Geography 32, 2006, pp 149–168.

BASSALA, George. “*The spread of western science*”. In: *Science*, 156, maio de 1967.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito de História* (1940). In: Walter Benjamin: aviso de incêndio. São Paulo: Boitempo, 2005.

BERDOULAY, Vincent. A Abordagem Contextual (1981). *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, N. 16, p. 47-56, JUL/DEZ de 2003.

\_\_\_\_\_. The Vidal-Durkheim debate. In: LEY, D.; SAMUELS, M. (eds.). *Humanistic geography: Prospects and problems*. London: Croom Helm, 1978. P. 77-90.

BUTTIMER, Anne. *The practice of geography*. New York: Longman, 1983.

BUTZER, K.W. *Hartshorne, Hettner e A Natureza da Geografia*, p. 35-52. In: BRUNN, S. D. & ENTRIKIN, J. N. *Reflections on Richard Hartshorne's The nature of geography*. Washington, DC: AAG, 1989.

DEWEY, John. Education and American culture. In J. Ratner (Ed.), *Intelligence in the modern world*. New York: New Library, 1939.

\_\_\_\_\_. *Experience and nature*. New York: Dover Publications, 1958.

FERNANDEZ, Brena P. M.; MAKOWIECKY, Sandra. *Paisagens da Verdade: Filosofia da Ciência e História da Arte em duas Abordagens Confluentes*. 58ª Reunião Anual da SBPC. 2006. (Congresso).

FREITAS, Edinei J. D. de. *Kant e Popper: objetividade e subjetividade em Psicanálise*. 07.02.2005. Fonte: <http://port.pravda.ru/news/sociedade/cultura/07-02-2005/7155-0/>



GRUCHY, Allan G. *A Economia do Comitê Nacional de Recursos*. The American Economic Review, 1939, p. 60-73.

HARTSHORNE, Richard. *Agricultural Land in Proportion to Agricultural Population in the United States*. Geographical Review, Vol. 29, No. 3 (Jul., 1939a), pp. 488-492.

\_\_\_\_\_. Lições da experiência de Guerra para melhorar a formação de Pós-Graduação em Pesquisa Geográfica. (Relatório da Comissão de Treinamento e Padrões na Profissão de Geógrafo, Conselho Nacional de Pesquisa) *Annals of the Association of American Geographers* 36 (1946): 195-214.

\_\_\_\_\_. *Perspectives on the Nature of Geography*. Chicago: Rand McNally, 1959.

\_\_\_\_\_. *Propósitos e natureza da geografia*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1978.

\_\_\_\_\_. *The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past*. *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 29, No. 3 (Sep., 1939b), pp.173-412.

\_\_\_\_\_. *Um novo mapa do Cinturão Industrial da América do Norte*. *Economic Geography* 12 (1936): 45-53.

HARVEY, David. *O Novo Imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. *O “novo” imperialismo: acumulação por espoliação*. In: *Socialist Register* 2004: O novo desafio imperial. Buenos Aires: CLASCO, 2006. p. 95-125.

HARVEY, F. and WARDENGA, U. *The Hettner – Hartshorne Connection: reconsidering the process of reception and transformation of a geographic concept*. *Finisterra*, XXXIII, 65, 1998, pp. 131-140.

\_\_\_\_\_. *Richard Hartshorne’s adaptation of Alfred Hettner’s system of geography*. Elsevier, *Journal of Historical Geography*, 32, (2006), p. 422-440.

HEPPLE, Leslie W.. *Geography and the pragmatic tradition: The threefold engagement*. Elsevier, *Geoforum* 39 (2008), p. 1530–1541.

LÊNIN, Vladimir I. U.. *O Imperialismo, Fase superior do Capitalismo*. Transcrito por: Tiago Saboga para o Arquivo Marxista na Internet a partir de: V. I. Lênine, Editorial Avante! - Edições Progresso, Lisboa-Moscovo, 1984. Fonte: <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/>

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KEYNES, John Maynard. *As Consequências Econômicas da Paz* (1919). Imprensa Oficial do Estado, Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais: São Paulo, 2002. (Clássicos do IPRI)

\_\_\_\_\_. *Teoria Geral do Juro, do Emprego e da Moeda* (1936). São Paulo: Nova Cultural, 1996.

KRUGMAN, Paul. *Geografia y comercio*. Barcelona: Antonio Bosch, 1992.

LATOUR, Bruno. *Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp, 2011.

MARTIN, Geoffrey. *Geografia e Passado*. In: Boletim Geográfico da GAMMA THETA UPSILON, vol. 32, nº 1, p. 5-7.

\_\_\_\_\_. *In Memoriam: Richard Hartshorne, 1899-1992*. Annals of the Association of American Geographers, 1994, 84, nº 3, p. 480-492.

\_\_\_\_\_. *Paradigm Change: a Study in the History of Geography in the United States, 1892-1925*. Organon, Polish Academy of Science, Warsaw, Número especial sobre "La pensée géographique", 20/21:1984/1985, p. 261-276

MARX, Karl. *Capital*, v. I. Moscou: Foreign Languages Publishing House, 1959.

\_\_\_\_\_. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

\_\_\_\_\_. *Sobre a Questão Judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *The Communist Manifesto*. Harmondsworth: Penguin Books, 1967.

MÉSZÁROS, István. *Estrutura Social e Formas de Consciência: A Determinação Social do Método*. São Paulo: Boitempo, 2009.

\_\_\_\_\_. *Estrutura Social e Formas de Consciência: A Dialética da Estrutura e da História*. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Filosofia, Ideologia e Ciência Social (1986)*. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Poder da Ideologia (1989)*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MEYER, William B.; FOSTER, Charles H. W.. *Regionalismo New Deal: uma revisão crítica*. Cambridge: Harvard University, 2000. (The Environmental Regionalism Series)

MOSTAFA, S. P. 1986 MOSTAFA, S. P.. *Ainda sobre metodologia*. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, v. 15, p. 171-201, 1986.

OSTERMEIER, J.F.. *De opvattingen van Alfred Hettner (1859-1941) over de plaats van de geografie in het systeem van de wetenschappen*. Een bijdrage tot zijn intellectuele biographie, Nijmegen, 1986.

POPPER, Karl. *A lógica da descoberta científica*. São Paulo: Cultrix, 1989 (1934).

\_\_\_\_\_. *Conjectures and Refutations*. London: Routledge, 1963.

SAMRA, David. *Popper on the A Priori*. University of New Hampshire, 2009. Senior Thesis. Fonte: <http://www.friesian.com/samra.htm>

SANTOS, Milton. *O espaço geográfico como categoria filosófica*. In: O Espaço em Questão. Terra Livre, nº 5. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1988, p. 9-20.

SMITH, Neil. *Desenvolvimento Desigual: Natureza, Capital e a Produção do Espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1984.

\_\_\_\_\_. *Geografia como um Museu: História Privada e Idealismo Conservador em "A Natureza da Geografia"*, p. 89-120. In: BRUNN, S. D. & ENTRIKIN, J. N. *Reflections on Richard Hartshorne's The nature of geography*. Washington, DC: AAG, 1989.

VEBLEN, Thorstein. *A Teoria da Classe Ociosa* (1899). São Paulo: Abril Cultural, 1987. (Os Economistas)

\_\_\_\_\_. *A Teoria do Negócio Empresarial* (1904). New Brunswick, NJ: Transaction Books, 1978.

WARDENGA, Ute. *Geographie als Chorologie. Zur Genese und Struktur von Alfred Hettne's Konstrukt der Geographie*. Stuttgart, 1995.

WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. 11 ed., São Paulo: Cultrix, 1999.